

Renata Gomes de Andrade Roncaratti

AS MODALIDADES DE TRADUÇÃO APLICADAS
AO CONTO "THE CASK OF AMONTILLADO" DE
EDGAR ALLAN POE



1910000959



Renata Gomes de Andrade Roncaratti

**AS MODALIDADES DE TRADUÇÃO APLICADAS AO
CONTO "THE CASK OF AMONTILLADO" DE
EDGAR ALLAN POE**



T 953/01

Disertação apresentada ao Instituto de
Biociências, Letras e Ciências Humanas da
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita
Filho", Câmpus de São José do Rio Preto, para a
obtenção do título de Mestre em Letras (Área de
Concentração: Teoria da Literatura)

Orientadora: Profa. Dra. Diva Carlos de Camargo

São José do Rio Preto

2000



Renata Gomes de Andrade Roncaratti

**AS MODALIDADES DE TRADUÇÃO APLICADAS AO
CONTO "THE CASK OF AMONTILLADO" DE
EDGAR ALLAN POE**



T 959/01

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Câmpus de São José do Rio Preto, para a obtenção do título de Mestre em Letras (Área de Concentração: Teoria da Literatura)

Orientadora: Profa. Dra. Diva Cardoso de Camargo

São José do Rio Preto
2000

AGRADECIMENTOS

A Professora Doutora Dora Cardoso de Camargo, por sua orientação, compreensão e amizade.

Ao Professor Doutor Carlos Daghlán, por todos os esclarecimentos.

A amiga Eliana De Carl, por estar sempre presente e me estimulando.

A minha tia Maria Inês Fimino Debes, por ter incentivado em mim o gosto pelo estudo desde pequena.

A Isabel Vicente da Biblioteca Nacional de Lisboa, sem a qual não teria conseguido obter o cópias para este trabalho.

Enfim, aos meus pais, por terem deixado o caminho aberto para que eu pudesse fazer isto.

*Ao Serginho, meu marido, e ao Felipe, meu filho,
por todo estímulo, compreensão e
amor no decorrer deste percurso.*

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Diva Cardoso de Camargo, por sua orientação, compreensão e amizade.

Ao Professor Doutor Carlos Daghlían, por todos os esclarecimentos.

À amiga Elisana De Carli, por estar sempre presente e me estimulando.

À minha tia Maria Inês Firmino Debeus, por ter incentivado em mim o gosto pelo estudo desde pequena.

À Isabel Vicente da Biblioteca Nacional de Lisboa, sem a qual não teria conseguido obter o cópys para este trabalho.

Enfim, aos meus pais, por terem deixado o caminho aberto para que eu pudesse trilha-lo.



RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo indicar uma via de abordagem para a tradução interlingual por meio da análise de modalidades de tradução no texto original e respectivas traduções. Há dois objetivos básicos: estabelecer correlações significativas entre o texto original e suas traduções, e delimitar a liberdade do tradutor em comparação com seus limites quanto à fronteira de estrutura e cultura entre as línguas (Aubert, 1984:73). A fundamentação teórica segue a proposta de Vinay & Darbelnet (1958, 1977) no que diz respeito às modalidades de tradução. Os pesquisadores dividiram as categorias de tradução em uma escala iniciada no grau zero até o grau máximo onde a tradução é quase impossível fazendo com que o tradutor escolha a adaptação. Tais categorias foram posteriormente reformuladas por Aubert (1984, 1998).

A fim de se alcançar os objetivos mencionados, os seguintes textos são analisados quanto às modalidades de tradução: *The Cask of Amontillado* de Edgar Allan Poe e suas traduções *O Casco de Amontillado*, *O Pipo de Amontillado* e *O Barril de Amontillado*. Com base no trabalho realizado por Camargo, que examinou a tradução de Poe no Brasil, esta pesquisa estuda as traduções de Poe em Portugal objetivando comparar ambos os trabalhos segundo as seguintes características: tempo, espaço, e diferenças e semelhanças entre os tradutores, a fim de verificar as variações diacrônicas e geográficas. Em uma segunda fase, os dois grupos de tradução são analisados: três textos de Portugal (Coimbra, 1944; Lisboa, 1966; Martins, 1998) e três textos do Brasil (São Paulo, 1958; Porto Alegre, 1960; São Paulo, 1978).

Com base nessas comparações, parece ter-se obtido elementos que possibilitam a delimitação da correlação entre a modalidade tradutória da modulação / texto literário, bem como uma possível tendência para maior individualidade por parte das traduções portuguesas mais recentes.



LISTA DE ABSTRACTS E CÓDIGOS

ABSTRACT

The present thesis aims at indicating a possible way of approaching interlingual translation through analysis of translation modalities in an original text and respective translations. There are two basic objectives: establishing significant correlations between original text and translations, and outlining translator's freedom compared with his/her limits due to structure and culture boundaries between languages (Aubert, 1984:73). Its theoretical basis follows the one proposed by Vinay & Darbelnet (1958, 1977) regarding translation modalities. They have divided translation categories in a scale ranging from zero degree to a maximum degree where translation is almost impossible, causing the translator to choose adaptation. Such categories were then reformulated by Aubert (1984, 1998).

In order to meet the above-mentioned objectives, the following texts are analyzed regarding its translation modalities: Edgar Allan Poe's *The Cask of Amontillado* and its translations *O Casco de Amontillado*, *O Pipo de Amontillado*, and *O Barril de Amontillado*. Based on a work carried out by Camargo who has examined translations of Poe's tale in Brazil, this work studies translations of Poe's tale in Portugal aiming at comparing both works according to the following features: time, space and translator differences and similarities in order to verify the texts' diachronic and geographic variations. As a second step, the two groups of translations are compared: three texts from Portugal (Coimbra, 1944; Lisboa, 1966; Martins, 1998) and three texts from Brazil (São Paulo, 1958; Porto Alegre, 1960; São Paulo, 1978).

Based on such comparisons, it seems that data has been obtained for establishing correlation between modulation / literary text, as well as a possible trend toward greater individuality in recent Portuguese translations.

10. Acrescimo

69. Adaptaço

104. Docalque

LISTA DE ABREVIATURAS E CÓDIGOS

- c.i. Cálculo impossível
E₁ Emissor do texto original, autor
E₂ Emissor do texto traduzido, tradutor
Ho conf. Hipótese nula confirmada
Ho rej. Hipótese nula rejeitada
L₁ Leitor do texto original
L₂ Leitor do texto traduzido
LC Língua de Chegada
LP Língua de Partida
LF Língua Fonte
LM Língua Meta
M_e Mensagem efetiva
M_p Mensagem pretendida
R₁ Receptor do texto original
R₂ Receptor do texto traduzido
TO Texto original
TT Texto Traduzido
TTB Texto traduzido no Brasil
TTB1 Texto traduzido em São Paulo, 1958
TTB2 Texto traduzido em Porto Alegre, 1960
TTB3 Texto traduzido em São Paulo, 1978
TTP Texto traduzido em Portugal
TTP1 Texto traduzido em Coimbra, 1944
TTP2 Texto traduzido em Lisboa, 1971
TTP3 Texto traduzido em Mem Martins, 1998
10 Acréscimo
09 Adaptação
04 Decalque



03	Empréstimo	
37	Empréstimo com explicação	
11	Erro	
07	Explicitação	
08	Modulação	
01	Omissão	
05	Tradução literal	
53	Tradução literal com empréstimo	
02	Transcrição	
06	Transposição	
69	Transposição com adaptação	
64	Transposição com decalque	
63	Transposição com empréstimo	
67	Transposição com explicitação	
68	Transposição com modulação	
65	Transposição com tradução literal	
62	Transposição com transcrição	
06b	Transposição facultativa	
06a	Transposição obrigatória	
	INTRODUÇÃO	
	CAPÍTULO 1 – UM BREVE LEVANTAMENTO DAS MODALIDADES PRINCIPAIS	
	CAPÍTULO 2 – AS MODALIDADES DE TRADUÇÃO	
	CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DOS DADOS	
	CONCLUSÃO	
	BIBLIOGRAFIA	
	APÊNDICE 1 – LEVANTAMENTO DOS DADOS – CLASSIFICAÇÃO POR MEIO DAS MODALIDADES DE TRADUÇÃO	
	APÊNDICE 2 – TABELAS E GRÁFICOS	

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO 1 – UM BREVE LEVANTAMENTO DAS PRINCIPAIS VERTENTES TEÓRICAS DA TRADUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 2 - AS MODALIDADES DE TRADUÇÃO.....	25
2.1. O modelo Vinay & Darbelnet.....	25
2.2. O modelo Aubert	28
2.2.1. A tradução direta.....	29
2.2.2. A tradução oblíqua.....	32
2.2.3. Desdobramentos.....	37
2.2.4. Modalidades híbridas.....	39
2.2.5. A Unidade de Contagem.....	41
2.2.6. Limitações do modelo.....	45
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DOS DADOS E COMPARAÇÃO.....	49
3.1. Análise dos dados obtidos com o texto literário em inglês: “The Cask of Amontillado” e três traduções feitas em Portugal.....	50
3.1.1. O escopo de liberdade dos tradutores.....	56
3.1.2. A variação diacrônica.....	58
3.1.3. Análise dos dados de um ponto de vista literário.....	60
3.2. Análise com os resultados da pesquisa sobre três traduções de “The Cask of Amontillado” feitas no Brasil.....	75
3.2.1. O escopo de liberdade dos tradutores.....	77
3.2.2. As variações diacrônica e geográfica.....	80
CONCLUSÃO.....	83
BIBLIOGRAFIA.....	87
APÊNDICE 1 – LEVANTAMENTO DOS DADOS – CLASSIFICAÇÃO POR MEIO DAS MODALIDADES DE TRADUÇÃO.....	92
Tradução 1.....	92
Tradução 2.....	106
Tradução 3.....	120
APÊNDICE 2 – TABELAS E GRÁFICOS.....	134
Tabela 1 – Distribuição absoluta e relativa entre as modalidades tradutórias nos 3 TTPs do texto literário.....	134
Figura 1 – Gráfico de apresentação das cinco modalidades de maior frequência resultantes da distribuição absoluta e relativa entre as modalidades tradutórias nos 3 TTPs.....	135
Tabela 2 – Distribuição absoluta e relativa entre as modalidades tradutórias nas três traduções brasileiras do texto literário.....	136
Figura 2 – Gráfico de apresentação das cinco modalidades de maior frequência resultantes da distribuição absoluta e relativa entre as modalidades tradutórias nos 3 TTBs.....	137
Tabela 3 – Distribuição absoluta e relativa da transposição agrupada a outras modalidades nos 3 TTPs.....	138

Figura 3 – Gráfico da distribuição absoluta e relativa da transposição agrupada a outras modalidades nos 3 TTPs.....	139
Tabela 4 – Distribuição absoluta e relativa da transposição agrupada a outras modalidades nos 3 TTBs.....	140
Figura 4 – Gráfico da distribuição absoluta e relativa da transposição agrupada a outras modalidades nos 3 TTBs.....	141
Tabela 5 – Teste de homogeneidade da distribuição obtida pela tradução de cada um dos três profissionais portugueses nas várias modalidades definidas.....	142
Figura 5 – Gráfico das hipóteses rejeitadas resultantes do teste de homogeneidade da distribuição obtida pela tradução de cada um dos três profissionais portugueses nas várias modalidades definidas.....	143
Tabela 6 – Teste de homogeneidade da distribuição obtida pela tradução de cada um dos três profissionais brasileiros nas várias modalidades definidas.....	144
Figura 6 – Gráfico das hipóteses rejeitadas resultantes do teste de homogeneidade da distribuição obtida pela tradução de cada um dos três profissionais brasileiros nas várias modalidades definidas.....	145
Tabela 7 – Teste de homogeneidade da distribuição obtida pela transposição agrupada a outras modalidades nos 3 TTPs.....	146
Figura 8 – Gráfico das hipóteses rejeitadas resultantes do teste de homogeneidade da distribuição obtida pela transposição agrupada a outras modalidades nos 3 TTPs.....	147
Tabela 8 – Teste de homogeneidade da distribuição obtida pela transposição agrupada a outras modalidades nos 3 TTBs.....	148
Tabela 9 – Distribuição absoluta e relativa entre as modalidades tradutórias nas três traduções brasileiras e três traduções portuguesas.....	149
Figura 8 – Gráfico de apresentação das cinco modalidades de maior frequência resultantes da distribuição absoluta e relativa entre as modalidades tradutórias nos três TTs de Portugal e três TTs do Brasil.....	150
Tabela 10 – Teste de homogeneidade da distribuição obtida por cada uma das três traduções brasileiras e três traduções portuguesas.....	151
Figura 9 – Gráfico das hipóteses rejeitadas resultantes do teste de homogeneidade da distribuição obtida por cada um dos 3 TTPs e 3 TTBs.....	152
Tabela 11 – Distribuição absoluta e relativa entre as modalidades tradutórias nas três traduções brasileiras e três traduções portuguesas com exceção do TTP3.....	153
Tabela 12 – Teste de homogeneidade da distribuição obtida por cada uma das três traduções brasileiras e três traduções portuguesas com exceção do TTP3.....	154
Tabelas Auxiliares 1-15.....	155
 ANEXO 1 – TEXTOS.....	 170
ANEXO 2 – LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO JUNTO À PORBASE.....	198

INTRODUÇÃO

Estamos iniciando um novo milênio e o mundo vem passando por drásticas mudanças: países estão agrupando-se a fim de facilitar o comércio e a economia como um todo. Foram criados a Comunidade Européia, o NAFTA, o Mercosul, entre outros; a tecnologia avança cada vez mais rapidamente gerando aeronaves espaciais, satélites, TV a cabo, telefones celulares, computadores, etc., facilitando e acelerando a comunicação entre as pessoas, quebrando as barreiras físicas que as separam, de modo que um acontecimento no Japão chega em segundos ao Brasil através da televisão ou mesmo da Internet. No entanto, para que essa comunicação praticamente instantânea fosse recebida e compreendida de imediato seria necessário que os povos falassem uma única língua; como esta idéia é utópica, são os tradutores e o seu produto – a tradução – que muito contribuem para que essa economia global seja movimentada e as informações transmitidas.

A tradução é uma prática muito antiga, remontando a Babel ou aos monges budistas trasladando textos em sânscrito para o chinês, como também é uma prática atual e abundante, mas, mesmo assim, ainda não é considerada ciência (podendo ser praticada por profissionais ou amadores), não possuindo objeto, método ou campo definidos apesar dos avanços alcançados pelos tradutólogos, como mostra Laranjeira (1993:15):



Nunca se pesquisou, nunca se falou nem se escreveu tanto sobre a atividade tradutória como nas duas ou três últimas décadas. E as opiniões estão longe de convergir. Oscila-se desde a afirmação da impossibilidade teórica da tradução até a convicção de que tudo é perfeitamente traduzível. Mas os textos traduzidos estão aí a nos dizer que nesse campo não cabem radicalizações. Parece mais razoável, ao invés de se falar de tradutibilidade ou intradutibilidade absolutas, aceitar que, na verdade, existem graus, aqui maiores, ali menores, de tradutibilidade.(...)

Como mencionado na citação anterior, há vários graus de traduzibilidade consoante as peculiaridades de cada texto, por exemplo, os vários tipos de texto – técnico, jurídico, literário, jornalístico, etc., o registro de linguagem usado, a época realizada, as línguas envolvidas e as características do tradutor. Podemos também encontrar divergências quanto ao público alvo a que uma tradução se destina – pessoas de diferentes classes sociais, faixas etárias e culturas, bem como o caso de um texto original do Primeiro Mundo ser traduzido para um público pertencente ao chamado Terceiro Mundo, em que entra também a questão da cultura dominante e dominada. Sendo assim, é cada vez mais importante a figura do tradutor nas relações culturais entre diferentes povos. Por essa razão, destaca-se a necessidade de estudos sistemáticos no campo da tradução com o intuito de analisar as diferenças morfossintáticas, lexicais, textuais e culturais.

Diante dessa realidade, a presente investigação visa contribuir para uma via de abordagem para futuro estabelecimento de uma tipologia tradutória, bem como examinar tendências na tradução literária que poderiam servir de subsídio tanto para o ensino e a prática da tradução como para o profissional diante deste tipo de texto. Todos nós tradutores sabemos que a tradução é possível a partir do momento em que realizamos esta tarefa no nosso



dia-a-dia, fazendo da mesma o nosso sustento. No entanto, muito temos que caminhar ainda para chegar a uma teoria que nos ajude em nossa profissão e que viabilize o ensino da tradução com maior sucesso. Assim sendo, o presente trabalho, para seguir os mesmos pressupostos teóricos, também poderia contribuir para uma linha de pesquisa de maior abrangência destinada a procurar estabelecer uma tipologia da tradução interlingual. Integram essa linha de pesquisa, iniciada em 1980 pelo Prof. Dr. Francis Henrik Aubert, do CITRAT – Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia, da Universidade de São Paulo, os estudos de Alves (1983), Darin (1986), Silva (1992), Camargo (1993), Zanotto (1993), Gehring (1998) e Corrêa (1998). Dessa linha de pesquisa, segundo Aubert (1984:73), são três os objetivos gerais:

- 1- investigar a existência de correlações significativas entre as tipologias da Língua de Partida (LP) e Língua de Chegada (LC) sobre a tipologia tradutória através do confronto do Texto Original (TO) com sua tradução;
- 2- estabelecer correlações significativas entre a tipologia textual e a tipologia tradutória, através da investigação da possível influência da tipologia textual sobre a tradução, i.e., qual a influência dos diferentes tipos de texto (técnico, literário, acadêmico, jornalístico, etc.) sobre o comportamento do tradutor;
- 3- buscar uma delimitação do escopo da liberdade do tradutor, face aos limites impostos pelas mesmas restrições textuais, estruturais e culturais das respectivas línguas em confronto.

De modo semelhante ao terceiro objetivo da linha de pesquisa do CITRAT, esta dissertação visa observar a margem de liberdade dos tradutores diante das mesmas restrições textuais impostas por um determinado texto literário.

Para essa finalidade, é necessário um método descritivo-comparativo que permita uma análise sistemática do corpus. Por esse motivo, foi adotado o modelo proposto das modalidades tradutórias, originalmente por Vinay e Darbelnet em *Stylistique Comparée du Français e de l'Anglais* (1958), retomado mais tarde por Vinay em seu artigo “*La Traducción Humana*” (1968), sem maiores modificações, contudo, e revisto na edição posterior de *Stylistique Comparée du Français e de l'Anglais* (1977). Tais categorias de tradução, denominadas procedimentos técnicos, categorias tradutórias, ou ainda modalidades de tradução, encontram-se organizadas em uma escala que abrange duas extremidades tradutórias: a modalidade da tradução direta e a modalidade da tradução oblíqua variando de um “grau zero” constituído pelo empréstimo até um grau máximo delineado pelo limite do intraduzível com a adaptação. A tradução direta abrange o empréstimo, decalque e tradução literal, enquanto que a oblíqua compreende a transposição, modulação, equivalência e adaptação. No entanto, como o modelo de Vinay e Darbelnet apresenta certas lacunas e algumas definições apresentam problemas de operacionalidade para o tipo de estudo em questão, o presente trabalho fundamenta-se na reformulação deste mesmo modelo realizada por Aubert (1984, 1998).

Com esse propósito de análise, o corpus da presente pesquisa constitui-se dos primeiros 1030 itens lexicais do texto literário em inglês “*The*



Cask of Amontillado”, em *Tales of Edgar Allan Poe*, publicado pela Random House, New York, em 1944, e dos correspondentes itens lexicais de três traduções para o Português, realizadas em Portugal e identificadas como TTP1, TTP2 e TTP3:

- 1- “O Casco de Amontillado” – Tradução de Manuel Barbosa da obra *Contos Completos*, publicada em Coimbra pela Saber, 1944;
- 2- “O Pipo de Amontillado” – Tradução de Tomé Santos Júnior da obra *Histórias de Mistério e Imaginação*, publicada em Lisboa pela Editorial Verbo, 1971;
- 3- “O Barril de Amontillado” – Tradução de Luísa Feijó da obra *Histórias Extraordinárias II*, publicada em Mem Martins para as Publicações Europa-América, 1989.

Dentre as muitas possibilidades de escolha por um texto literário a ser estudado, optamos pelo conto “The Cask of Amontillado”, de Edgar Allan Poe, primeiro por ser um conto antológico não apenas da literatura americana como também da mundial e ter sido traduzido em diversas línguas, épocas e localidades por diferentes profissionais. Isso pode ser verificado em consulta feita à PORBASE da Biblioteca Nacional, onde são encontradas diversas traduções para o português, espanhol, francês e italiano (Anexo 2). Mais especificamente, no que se refere à língua portuguesa, o mesmo conto foi editado em obras com denominações diferentes como *Histórias Extraordinárias*, *O Barril do Amontillado*, *Contos Completos*, etc. Quanto às edições selecionadas, foram

escolhidas as três mencionadas por possibilitarem o estudo de divergências ou semelhanças temporais e espaciais, e as traduções terem sido realizadas por profissionais contratados por editoras conceituadas no mercado livreiro português.

No entanto, vale a pena observar que, num primeiro momento, uma das traduções escolhidas para esta investigação era aquela presente na obra intitulada *O Barril de Amontillado e outras novelas*, publicada em Lisboa pela Livros do Brasil, em 1966, tradução de Maldonado Faria. Contudo, ao se confrontar todas as traduções encontradas disponíveis para este trabalho, verificamos que a tradução “O Barril de Amontillado” de Maldonado Faria era praticamente idêntica à de Oscar Mendes e Milton Amado (In: *Poesia e Prosa*, publicada em Porto Alegre, pela Editora Globo, em 1944), salvo algumas modificações referentes a vocabulário e colocação de pronomes. Em um primeiro levantamento, verificamos que apenas 7% do conteúdo textual das traduções era divergente: optamos, então, por trabalhar com outra tradução já que tal fato interferiria no resultado desta pesquisa. Isto pode ser constatado em John Milton (1994:26), que, ao examinar traduções e publicações de romances traduzidos do inglês para o português no período entre 1930 e 1970 no Brasil, observou que diferentes publicações da mesma tradução são uma prática um tanto comum:

Outro fator bastante comum é a reaparição da mesma tradução em várias edições. A mesma tradução, igual ou com algumas pequenas alterações, pode reaparecer com o nome de outro tradutor. *As Viagens de Gulliver a Terras Desconhecidas* foi publicado em uma versão com bastante cortes pela Editora Cultura, em 1942, tradução de Henrique Marquês Júnior, “tradução escrupulosamente revisada e modernizada”. “Escrupulosamente revisada” é um eufemismo para “contém muitas omissões”. Uma tradução idêntica, salvo algumas mudanças da ortografia do português de Portugal para o português do Brasil, foi publicada como

Viagens de Gulliver pela Jackson em 1957. Dessa vez o tradutor era Cruz Teixeira.

A presente pesquisa compreende uma análise *interna corpore* e uma análise *externa corpore* com a finalidade, a partir das amostras do Texto Original e respectivos Textos Traduzidos, de observar as categorias que ocorrem com maior ou menor frequência no processo tradutório do inglês para o português. Mais especificamente, temos como objetivo ainda verificar as tendências dos três profissionais ao escolherem soluções que corresponderiam a essa ou aquela modalidade de tradução, apresentando conseqüentemente uma maior propensão para a tradução direta ou oblíqua segundo Vinay e Darbelnet, ou ainda para uma tradução mais semântica ou mais comunicativa, segundo Newmark (1981). Uma vez feita a quantificação dos dados no *cópus* em estudo, pretendemos examinar a possibilidade da existência de uma margem de variação interindividual nos três tradutores do conto. Pelo fato de as três traduções terem sido feitas em épocas diferentes e com um espaço maior do que duas décadas, temos a finalidade também de observar se a diacronia mostra variação na frequência das modalidades e influencia o processo tradutório como um todo. Além disso, como todas as traduções foram feitas em localidades diversas, pretendemos também verificar, além da influência temporal, se há variação geográfica.

Na análise *externa corpore*, pretendemos cotejar os resultados encontrados na análise *interna corpore* com os dados da tese de doutorado de Camargo, *Contribuição para uma tipologia da tradução: as modalidades de tradução no texto literário*, defendida junto à USP em 1993. Tal investigação teve como objetivo os mesmos mencionados anteriormente, com a diferença de as



traduções usadas terem sido todas editadas no Brasil enquanto que as da presente pesquisa foram editadas em Portugal. As edições em questão das três traduções brasileiras são:

- 1- “O Barril de Amontillado” – Tradução de José Paulo Paes da obra *Histórias Extraordinárias*, publicada em São Paulo pela Cultrix, 1958;
- 2- “O Barril de Amontillado” – Tradução de Oscar Mendes e Milton Amado da obra *Poesia e Prosa*, publicada em Porto Alegre pela Editora Globo, 1960;
- 3- “O Barril de Amontillado” – Tradução de Breno Silveira e outros da obra *Histórias Extraordinárias*, publicada em São Paulo pela Abril Cultural, 1978.

Desse modo, a partir do TO “*The Cask of Amontillado*” e suas respectivas traduções – “*O Barril do Amontillado*” – em três edições realizadas em Portugal e em outras três feitas no Brasil, pretendemos verificar a possibilidade ou não de variação diacrônica entre as décadas de 40 e 90 e variação geográfica entre Brasil e Portugal.

Para desenvolver os objetivos propostos, o presente trabalho apresenta-se organizado em três capítulos, dois apêndices e dois anexos.

O Capítulo I faz uma síntese das diferentes abordagens do processo tradutório partindo das abordagens tradicionais até as contemporâneas privilegiando a questão da equivalência na tradução, pois, como mostra a literatura, os tradutores no decorrer do tempo privilegiam ora a forma ora o

conteúdo. Os diferentes enfoques serão apresentados então sob a visão de tradução dos seguintes estudiosos: Mounin (1963), Nida (1964), Catford (1969), Vinay e Darbelnet (1958, 1977), Vásquez-Ayora (1977), e Newmark (1981). Ainda serão apresentadas de modo sucinto as abordagens pós-estruturalistas: a tradução como um ramo da Literatura Comparada defendida pelo grupo da Manipulation School e pelo grupo da Universidade de Göttingen na Alemanha, a abordagem integrada de Mary Snell-Hornby (1988), o desconstrutivismo de Derrida, a questão da Ética na tradução de Berman (1984) e a tradução estrangeirizadora ou domesticadora de Venuti (1995).

O Capítulo II traz o modelo proposto por Vinay e Darbelnet (1958, 1977) utilizado como método para a presente investigação; também cada uma das treze modalidades propostas na reformulação do método por Aubert (1984, 1998) é analisada neste capítulo. A seguir, os respectivos critérios para uma unidade de contagem são estabelecidos para a quantificação das categorias tradutórias, bem como são comentadas algumas limitações do modelo Aubert.

O Capítulo III apresenta a análise dos dados levantados no *cópus* em questão por meio de dois níveis de comparação: *interna corpore* e *externa corpore*. A análise *interna corpore* visa a distribuição absoluta e relativa entre as modalidades levantadas no *cópus*, bem como a observação de possíveis diferenças quantitativas entre cada modalidade e a variação interindividual dos profissionais, além de examinar possíveis variações diacrônicas e geográficas. A análise *externa corpore* apresenta os mesmos objetivos, porém no *cópus* total, ou seja, os três TTPs e os três TTBs.



A seguir, é apresentada a conclusão referente às considerações desenvolvidas nos capítulos anteriores.

O Apêndice 1 contém as aplicações das modalidades de tradução nos três Textos Traduzidos que abrangem o corpus da presente investigação. O Apêndice 2 traz as tabelas e os gráficos resultantes dos dados levantados na pesquisa em questão. Pelo fato de as traduções terem sido publicadas em Portugal, e serem de difícil acesso, o Anexo 1 traz uma cópia dos três textos traduzidos, como também o quarto texto levado primeiramente em conta, porém não utilizado conforme mencionado anteriormente. O Anexo 2 contém um levantamento bibliográfico junto à PORBASE.



CAPÍTULO 1

UM BREVE LEVANTAMENTO

DAS PRINCIPAIS VERTENTES TEÓRICAS DA TRADUÇÃO

O ato de traduzir é um fenômeno multifacetado que envolve correlações lingüísticas, discursivas, culturais, antropológicas, psicológicas, etc., e, por assim o ser, tem resultado em abordagens diversas no tocante a sua conceituação. Na busca por uma tradutologia, vários teóricos têm levantado diferentes pontos de vista, dentre eles a total impossibilidade da tradução ou a discussão clássica entre tradução livre e tradução literal. No entanto, através da análise de uma linha teórica estendendo-se desde a década de 50 até os dias atuais, podemos observar uma busca dialética pela conceituação teórica da tradução sem optarmos definitivamente por uma ou outra abordagem. Desse modo, a proposta das modalidades tradutórias, por meio do levantamento e descrição de categorias, pode ser considerada uma das contribuições que possibilita uma reflexão sobre o ato tradutório. O presente trabalho, antes de apresentar o modelo de Vinay & Darbelnet (1958, 1977) e a proposta reformulada por Aubert (1984, 1998), inicialmente traça uma breve evolução de algumas abordagens presentes nos estudos tradutológicos.

Várias abordagens tradutórias baseiam-se no conceito de equivalência. Nida, escrevendo sobre tradução, buscou subsídios teóricos na semântica e pragmática, como também na gramática de base gerativo-



transformacional de Chomsky (1957) e funções da linguagem descritas por Jakobson (1980), a fim de estabelecer a natureza do significado. Tendo uma visão da língua como código comunicativo, Nida propôs um “modelo operacional” da tradução, visando a passagem de significados (não de estruturas) do TO para o TT. Seu modelo é dividido em três etapas: (1) redução do TO em núcleos; (2) transferência do significado da LP para a LC de maneira estrutural; e (3) criação de uma estilística e semântica equivalente na LC. Segundo Nida (1964), “o traduzir consiste em reproduzir na Língua de Chegada o equivalente natural mais próximo da mensagem da Língua de Partida, primeiro quanto ao sentido e depois quanto à forma”, confirmando-se assim o papel primordial da equivalência semântica sem deixar de levar em consideração a equivalência no plano formal. A visão de Nida vai além da simples comparação das estruturas correspondentes nas duas línguas. De acordo com sua teoria, o leitor do texto na LC deve ter “o mesmo impacto” que o leitor do Texto Original cabendo ao tradutor a busca por uma comunicação direta entre o autor do TO e o leitor do TT em um processo dinâmico de reprodução.

Como Nida, Catford (1969) trabalha com o conceito de equivalência, porém, não mais a de sentido e estilo, mas a equivalência textual. Visualizando a tradução como uma operação realizada com base na linguagem, o estudioso propõe uma teoria lingüística geral a partir dos estudos de M.A.K. Halliday e J.R. Firth. O ponto inicial de Catford é considerar como a linguagem se relaciona com as situações sociais nas quais a mesma opera e é justamente com uma destas relações que se preocupa a teoria da tradução: “a equivalência na

tradução pode ser estabelecida, e as traduções realizadas, entre quaisquer pares de linguagens ou dialetos – “relacionados” ou “não relacionados” – e com qualquer tipo de relação espacial, temporal, social ou outra qualquer existente entre elas.” (1964:20). Catford considera a tradução “a substituição de material textual de uma língua por material textual equivalente em outra” (1964:1), onde o processo é sempre unidirecional, i.e., da LP para a LC. Para Catford, a equivalência na tradução é um fenômeno empírico que pode ser descoberto na comparação da LP com a LC. Segundo ele, as traduções podem ser de vários tipos, dependendo de sua extensão, nível e classificação. Quanto a sua extensão, a tradução pode envolver apenas uma parte ou todo um texto. No que diz respeito aos níveis, a tradução pode ser total, quando há substituição da gramática e léxico da LP por equivalente em LC e conseqüente substituição da fonologia/grafologia da LC para LP, seja esta substituição equivalente ou não; ou restrita, onde a substituição ocorre na fonologia ou grafologia, i.e., em apenas um dos níveis. Ao retratar as classificações, Catford acredita que a equivalência na tradução possa ocorrer em diferentes níveis: sentença-por-sentença, grupo-por-grupo, palavra-por-palavra, morfema-por-morfema. Tendo uma visão estruturalista baseada na teoria de Halliday, Catford propõe ainda uma distinção entre equivalência textual e correspondência formal. A equivalência textual ocorreria quando uma parte ou todo um texto em LC é equivalente a uma parte ou todo de um texto em LP. Por outro lado, a correspondência formal é qualquer categoria (unidade, classe, estrutura, etc.) em LC que venha a ocupar o mesmo local em LC que a categoria em LP ocupa na LP. Catford afirma ainda que a tradução é sempre “uma operação

relativa em seu sucesso, variável nos níveis de comunicação que exige”, porém, nunca é “inexoravelmente impossível”.

Para Broeck (In: Holmes, Lambert & Broeck: 1978), definir tradução em relação à equivalência textual é extremamente vantajoso já que não sugere que a tradução deva ter o mesmo significado do Texto Original e não a restringe à correspondência simplesmente semântica. Segundo Broeck (1978:44),

o conceito teórico da equivalência na tradução literária parece ser de natureza mais complexa do que esperávamos. E não há dúvida de que os processos práticos de se estabelecer e verificar a equivalência envolvem problemas de complexidade semelhante ou até maior.

A proposta das modalidades de tradução de Aubert é baseada na teoria dos professores canadenses Vinay & Darbelnet (1958, 1977) em *Stylistique comparée du français et de l'anglais*. Os teóricos construíram o primeiro método de tradução com base na lingüística estrutural saussuriana e na estilística e, como os outros teóricos mencionados anteriormente, conceberam o ato tradutório como a busca pela equivalência, desta vez entre os termos da LP e seus correspondentes na LC, considerando a equivalência quanto ao conteúdo e não quanto à forma.

Na prática, todos sabem que existem, entre as duas línguas comparadas, enormes diferenças que resultam em um mesmo enunciado. Por conseguinte, ao invés de enfatizar as divergências, seria melhor buscar as equivalências, que podem ser, formalmente, muito diferentes, daí o interesse por uma classificação que permita reconhecê-las (1958:8).

Foi proposto então o modelo de modalidades tradutórias divididas em tradução direta (transcrição, empréstimo, decalque e tradução literal) e tradução oblíqua (transposição, modulação, equivalência e adaptação). O modelo proposto por Vinay & Darbelnet, bem como a reformulação feita por

Aubert, serão apresentados no Capítulo 2 do presente trabalho. Aubert (1989), mais recentemente, afirma que a tradução é um compromisso entre fidelidade e diversidade: fidelidade entre emissor do texto na Língua de Partida e receptor do texto na Língua de Chegada e diversidade entre tradutor e autor, códigos, culturas, épocas, etc.

Mounin procura provar que a tradução é uma operação lingüística em sua obra *Os Problemas Teóricos da Tradução* (1963). Com base nas teorias de Saussure, Bloomfield, Harris e Hjelmslev sobre diferenças culturais e equivalência semântica no léxico e aspectos morfossintáticos, Mounin afirma que há vários obstáculos para a tradução fazendo com que a mesma possua mais limitações do que possibilidades de êxito, e.g., as diferenças entre sistemas culturais e lingüísticos limitam o alcance da equivalência entre LP e LC tornando a tradução uma operação “de sucesso relativo e variável nos níveis de comunicação por ela atingidos”.

Jakobson (1969:64) também demonstra sua preocupação com a equivalência do sentido contido em um texto em LP e sua reprodução na LC. Para o teórico, há três tipos de tradução: intralingual, interlingual e intersemiótica. A tradução intralingual seria a interpretação de signos verbais através de outros signos verbais da mesma língua, a tradução interlingual consistiria na interpretação de signos verbais através de uma outra língua, e a tradução intersemiótica seria a interpretação de signos verbais através de signos não verbais. Segundo o estudioso, o problema pertinente à tradução interlingual é que “envolve duas mensagens equivalentes em dois códigos diferentes”, originando

assim a principal questão da linguagem e maior preocupação da lingüística: a equivalência na diferença.

Ainda levando em consideração a lingüística, Vazquez-Ayora, assim como Vinay & Darbelnet (1958), Nida (1964) e Catford (1965), oferece uma descrição lingüística para o estudo da tradução tendo como fundamento a análise contrastiva de base gerativo-transformacional e a semântica estrutural em seu livro *Introducción a la Traductologia* (1977). Seu modelo transformacional é muito semelhante ao modelo proposto por Vinay & Darbelnet. Segundo Vasquez-Ayora, há dois macroeixos no modelo de estudo: a tradução literal, composta por um procedimento único, e a tradução oblíqua, dividida em procedimentos principais (transposição, modulação, equivalência e adaptação) e procedimentos complementares (amplificação, explicitação, omissão e compensação). O estudioso não leva em consideração as modalidades empréstimo e decalque de Vinay & Darbelnet; no entanto, as principais modalidades da tradução oblíqua são as mesmas descritas pelos pesquisadores canadenses com a adição da omissão. Vázquez-Ayora ainda discute sobre o nível em que um tradutor deve transferir as idéias de uma língua para a outra chegando à conclusão de que o mais conveniente seria a utilização dos níveis em que as línguas tendem a convergir, i.e., mostrar um maior número de características comuns nas estruturas profundas.

Com Newmark (1981), a discussão sobre um estudo da tradução muda seu eixo passando para a tradução como um ato de comunicação da mensagem e tal fato ocorre simultaneamente com uma mudança nos estudos lingüísticos: o texto passa a ser analisado no que diz respeito a suas funções

comunicativas e não apenas como um fenômeno lingüístico. Assim, Newmark, em seu *Approaches to Translation*, introduz as funções da linguagem no modelo de tradução dividindo-a em tradução semântica e comunicativa. Na tradução semântica o foco está na LP, no autor e no seu público com o objetivo de transmitir com a maior aproximação possível o significado contextual do TO através das estruturas semânticas e sintáticas da LC. Na tradução comunicativa, o foco está na LC e no leitor com o intuito de produzir nos leitores um efeito tão próximo quanto possível do efeito produzido nos leitores do TO. Entre as duas polaridades da tradução sugeridas pelo modelo de Vinay & Darbelnet, Newmark expande os procedimentos propondo dezessete categorias: transferência, decalque, tradução um-por-um, transposição, modulação, equivalência cultural, expansão, omissão, compensação, sinonímia lexical, rótulo tradutório, definição, paráfrase, contração, reconstrução de períodos, reorganização / melhorias, dístico tradutório e naturalização.

Newmark defende ainda que a tarefa do tradutor é criar um *princípio do efeito equivalente* em seus leitores, facilitando sua compreensão e aproximando o texto através do nivelamento de diferenças estruturais e realidades extralingüísticas presentes entre a LP e a LC. Para isso, o tradutor deve utilizar as funções da linguagem, o que o ajudará a decidir que tipo de tradução escolher, livre ou literal, e.g., um texto de função expressiva deveria requerer uma tradução literal, enquanto que em um texto de função informativa, o tradutor deveria realizar uma tradução comunicativa voltada para o efeito equivalente com ênfase no texto na LC.



O próximo passo para um estudo de abordagens tradutológicas foi a ênfase nos aspectos sociais, culturais e históricos da tradução na área da Literatura Comparada. Há dois grupos representantes desta nova abordagem, o “Manipulation School”, onde se destaca o teórico André Lefevere (1992), e o grupo da Universidade de Göttingen na Alemanha (1993). O grupo “Manipulation School” busca uma metodologia independente e específica para a tradução dentro da teoria do polissistema que enfatiza a importância da abordagem sistemática. Segundo esses teóricos, a tradução não pode ser estudada simplesmente através do confronto entre TT e TO pelo fato de a literatura ser um sistema dinâmico e complexo dentro da qual ocorrem constantes mudanças de valores das mais variadas obras e gêneros. A questão não é encontrar ou não a equivalência, mas que tipo de equivalência é procurada.

Os teóricos da Universidade de Göttingen na Alemanha também levam em consideração o contexto histórico e social das obras traduzidas; porém, não consideram a literatura enquanto sistema, partem da abordagem de que a tradução literária é parte da linguagem do país, uma atividade cultural que integra e contribui para a herança cultural do mesmo.

Outra abordagem para o estudo da tradução é a proposta de Mary Snell-Hornby (1988) com base na psicolinguística e sociolinguística. A pesquisadora lança mão dos princípios da escola Gestalt de psicologia para criar um modelo denominado prototipologia que define o texto como parte integrante do mundo fazendo com que o processo tradutório adote uma orientação cultural,

não lingüística. O texto não é estático e a tradução é um processo dinâmico de recriação.

Diferentes abordagens teóricas da tradução levadas em consideração levantam a questão da noção de equivalência como determinável e transferível de uma língua para a outra. Já o desconstrutivismo, na figura do teórico Jacques Derrida (1985), considera o texto como receptáculo de várias interpretações diferentes, não apenas um sentido único. Tendo como ponto de partida o conceito de que língua é um sistema de diferenças, o desconstrutivismo defende a idéia de que indivíduos diferentes possuem interpretações diferentes para um mesmo texto em questão; assim sendo, passam a questionar a competência da própria língua como veículo transmissor de sentido. Cada significado possui um sentido diferente quando comparados a outros significados, fazendo com que o texto seja um jogo de diferenças lingüísticas, as quais não podem ser analisadas a partir de um único ponto de referência, i.e., um único ponto de vista/intenção do autor/leitor.

Há também a proposta do teórico Lawrence Venuti (1995) ao levar a discussão da tradução para a área da ideologia entre sociedades dominantes e dominadas, enfatizando a questão da tradução domesticadora ou estrangeirizadora. Venuti preconiza a abordagem da resistência à domesticadora mostrando-se contra o apagamento do tradutor. Segundo o teórico, o conceito individualista de autoria encontrado na cultura anglo-americana faz com que os tradutores busquem o seu apagamento, o que resulta na tradução como uma



representação secundária, “uma imitação”, ao passo que a mesma deveria estar preservando as diferenças lingüísticas e culturais do texto estrangeiro.

Ainda com certa analogia à obra de Venuti, mas com valorização da ética na tradução, podemos observar o trabalho do francês Berman. Para o estudioso, a tradução está estritamente ligada à cultura. Dependendo da época histórica em questão, “a prática da tradução *articula-se* à da literatura, das línguas, dos diversos intercâmbios culturais e interlingüísticos” (Berman, 1984:3). Dessa forma, para se desenvolver uma abordagem teórica moderna da tradução, o primeiro passo deveria ser a descoberta do significado de tradução no campo cultural atual.

Berman chega à conclusão de que hoje em dia a tradução apresenta uma *condição ancilar*, i.e., é escrava, serve, serve de auxílio ou subsídio a outra, seja esta outra a obra, o autor e a LP, ou o público alvo e a LC – o que constitui-se um grande drama: a quem este deve ser fiel? Ao optar pela primeira possibilidade, o tradutor corre o risco de dar origem a um texto cheio de estranheza e ser tido como um traidor para a sua própria cultura. Se optar pela segunda, o tradutor provavelmente terá como resultado um texto fiel ao seu público; porém, sem as marcas da cultura estrangeira, traindo de certo modo o próprio autor da obra. Diante desse contexto, o tradutor geralmente opta pela sua invisibilidade criando um texto fluente e sem marcas da outra cultura; é um “humilde mediador de obras estrangeiras, sempre traidor mesmo querendo ser a fidelidade encarnada” (Berman, 1984:7).

Sob este ângulo, as diferentes culturas, embora necessitando da tradução, geralmente resistem a ela com receio de que possam modificar-se – é o chamado etnocentrismo; o que é mais um desejo do que realidade propriamente dita. Nenhuma cultura vive somente de si, ainda mais no mundo globalizado de hoje. As sociedades e culturas precisam interagir na busca de uma condição melhor e esta interação se dá através da tradução. Assim sendo, a tradução está em posição ambígua: é necessária, porém nem sempre aceita enquanto objeto de transporte cultural. Pode ser considerada etnocêntrica, i.e., uma “*má*” tradução, como coloca Berman, quando privilegia a cultura de chegada e promove o apagamento do tradutor, negando sistematicamente toda estranheza da obra estrangeira.

Quando Berman denomina a tradução de etnocêntrica ou não e desenvolve seu estudo intitulado *Ética da Tradução*, trabalha com os argumentos de Schleiermacher. O estudioso alemão divide a tradução em dois métodos: (1) o domesticador, quando o tradutor reduz etnocentricamente o texto original valorizando a cultura da LC, enviando assim o leitor para sua própria cultura; e o (2) estrangeirizador, quando o tradutor exerce pressão sobre os valores da cultura da LC a fim de registrar as diferenças culturais e lingüísticas do texto original, enviando assim o leitor para o estrangeiro (Venuti, 1995:20). Mesmo com termos diferentes, etnocêntrica ou domesticadora e não-etnocêntrica ou estrangeirizadora, segundo Berman ou Schleiermacher, respectivamente, os dois estudiosos parecem defender o uso da segunda, como coloca Venuti (op.cit.), já que a tradução não-etnocêntrica/estrangeirizadora não é uma representação transparente da essência e

valores do texto original, mas sim uma construção estratégica dentro da cultura da LC que procura restringir ao máximo a violência da tradução etnocêntrica.

O próprio Venuti, em seu livro *The Translator's Invisibility* (1995), trata dessas abordagens de tradução e defende a tradução estrangeirizadora. Coloca que, enquanto teoria e prática, a tradução estrangeirizadora foi primeiramente formulada na Alemanha no período Romântico (período tratado por Berman em seu *L'Épreuve de l'étranger: Culture et traduction dans l'Allemagne romantique*, 1984) e foi posteriormente retratada na França através dos desenvolvimentos ocorridos na filosofia, crítica literária, psicologia e sociologia, vindo então a ser conhecida como uma das abordagens da teoria pós-estruturalista.

No entanto, como é sabido, a postura estrangeirizadora é recente e defendia-se de modo geral a tradução domesticadora, i.e., a tradução seria considerada adequada se fosse fluente. Entendemos por fluente a tradução que produz a idéia de transparência, mascarando, assim, a verdadeira equivalência semântica do texto traduzido em prol de uma interpretação parcial sem as marcas da cultura de partida, e fazendo desaparecer a diferença cultural que a tradução deveria transmitir. Um exemplo citado por Venuti seria a tradução de textos cristãos dentro do conceito de tradução comunicativa de Nida (1964). Segundo Venuti, a tradução deveria ser transparente, mesmo sendo extremamente difícil conseguir tal efeito, para que a reação dos leitores da tradução fosse semelhante à reação dos leitores do original.

Venuti claramente defende a tradução não-transparente, i.e., estrangeirizadora e não-etnocêntrica, afirmando que a mesma é uma forma de resistência contra o etnocentrismo, racismo, narcisismo cultural e imperialismo, valorizando acima de tudo as relações culturais democráticas (Venuti, 1995:20).

No entanto, na maioria das vezes o tradutor se depara com condições onde a tradução estrangeirizadora tão defendida por Venuti não é possível, isto é: Venuti teoriza de dentro da cultura americana, o que lhe fornece condições muito diferentes das nossas no Brasil, e até mesmo de Portugal; a briga do tradutor com o texto no momento de seu trabalho é o que vai muitas vezes determinar a possibilidade de uma tradução valorizar o TO, o autor e a LP ou o TT, o leitor ou a LC; e ser tradutor é uma profissão e como todas as profissões há sempre o cliente, no caso da tradução literária, as editoras, as quais impõem condições que geralmente implicam na maior transparência possível do texto.

Levando-se em conta todas essas implicações que envolvem a tradução, o presente estudo segue a linha de pesquisa do CITRAT, posto que o tradutor lida com o texto, mas na hora de traduzir lida com palavras, orações, dicionários, glossários, etc.; desse modo, a abordagem estruturalista não é somente válida, como também está em relação de complementaridade, e não de exclusão, em relação às abordagens textuais ou pós-estruturalistas.

O presente trabalho baseia-se no modelo das modalidades tradutórias proposto por Aubert, o qual tem por origem a classificação dos “procedimentos técnicos” de tradução criados por Vinay & Darbelnet. Dentro deste panorama dos estudos da tradução, o presente trabalho leva em consideração

as investigações de Alves (1983), Darin (1986), Silva (1992), Camargo (1993), Zanotto (1993), Gehring (1998) – a saber –

- *Modalidades de Tradução: uma avaliação do modelo proposto por Vinay & Darbelnet*, dissertação de mestrado apresentada por Irene da Costa Alves na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 1983;
- *Translation Modalities in the Comparison of English and Portuguese of excerpts taken from C. Castañeda's novel 'The Teachings of D. Juan' or 'A Erva-do-Diabo'*; dissertação de mestrado defendida por Leila Cristina Mello Darin na Universidade de Exeter, Inglaterra em 1986;
- *As Modalidades de Tradução Aplicadas ao conto "O Cobrador": um estudo comparativo*, dissertação de mestrado defendida por Maria das Graças G. Villa da Silva na Universidade de São Paulo em 1992;
- *Contribuição para uma Tipologia da Tradução: As modalidades da tradução no texto literário*, tese de doutorado defendida por Diva Cardoso de Camargo na Universidade de São Paulo em 1993;
- *Tipos de texto e modalidades de tradução*, tese de doutorado defendida por P. Zanotto na Universidade de São Paulo em 1993.
- *As modalidades de tradução inglês ↔ português: correlações bidirecionais*, tese de doutorado defendida por S. T. Gehring na Universidade de São Paulo em 1998.

Tendo comentado brevemente as principais abordagens teóricas, passaremos para o Capítulo 2 que é dedicado à exploração dos modelos teóricos de Vinay & Darbelnet (1958, 1977) e de Aubert (1984, 1998).

CAPÍTULO 2

AS MODALIDADES DE TRADUÇÃO

2.1. O modelo Vinay & Darbelnet

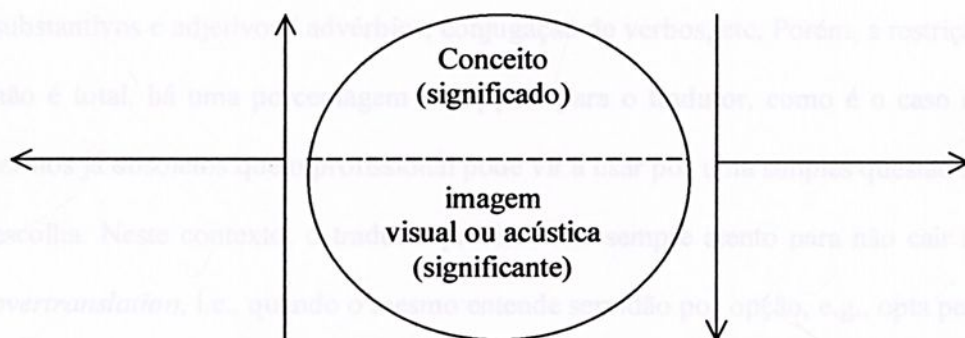
Vinay & Darbelnet consideram a tradução como “uma disciplina exata, com seus próprios métodos e problemas particulares” e preferem optar por um princípio de exploração sistemática do texto original e da sua tradução. Acreditam que a tradução seja uma disciplina auxiliar da Lingüística, pois é por meio da mesma que os mecanismos de uma língua para outra podem ser pesquisados. Sendo a tradução uma disciplina comparativa, é necessário que o tradutor profissional tenha excelente domínio tanto da gramática quanto do vocabulário das duas línguas envolvidas no processo. Com base na análise lingüística em questão, Vinay & Darbelnet criaram uma abordagem a partir de estruturas lingüísticas e psicologia dos usuários da língua através da seguinte metodologia:

- a- Tentar seguir o modo que nossa mente trabalha conscientemente ou subconscientemente quando passa de uma língua para outra e registrar seu progresso. Enquanto sempre há ocasiões nas quais é preferível um atalho, é igualmente verdade que uma rede cuidadosamente traçada de trajetos auxilia a jornada da mente de uma língua para outra.
- b- Estudar os mecanismos da tradução com base em exemplos claros e de pesquisa a fim de se chegar a métodos de trabalho de tradução e além desses métodos descobrir as atitudes mentais, sociais e culturais que os informam. (1995:10)¹

¹ Tradução minha a partir do TO: *a- attempt to follow the way our mind works consciously or subconsciously when it moves from one language to another and record its progress. While there are always occasions in which shortcuts are preferable, it is equally true that a carefully traced network of paths assists the journey of the mind from one language to the other; b- study the*



Três aspectos da língua escrita são levados em consideração na metodologia dos pesquisadores canadenses: o léxico, a sintaxe e a mensagem. A mensagem compreende o significado global de um signo que por sua vez origina-se no vocabulário e é modificado pela gramática, entonação, etc. O signo é um conceito complexo. Segundo Saussure, é a união inseparável de um conceito e sua forma escrita ou oral. Pode ser dividido em significado (parte conceitual) e significante (parte lingüística), e pode ser observado na seguinte representação gráfica, feita por Saussure (1960) em seu *Course in General Linguistics* e ampliada por Vinay & Darbelnet (op.cit.:13).



No processo tradutório, a interação significante-significado ocorre no momento da compreensão da mensagem do TO, ao passo que a interação significado-significante ocorre no processo da tradução em si.

A mensagem é o sentido de um signo em certo contexto, e, por sua vez, o sentido é o contraste de um signo com outro na mesma língua. Sendo assim, um signo pode passar uma determinada mensagem em uma língua ao passo que denota várias outras mensagens em uma outra língua, e.g., o signo *room* em

mechanisms of translation on the basis of clear and searching examples in order to derive working methods of translation and beyond these methods discover the mental, social and cultural attitudes which inform them.

inglês pode referir-se à *sala/quarto/espço/possibilidade* em português. O escritor / falante de uma mensagem vai sempre lançar mão da *langue* para chegar à *parole*, ou seja, *langue* são os termos e expressões à disposição do falante de uma língua; corresponde às noções tradicionais de léxico e gramática. Já a *parole* corresponde às mensagens em si; o falar ou escrever constitui um ato da *parole*. Em resumo, o sentido pertence à *langue* e a mensagem à *parole*.

Levando-se em consideração o léxico, a sintaxe e a mensagem, outra distinção importante é a questão entre servidão e opção. Na maior parte das vezes o tradutor entrega-se à servidão da língua, e.g., concordância de substantivos e adjetivos / advérbios, conjugação de verbos, etc. Porém, a restrição não é total, há uma porcentagem de opções para o tradutor, como é o caso de termos já obsoletos que o profissional pode vir a usar por uma simples questão de escolha. Neste contexto, o tradutor precisa estar sempre atento para não cair na *overtranslation*, i.e., quando o mesmo entende servidão por opção, e.g., opta pelo uso de uma expressão quando poderia usar uma simples palavra. A opção é uma consequência da variação estilística que, por sua vez, pode ser interna (dentro de uma única língua) ou comparativa (os meios expressivos de duas línguas).



2.2. O modelo Aubert

Em 1984, o professor Francis Henrik Aubert, em seu artigo “Descrição e Quantificação de Dados em Tradutologia”, propõe uma linha de pesquisa da tradução com o intuito de verificar a aplicação das modalidades tradutórias no estudo, ensino, crítica e prática da tradução. Discute a questão da dificuldade em se desvendar o processo do “transporte de uma mensagem, vasada numa determinada língua, para uma outra mensagem que, embora manifestamente outra, por expressar-se em outra língua, suporte de outro complexo sócio-cultural, é equivalente à primeira”, e sugere um “estudo de natureza comparativa” entre Texto Original e Texto Traduzido (1984:72). Adota, por essa razão, o modelo de Vinay & Darbelnet, enfatizando que as modalidades não possuem o compromisso de corresponder aos processos psico-neuro-lingüísticos, não designam um produto de reflexão por parte do tradutor, mas são a observação sobre o produto de um processo tradutório.

Tais modalidades de tradução inicialmente formuladas por Vinay & Darbelnet em 1958 e reformuladas por Vinay em 1968 em seu *La Traduction Humaine*, quando faz pequenas modificações, são redefinidas por Aubert em 1984 e 1998. As modalidades são propostas em uma escala que parte do “grau zero” da tradução até o limite do intraduzível, extremos esses que são divididos em tradução direta e oblíqua, como pode ser observado no quadro abaixo:

Modelo Descritivo de Vinay & Darbelnet		Proposta Classificatória de Aubert	
Código	Modalidades	Código	Modalidades
01	Empréstimo	01	Omissão
02	Decalque	02	Transcrição
03	Tradução Literal	03	Empréstimo
04	Transposição	04	Decalque
05	Modulação	05	Tradução Literal
06	Equivalência	06	Transposição
07	Adaptação	07	Explicitação / Implicitação
	Modalidades Híbridas	08	Modulação
		09	Adaptação
		10	Tradução Intersemiótica
		11	Acréscimo
		12	Erro
		13	Correção
			Modalidades Híbridas

Segue-se então a exposição das treze modalidades tradutórias, divididas em tradução direta, tradução oblíqua, desdobramentos, bem como a apresentação dos casos híbridos registrados na presente pesquisa.

2.2.1. Tradução direta

02 – Transcrição

A transcrição corresponde, segundo Aubert, ao “grau zero” da tradução, mas é considerada pelo teórico um procedimento efetivo de tradução.

Inclui segmentos comuns às duas línguas envolvidas, são unidades lingüísticas

universais como algarismos, fórmulas, símbolos matemáticos, cópias de referências bibliográficas, etc., ou, inversamente, a transcrição também inclui segmentos pertencentes a uma terceira língua, como é o caso de expressões em latim. Vale a pena observar que a escala de Vinay & Darbelnet não continha tal modalidade, com o “grau zero” correspondendo ao empréstimo.

Exemplos:

- §37: I suffered him to hurry me to my *palazzo*.
(02.01)
TT1: deixei-me conduzir por êle², apressadamente, para o meu *palazzo*.

No corpus da presente pesquisa foi constatada apenas uma ocorrência da modalidade da transcrição.

03 – Empréstimo

O empréstimo é um segmento contido no texto original e pertencente à LP, o qual é reproduzido integralmente no texto traduzido com ou sem marcas específicas de empréstimo como itálico, negrito, aspas, etc., por não haver um segmento correspondente na LC que mantenha a mesma marca cultural da LP ou por opção do tradutor para passar a “cor local” pretendida pelo autor. Nomes próprios da LP e expressões referentes a realidades etnológicas ou antropológicas são os exemplos mais comuns de empréstimo.

Exemplos:

- §37: A draught of this *Medoc* will defend us from the damp.
(03.01)
TT1: Uma gota deste *Medoc* defender-nos-á da humidade.

² A grafia do texto traduzido foi mantida para que não viesse a interferir na quantificação dos dados.

- §5: But I have received a pipe of what passes for *Amontillado*,
(03.01)
- TT2: Saiba que recebi um pipo de um vinho que passa por ser *amontillado*,
- §5: I said to him – “My dear *Fortunato*, you are luckily met.
(03.01)
- TT3: Disse-lhe: - Meu querido *Fortunato*, é uma sorte encontrar-te.

04 – Decalque

O decalque é um segmento emprestado na LP que sofreu alterações gráficas ou morfológicas; porém, ainda não foi totalmente incorporado na LC por não estar apresentado em nenhum dicionário recente ou reconhecidamente completo da LC. Esta modalidade é geralmente de curta duração e pode ser dividida em três tipos:

- a) *decalque estrutural*: Hilton Hotel (ao invés de Hotel Hilton)
- b) *decalque lexical (grafo-fonológico)*: performance – performance
- c) *decalque semântico*: Season’s Greetings – Compliments de la Saison

No corpus da presente pesquisa não foi constatada a modalidade do decalque.

05 – Tradução Literal

A tradução literal é sinônimo de tradução palavra-por-palavra por apresentar palavras ou seqüências traduzidas com mesmo número de itens lexicais, ordem sintática estritamente semelhante, estreita correspondência lexical e exatamente a mesma estrutura, i.e., mesma classe gramatical e mesma ordem na LP e na LC. Apesar de Vinay acreditar ser esta modalidade não tão freqüente e recomendar cautela em seu emprego, Aubert (1984:81), Alves (1983:97), Darin



(1986:91), Silva (1992:60) e Camargo (1993:72) afirmam ser esta modalidade estável e comprovam seu aparecimento em maior número do que outras.

Exemplos:

§1: I must *not only punish but punish with impunity*
(05.07)

TT1: Era necessário, *não apenas punir, mas punir com impunidade.*

§1: *You, who so well know the nature of* my *soul,*
(05.08) (05.01)

TT2: *Vós, que tão bem conheceis a natureza de/ a minha alma.*

§1: *At lenght* I would *be avenged; this was a point* definitely settled –
(05.06)

TT3: *Acabaria por* *ser vingado: isso era um ponto* assente –

2.2.2. Tradução oblíqua

06 – Transposição

A transposição é uma modalidade que não apresenta literalidade estrutural e ocorre quando pelo menos um dos três critérios de tradução literal não for comprovado, i.e., quando houver mudanças de classe gramatical, fusão, desdobramento ou inversões de ordem. Pode ser dividida em dois tipos:

06a) transposição obrigatória (devido a restrições estruturais)

Exemplos:

§13: He *will tell me –*
(06a.03)

TT1: Ele *me dirá...*

[Transposição caracterizada por inversão de ordem e fusão (*will tell – dirá*).]



§2: It must be understood that neither by *word* nor deed
(06a.01)

TT2: Deve compreender-se que nem por *palavras*, nem por actos,
[Transposição caracterizada por mudança de singular para plural.]

§2: (...) had I given Fortunato cause to *doubt* my good will.
(06a.01)

TT3: (...) razões para *duvidar da* minha boa vontade.
[Transposição caracterizada por diferença na regência verbal: *doubt* – *duvidar da*.]

06b) transposição facultativa (por opção do tradutor)

Exemplos:

§5: “*I have my doubts.*”
(06b.02) (06b.01)

TT1: “*Tenho as minhas dúvidas.*”

[Transposição 1 caracterizada por opção pela fusão: *I have* – *tenho*.]

[Transposição 2 caracterizada por opção pelo desdobramento: *my* – *as minhas*.]

§3: and bought largely *whenever I could.*
(06b.03)

TT2: e, comprava-os em grandes quantidades *sempre que podia*,
[Transposição caracterizada por opção pela mudança da locução adverbial pelo advérbio.]

§7: “and I was *silly enough* (...)
(06b.01)

TT3: - E fui *suficientemente parvo* (...)
[Transposição caracterizada por inversão de ordem.]

07 – Explicitação / Implicitação

Esta modalidade consiste em informações implícitas na LP que são explicitadas na LC através de paráfrase, nota de rodapé, aposto explicativo, definição, descrição sumária ou extensa, com o intuito de manter a equivalência semântica do segmento ou, vice-versa, informações explícitas na LP que ficam implícitas na LC. Aubert considera esta modalidade como uma categoria

intermediária entre a transposição e a modulação, por abranger um problema de percepção do significado sem mudança do ponto de vista semântico.

Exemplos:

§24: to insure their immediate disappearance, *one and all*
(07.03)

TT1: para garantir o imediato desaparecimento deles, *todos*
[implicitação]

§7: without consulting *you* in the matter.
(07.01)

TT2: sem ter consultado *o meu amigo*.
[explicitação]

§40: He raised *it* to his lips with a leer.
(07.01)

TT3: Levou *a garrafa* aos lábios, olhando-me de esguelha.
[explicitação]

Por não apresentar número significativo de ocorrências e, assim, não influenciar no cálculo da contagem das categorias de tradução, a modalidade da explicitação/implicação é considerada em conjunto.

08 – Modulação

A modulação compreende modificações semânticas ou estilísticas um tanto profundas com permanência da identidade situacional no contexto específico. Na proposta de Vinay e Darbelnet há duas modalidades pouco nitidamente diferenciadas – modulação e equivalência, pelo fato de a primeira apresentar mudança apenas do ponto de vista enquanto que a segunda apresenta mudança situacional. Em Aubert, a modulação passa a englobar a equivalência a fim de resolver vários impasses referentes à delimitação exata e dificuldades no trabalho classificatório.



Exemplos:

§7: *You were not to be found,*
(08.05)

TT1: *Não fui capaz de o encontrar,*
[Modulação caracterizada por não haver correspondência de sentido, apenas equivalência situacional.]

§36: The cough is *a mere* nothing;
(08.02)

TT2: A tosse *não* é nada.
[Modulação caracterizada por *mudança no estilo* – uma afirmação no TO corresponde a uma negação no TT2. O sentido é o mesmo, mas o tradutor optou por passá-lo de outro modo.]

§1: A *wrong* is unredressed
(08.01)

TT3: Um *insulto* só é vingado
[Modulação caracterizada por não haver correspondência de sentido, apenas equivalência situacional.]

09 – Adaptação

A modalidade da adaptação é o último ponto da escala tradutória por ser um procedimento cultural assimilativo deixando apenas uma equivalência parcial de sentido, uma semelhança global entre uma situação da LP inexistente na LC. Aparece com maior frequência em textos bíblicos, literários, publicitários, mitológicos, culinários, sobre hábitos cotidianos e relações sociais, etc.

Exemplos:

§4: The man wore *motley*.
(09.01)

TT1: Vinha em traje de bobo (06a.01)

TT2: Trajava de bufão.(06a.01)

TT3: Estava *fantasiado*.

[O termo *motley* caracteriza o *papel de bobo* que o personagem desempenha em todo o conto; porém, no TT3, perdeu-se esta figurativização.]

- §25: (...) to the archway that led into the *vaults.*
(09.01)
TT1: (...) para a arcada que conduzia às *caves.*
TT2: (...) até à entrada de as *caves.*
TT3: (...) até ao vestíbulo que levava até a *adega.*
[O termo *vaults* corresponde a dois *sêmas* importantes para o contexto: *adega*, para bebidas; e *catacumba/caverna*, para sepultamentos. Entretanto, perdeu-se a ambigüidade pretendida por Poe.]

- §38: (...) a long row of its fellows that lay upon the *mould.*
(09.01)
TT1: (...) fila das suas companheiras dispostas sobre a *prateleira de um armário.*
TT2: (...) de uma longa fila de muitas outras iguais que jaziam em o *bolor*
TT3: (...) uma longa fila pousada no *chão.*
[O termo *mould* corresponde a dois *semas*: mofo/bolor – as garrafas estavam empilhadas há muito tempo, o que é um indício de umidade e agravaria a gripe de Luchresi; e molde/moldura – como se houvesse um local destinado às garrafas. Entretanto, perdeu-se o caráter de explicitação do ambiente.]

10 – Tradução Intersemiótica

Esta modalidade é muito comum na tradução juramentada quando ocorre passagem de elemento simbólico ou icônico do TO para segmento textual no TT, como é o caso de descrições de ilustrações, fotografias, selos, brasão, logomarcas, etc.

Exemplo:

No caso da tradução de históricos escolares americanos, estes documentos precisam ser legalizados no consulado brasileiro nos Estados Unidos para que tenham validade no Brasil. Desse modo, os papéis vêm sempre acompanhados de legalização; não sendo necessária a tradução total do documento, o tradutor juramentado abre colchetes e descreve em itálico o documento em anexo.

[Legalização em anexo reconhecendo a autenticidade do documento anexado, do Consulado Geral do Brasil em Boston aos 15 de junho de 2000, por Israel dos Santos, vice-cônsul. Selo de Armas da Repartição consular de R\$5.00 ouro com carimbo do Consulado Geral da República Federativa do Brasil sobre o mesmo.]

No corpus da presente pesquisa não foi constatada esta modalidade.

A reformulação de Aubert abrange ainda outras quatro modalidades tradutórias que não constam no modelo de Vinay & Darbelnet, i.e., omissão, acréscimo, erro e correção.

2.2.3. Desdobramentos

01 – Omissão

A omissão ocorre quando um certo segmento da LP e as informações nele contidas não são passadas para a LC; são os casos de perda efetiva de informação. Pode ocorrer por várias razões: limitações físicas de espaço no texto, como é o caso de legendagem de filmes; irrelevância da informação da LP dentro do contexto a que se serve a tradução; perda da ênfase, etc.

Exemplo:

§2: (...) that my smile *now* was at the thought of his immolation.
(01.01)

TT3: (...) que o meu sorriso traduzia apenas a idéia da sua imolação.

11 – Acréscimo

O acréscimo é uma adição feita à tradução por opção do tradutor. É diferente da explicitação por inserir uma informação suplementar.

Exemplos:

§1: (...) but when he ventured upon insult I vowed revenge.
(11.01)

TT1: (...) mas quando ele se atreveu a insultar-me, *então* jurei vingança.

§23: Putting on a mask of black silk
(11.02)

TT2: Depois de por uma máscara de seda preta

§1: The thousand injuries of Fortunato I had borne as I best could,
(11.01)

TT3: *Sempre*³ suportei o melhor que pude as mil injúrias de Fortunato,

12 – Erro

A modalidade do erro ocorre quando não é mantida a equivalência na passagem de certo termo da LP para a LC. Segundo Aubert, há dois tipos desta modalidade:

- a) modalidade inadequada: uso desnecessário de, por exemplo, um empréstimo ou decalque no lugar de uma tradução literal.
- b) erro de interpretação: no caso de o tradutor não compreender o original e incorrer em falsos cognatos, conteúdo diverso ou texto ininteligível na LC.

Exemplos:

§3: (...) he was a man to be respected and even *feared*.
(12.01)

TT3: (...) fosse um homem a ser respeitado e até *tímido*.
[Obs: Possibilidade de erro gráfico.]

§1: The thousand injuries of Fortunato I had borne as I best could,
(12.01)

TT1: Suportei o melhor que pude milhares de injúrias a Fortunato;

§45: “The Montresors,” I replied, “were a *great* and numerous family.”
(12.01)

TT1: “Os Montresors”, repliquei, “eram uma *grande* e numerosa família.”

TT2: - Os Montresors – respondi – constituíam uma família *grande* e numerosa.

TT3: - Os Montrésors – respondi – eram uma família *grande* e numerosa.

³ Uma outra opção seria o tradutor utilizar a modalidade da transposição em vez da modalidade do acréscimo: *Supportara o melhor que pude as mil injúrias de Fortunato*.

[O termo *great* é um falso cognato e corresponde ao sema de *família ilustre e poderosa*. Assim, os termos poderiam ter sido passados através de uma transposição com modulação usando-se o termo *rica*, ou ainda, *ilustre*.]

13 – Correção

É comum aparecer no TO erros linguísticos e inadequações, assim a correção ocorre por opção do tradutor ao “melhorar” o TT em comparação com o TO. Aubert cita o exemplo de:

TO: The current US déficit amounts to several hundred *million* dollars.

(13.01)

TT: O déficit annual dos EUA monta a centenas de *bilhões* de dólares.

Caso o tradutor opte por uma atualização em sua tradução, o mesmo pode registrá-la. No corpus da presente pesquisa não foi constatada a modalidade da correção.

Além do emprego das modalidades tradutórias mencionadas acima, devemos levar em consideração a possibilidade de duas modalidades aparecem de forma “híbrida”, i.e., a co-ocorrência de duas modalidades. Os seguintes casos híbridos podem ser observados no corpus da presente pesquisa.

2.2.4. Modalidades híbridas

63 – Transposição com Empréstimo

Esta modalidade ocorre quando um termo ou segmento, que apresenta empréstimo da LP, demonstra também um deslocamento na ordem sequencial, mudança de classe gramatical ou ajustes estruturais na LC.

Exemplos:

§1: The thousand injuries of *Fortunato* I had borne as I best could,
(63.01)

TT1: Suporteí o melhor que pude milhares de injúrias a *Fortunato*;

§7: “and I was silly enough to pay the full *Amontillado* price
(63.01)

TT2: e estupidamente paguei o verdadeiro preço do *amontillado*,

§35: Besides, there is Luchresi⁴ –
(63.01)

TT3: Além disso há o Luchesi...

65 – Transposição com Tradução Literal

Esta modalidade é caracterizada pelo deslocamento de uma sequência de duas ou mais palavras que mantenham exatamente a mesma ordem e estrutura gramatical e estrita correspondência lexical em relação à LP.

Exemplos:

§19: “*My friend*, no;
(65.02)

TT1: Não, *meu amigo*;

§1: The thousand *injuries of* Fortunato I had borne as I best could,
(65.02)

TT2: Suporteí o melhor que pude as mil e uma *injúrias de* Fortunato,

67 – Transposição com Explicitação/Implicitação

Esta modalidade é caracterizada por um termo ou segmento na LP estar mais claramente apresentado ou acompanhado por aposto explicativo e deslocado para outra posição na LC, ou, então, por um termo ou segmento na LP estar implícito na LC.

⁴ Optamos por usar a edição da Random House (1944), onde o nome Luchresi aparece com *r*; porém, na edição da Library of America, o nome aparece como Luchesi, sem *r*. O mesmo ocorre com as traduções, algumas trazem Luchresi, e outras Luchesi. Tal fato não chega a interferir na presente pesquisa.



Exemplos:

§28: but observe the white *web-work*
(67.01)

TT2: mas veja a *teia branca de aranha.*

68 – Transposição com Modulação

Esta modalidade ocorre quando um termo ou segmento modulado é apresentado em outra posição na LC.

Exemplo:

§3: *For the most part* their enthusiasm is adopted to suit
(68.04)

TT3: O seu entusiasmo é *quase sempre* adaptado

69 – Transposição com Adaptação

Esta modalidade é considerada quando um termo ou segmento adaptado sofre mudança na ordem sequencial da LC.

Exemplos:

§28: (...) the White web-work which gleams from these *cavern walls.*"
(69.01)

TT3: - Mas repara nessa renda branca que brilha na parede da *adega.*

2.2.5. A unidade de contagem

Depois que Vinay & Darbelnet definem todos os conceitos relevantes para o seu modelo de tradução, os dois pesquisadores passam a analisar as unidades de língua com as quais o tradutor trabalha, os diferentes planos de linguagem e os métodos de transferência de uma língua para outra. Apesar de conveniente, a palavra pode apresentar problemas se considerada como a unidade



de tradução em si, pois seus limites não são sempre evidentes. A unidade de tradução é “o menor segmento da *utterance* cujos signos estão ligados de tal modo que não podem ser traduzidos individualmente” (Vinay & Darbelnet, 1995:21).

Dessa forma, os níveis semânticos, fonológicos e sintáticos não são suficientes e conclusivos para se determinar uma unidade de contagem das categorias tradutórias. A fim de obtermos uma definição operacional da *palavra*, os critérios semânticos, fonológicos e sintáticos mostram-se inconsistentes quando considerados simultaneamente e contraditórios quando tomados isoladamente. Assim sendo, a presente pesquisa recorre à proposta de Alves (1983:80) e de Camargo (1993:95), devido aos critérios sugeridos adaptarem-se à finalidade desta linha de pesquisa.

Adotamos, então, como critério gráfico, a forma independente como “toda configuração gráfica separada por espaço em branco; como forma dependente, foi considerada toda configuração gráfica ligada por hífen ou apóstrofo”. A unidade de análise é o período: sequência escrita iniciada por letra maiúscula e finalizada por ponto final, de interrogação, exclamação ou reticências. A Regra Geral é que “cada função terminal corresponde a uma palavra” (Alves, 1980:81 e Camargo, 1993:96). No entanto, há quatro Regras Específicas além de três Normas para a unidade de contagem. A seguir:

- 1- “Uma ou mais formas graficamente independentes exercendo conjuntamente uma única função terminal será considerada uma só palavra.” Ex: relacionantes – in addition to = além de, instead of = em vez de.

- 2- “Uma forma graficamente independente, exercendo duas ou mais funções terminais será considerada uma só palavra, se não puder ser segmentada morfológicamente de tal forma que a cada segmento corresponda uma função terminal.” Ex: relacionantes e determinantes – whose = que. Caso possa ser segmentada, contar-se-ão tantas palavras quantos segmentos mórficos houver com função terminal claramente identificada.” Ex: relacionantes e determinantes – da = de + a, pelo = per + lo;⁵
- 3- “Formas graficamente dependentes, exercendo conjuntamente uma única função terminal, serão consideradas como uma só palavra.” Ex: o caso genitivo – Montresor’s, sufixos e prefixos.
- 4- “Formas graficamente dependentes, exercendo mais de uma função terminal, contar-se-ão tantas palavras quantas funções terminais houver”. Ex: verbo modal + advérbio de negação – cannot, verbo + pronome = disse-lhe.

Alves (1983) aponta também a dificuldade de se estabelecer um conceito para as palavras compostas já que podem ser registradas com mais de uma grafia, sendo assim denota os seguintes critérios de unidade:

- 5- As palavras ligadas por hífen (ex: life-style, arco-íris) e as que formam graficamente uma única unidade (ex: witchcraft, girassol) são consideradas uma única unidade lexical. Já as palavras formadas por dois elementos escritos em separado como adjetivo + nome ou nome + adjetivo são consideradas duas ou mais unidades lexicais. Ex: high school, madre superiora.

⁵ Atualmente, as pesquisas estão contando como uma só palavra, porém, a presente investigação adotou esta contagem para que não haja discrepância nas comparações com a tese de Camargo, uma vez que a mesma faz parte desta análise.

- 6- Expressões que “pertencam antes à gramática do texto do que à gramática da frase e como tais não poderiam ser analisadas pelo modelo adotado” são consideradas como uma única unidade lexical. Por exemplo: *that is* = isto é, *for example* = por exemplo.⁶
- 7- Nomes próprios complexos, numerais e grafemas são considerados unidades lexicais simples.

Camargo (1993) aponta algumas divergências em se tratando da Regra 1 e Norma 6 de Alves (1983) nos trabalhos de Darin (1986) e Silva (1992). Com a intenção de eliminá-las no trabalho em questão, afirma que “ficarão sem efeito a Regra (1) e a Norma (6) propostas por Alves (1983:81 e 86)”. A pesquisadora estabelece:

como procedimento (1) a contagem das *locuções prepositivas e conjuncionais* e também a do sintagma composto pelo *relacionante to + verbo no infinitivo* serão efetuadas considerando-se como formas graficamente independentes, compreendendo tantas unidades lexicais quantos forem os elementos que os compõem.

Cita ainda como exemplos: *in order that* = a fim de que, *to go* = para ir – todos considerados como unidades lexicais independentes. No que diz respeito às expressões da Norma 6, “será computado cada um de seus elementos”. Ex: *such as*, *for instance*, isto é, a saber.

Com o intuito de se fazer um estudo quantitativo do Texto Original e seus três Textos Traduzidos a partir das modalidades registradas no *cópus* e posteriormente cotejar os resultados obtidos com os de Camargo (1993),

⁶ Ver nota nº2.

são adotadas neste trabalho as Regras Específicas 2, 3 e 4 e as Normas 5 e 7, além da Regra 1 e Norma 6 devidamente reformuladas.

2.2.6. Limitações do modelo

A proposta de Aubert, baseada nas modalidades tradutórias de Vinay & Darbelnet, com as devidas reformulações, contribui acentuadamente para a aplicação do modelo proposto. Ao efetuar a classificação e a contagem no texto original e respectivas traduções, pudemos observar uma maior facilidade decorrente da melhor delimitação das categorias tradutórias, como também da expansão do número das mesmas.

No entanto, ainda há algumas limitações no modelo proposto. Como Aubert indica, algumas modalidades requerem a intervenção de um segundo pesquisador ou de mecanismos de controle, i.e., testes de fidedignidade, já que a delimitação dessas categorias baseia-se em conhecimentos lingüísticos, interpretações semânticas, diferentes visões de mundo, todas variáveis conforme o pesquisador. Por outro lado, essas mesmas modalidades foram criadas com o intuito de chegarmos a uma caracterização o mais objetiva possível, e, por meio desta intervenção, procuramos evitar certo grau de subjetividade, pois, à medida que vamos trabalhando com os dados, vamos perdendo e misturando limites.

Assim sendo, é necessário que a pesquisa seja acompanhada de um orientador competente no caso de um pesquisador iniciante, porquanto



pode haver dificuldades no começo do levantamento. Uma das possíveis dificuldades refere-se à fronteira entre a transposição e a modulação.

§3: and bought largely *whenever I could.*

(06b.03)

TT2: e, comprava-os em grandes quantidades *sempre que podia,*

§7: *You were not to be found,*
(08.05)

TT1: *Não fui capaz de o encontrar,*

A transposição caracteriza-se por estrita correspondência de sentido com mudança de classe gramatical, enquanto que na modulação não há correspondência de sentido, apenas equivalência situacional.

Ademais, pode ser observado nas pesquisas de Alves, Darin e Silva algumas divergências no que diz respeito a certas modalidades, conforme observou Camargo (1993:111). A transposição, conforme especificado anteriormente, é caracterizada por mudanças estruturais, como é o caso de *pronome sujeito + verbo* comumente usado na língua inglesa, sendo que no Português, tanto do Brasil quanto de Portugal, o pronome sujeito já se encontra marcado pela desinência verbal. Neste caso, não se considerou caso real de omissão nesta pesquisa, uma vez que, não apresenta perda efetiva de informação. No entanto, como o modelo estava, na época, em fase experimental, Alves considerou este tipo de ocorrência uma omissão, e.g.,

We are conscious...

(06b.02) [*transposição facultativa segundo o modelo reformulado*]

(01.01) (05.01) [*omissão e tradução literal segundo Alves (1983:111)*]

Estamos conscientes...

Uma outra categoria que veio a apresentar divergência é o caso da transcrição e do empréstimo. Segundo Aubert, em seu artigo "Translation

Modalities – A Descriptive Model for Quantitative Studies in Translatology” (1997:7), a modalidade transcrição corresponde ao “grau zero” da tradução, sendo constituída por segmentos que são herança comum para as duas línguas envolvidas, como é o caso de números e fórmulas algébricas. Já o empréstimo é um segmento textual da LP que é reproduzido no texto traduzido, com ou sem marcas específicas de empréstimo. Assim sendo, o estudo em questão considerou os nomes próprios de pessoas, coisas e lugares como empréstimo, enquanto que o estudo de Camargo (1993), ainda baseado na primeira reformulação de Aubert (1984), considera os nomes próprios como transcrição.

He had a weak point – this *Fortunato* –
(03.01) [*empréstimo segundo Aubert (1997:7-8)*]

Tinha um ponto fraco, este *Fortunato*,

He had a weak point – this *Fortunato* –
(62.01) [*transcrição segundo Camargo (1993:166)*]

Fortunato tinha um ponto fraco,

Uma outra divergência entre a presente pesquisa e a tese de doutorado de Camargo é o fato de outras modalidades terem sido inseridas a partir de 1997, conforme o artigo mencionado acima. Segundo essas alterações, a modalidade da explicitação passa a abarcar também a implicitação, e as modalidades da tradução intersemiótica e da correção são adicionadas fazendo com que as mesmas sejam em número de treze em comparação a apenas onze quando a pesquisa de Camargo fora realizada. Tal fato, no entanto, não chegou a apresentar mudança na análise em questão. Por outro lado, podemos ver a

possibilidade de expansão do modelo como um aspecto positivo para adequar-se às necessidades de cada pesquisa.

Além da delimitação das categorias, outro fator que deve ser levado em consideração é o da contagem baseada em unidades lexicais. Mesmo tendo apenas duas línguas envolvidas, como é o caso do Português e do Inglês, pode haver divergências quanto às categorias utilizadas para o cálculo dos itens lexicais envolvendo as pesquisas anteriores desta linha de abordagem, e.g., as locuções prepositivas e conjuncionais, o relacionante *to* antes do verbo infinitivo em inglês e certas expressões como *in order to*, conforme mencionado anteriormente no que se refere à Regra 1 e Norma 6 desta pesquisa.

Contudo, tanto as divergências referentes às modalidades tradutórias quanto as diferenças relativas à contagem lexical não chegaram a interferir no resultado das pesquisas. A viabilidade da proposta de reformulação de Aubert é válida e confirmada pelos estudos de Alves (1983), Darin (1986), Silva (1992), Camargo (1993), Zanotto (1993) e Gehring (1998). Assim sendo, a presente pesquisa segue o modelo proposto por Aubert, o qual oferece uma valiosa contribuição para o estudo da tradução interlingual possibilitando a análise da frequência de categorias bem como as correlações entre as modalidades e a tipologia textual, tipologia tradutória e escopo de liberdade do tradutor.

A seguir, o Capítulo 3 apresenta as análises desenvolvidas sobre os dados levantados no corpus em questão com a finalidade de examinar duas correlações: modalidade de tradução / texto literário e modalidade de tradução / variação idioletal do tradutor.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE DOS DADOS E COMPARAÇÃO

Como a análise dos dados levantados nesta pesquisa tem por objetivo chegar a constatações de natureza quantitativa e qualitativa, a apresentação e discussão dos dados obtidos são mostradas em dois níveis de comparação: interno e externo.

A análise interna é composta por:

- Distribuição absoluta e relativa entre as modalidades levantadas no corpus em questão;
- Existência de diferenças quantitativas significativas entre cada modalidade e o escopo de liberdade dos tradutores, i.e., variação interindividual;
- Possibilidade de variações diacrônicas e geográficas.

A análise externa é composta por:

- Distribuição absoluta e relativa entre as modalidades levantadas no corpus em questão e no corpus por Camargo (1993);
- Existência de diferenças quantitativas significativas entre cada modalidade, i.e., variação *intercorpora*;
- Possibilidade de variações diacrônicas e geográficas entre os textos do corpus interno e externo.

3.1. Análise dos dados obtidos com o texto literário em inglês: “The Cask of Amontillado” e três traduções feitas em Portugal

O primeiro objetivo do levantamento das modalidades tradutórias nas três traduções realizadas em Portugal do texto literário “The Cask of Amontillado” é a investigação de quais modalidades aparecem com maior frequência na tradução de textos literários, i.e., verificar se há a possibilidade de existir uma correlação entre tipologia tradutória e tipologia textual.

A partir de um total geral de 3090 itens lexicais levantados nas três traduções, adicionados os acréscimos em número de 57 itens lexicais, registramos dezesseis diferentes modalidades tradutórias: três categorias da tradução direta – transcrição, empréstimo e tradução literal; quatro categorias da tradução oblíqua – transposição, explicitação/implicitação, modulação e adaptação; três categorias referentes aos desdobramentos – omissão, acréscimo e erro; e cinco categorias dos casos híbridos – transposição com empréstimo, transposição com tradução literal, transposição com explicitação/implicitação; transposição com modulação, e transposição com adaptação. Não foram registradas as categorias decalque, tradução intersemiótica, correção e transposição com transcrição.

O primeiro passo para a análise dos dados foi a distribuição das categorias considerando o corpus como um todo e apresentando as modalidades por ordem de frequência, como pode ser observado na tabela abaixo:



TABELA 1 – DISTRIBUIÇÃO ABSOLUTA E RELATIVA, POR ORDEM DE CLASSIFICAÇÃO, ENTRE AS MODALIDADES TRADUTÓRIAS NAS TRÊS TRADUÇÕES PORTUGUESAS DO TEXTO LITERÁRIO

		TT1- Tradução feita em Coimbra, 1944. TT2- Tradução feita em Lisboa, 1971. TT3- Tradução feita em Mem Martins, 1989.							
Cód	Modalidade	TT1	%	TT2	%	TT3	%	Total Geral	
								Nº	%
05	Tradução Literal	421	40.8	367	35.6	313	30.4	1101	35.6
06a	Transposição Obrigatória	132	12.8	129	12.5	123	12.0	384	12.4
06b	Transposição Facultativa	157	15.2	180	17.5	177	17.2	514	16.6
06	Transposição – Subtotal	289	28.0	309	30.0	300	29.1	898	29.0
68	Transposição com Modulação	170	15.7	184	17.8	215	20.9	569	18.5
08	Modulação	73	7.0	72	6.9	72	6.9	217	7.0
01	Omissão	10	0.9	36	3.5	42	4.0	88	2.8
65	Transposição com Trad. Literal	18	1.6	18	1.7	40	3.8	76	2.5
03	Empréstimo	22	2.1	19	1.8	15	1.4	56	1.8
12	Erro	13	1.2	10	0.9	13	1.2	36	1.2
63	Transposição com Empréstimo	03	0.3	05	0.4	09	0.9	17	0.6
09	Adaptação	05	0.5	04	0.4	05	0.5	14	0.4
07	Explicitação/Implicação	03	0.3	04	0.4	03	0.3	10	0.3
69	Transposição com Adaptação	-	-	01	0.1	03	0.3	04	0.12
67	Transposição com Explicitação	02	0.2	01	0.1	-	-	03	0.09
02	Transcrição	01	0.1	-	-	-	-	01	0.03
TOTAL		1030	100.0	1030	100.0	1030	100.0	3090	100
11	Acréscimo	25	2.4	23	2.2	09	0.8	57	1.8
TOTAL + Acréscimo		1055		1053		1039		3147	

Podemos observar que a (05) *tradução literal* é a modalidade mais freqüente, com 35,6% na média geral dos três TTs. Tal incidência indica que esta categoria é a mais empregada no que se refere às unidades lexicais, levando-nos a acreditar que todos os tradutores buscam uma maior correspondência estrutural e

lexical entre LC e LP. Além de ser a categoria mais freqüente, a mesma aparece em segmentos relativamente longos como pode ser observado em:

§3: *a man to be respected and even feared.*
(05.08)

TT1: *um homem para ser respeitado e mesmo temido.*

O uso desta categoria como a modalidade mais utilizada na tradução também foi observado por Silva (1992) com 42,24%, e por Camargo (1993) com 35,2%. Outrossim, a maior freqüência da modalidade da tradução literal foi constatada na tradução de textos de Ciências Humanas por Alves (1983) com 35,2% e por Gehring (1998) com 49,39%, somente para citar alguns estudos.

A segunda categoria com maior ocorrência foi a (06) *transposição*, com 29% ao ser considerada como um todo, i.e., transposição obrigatória e facultativa. Ao considerarmos as duas categorias mais freqüentes, tradução literal e transposição, as mesmas são responsáveis por 1999 dos 3090 itens lexicais, ou seja, 64,6% do total. Ao serem consideradas separadamente, a categoria da (06a) *transposição obrigatória* apresentou menor número de ocorrência do que a modalidade da (06b) *transposição facultativa*, com 12,4% e 16,6%, respectivamente.

Apesar de a tradução literal e transposição obrigatória serem modalidades distintas, ambas são marcadas por uma maior proximidade estrutural e lexical entre LP e LC. A transposição obrigatória, apesar de não constituir uma tradução palavra-por-palavra devido ao segmento apresentar restrições formais, a mesma pode ser considerada como intenção de literalidade por parte do tradutor. Neste caso todos os três tradutores fizeram uso maior desta intenção de



literalidade em uma média de 48% do texto traduzido, valor extremamente significativo para uma postura tradutória propensa à semelhança entre TO e TT.

A terceira categoria selecionada por ordem de ocorrência foi a (68) *transposição com modulação* com 18,5%, o que corresponde a 569 itens lexicais. Ao contrário dos textos científicos e técnicos, observamos no texto literário uma maior frequência desta categoria, pois o mesmo carrega maior quantidade de marcas de estilo do autor do que os outros tipos de texto.

A próxima modalidade em ordem de ocorrência é a (08) *modulação* com 7% (217 itens lexicais). Esta constatação, pode ser observada também em Silva (1992) com 22,35%, Camargo (1993) com 15,0%, e Gehring (1998) com 11,51%. Ademais, o texto considerado literário apresenta efeitos estético-estilísticos que geralmente pedem uma reelaboração por parte do tradutor, além da presença de marcadores de pontos de vista e estilo específicos de cada língua e cultura. No entanto, a presente pesquisa difere de certa forma das mencionadas acima já que é a *transposição com modulação* a terceira categoria registrada, e não a *modulação* apenas. Tal ocorrência pode ser resultado de um maior uso de deslocamentos.

No total geral, todas as outras onze modalidades consideradas em conjunto são responsáveis por 9,84% do total (305 itens lexicais), a saber: (01) *omissão*, com 2,8%; (65) *transposição com tradução literal*, com 2,5%; (03) *empréstimo*, com 1,8%; (12) *erro*, com 1,2%; (63) *transposição com empréstimo*, com 0,6%; (09) *adaptação*, com 0,4%; (07) *explicitação/implicação*, com 0,3%; (69) *transposição com adaptação*, com 0,12%; (67) *transposição com*

explicitação, com 0,09%; (02) *transcrição*, com 0,03%. A categoria (11) *acréscimo* foi considerada à parte por ser um fenômeno exclusivo da LC; a mesma foi observada em 1,8% do total, com 57 itens lexicais adicionais nos três TTs.

Em um segundo passo da análise, levamos em consideração as quatro categorias de maior ocorrência bem como as modalidades híbridas, agrupando-as em virtude das semelhanças intrínsecas que apresentam, como pode ser observado na Tabela 2.

TABELA 2 – DISTRIBUIÇÃO ABSOLUTA E RELATIVA DA TRANSPOSIÇÃO AGRUPADA A OUTRAS MODALIDADES NAS TRADUÇÕES PORTUGUESAS

Código	Modalidade	TT1	%	TT2	%	TT3	%	Total Geral	
								Nº	%
06 + (63 + 65 + 67 + 68 + 69)	Transposição + Modalidades Híbridas	482	45.6	518	50.0	567	54.8	1567	50.7
06a + 05	Transposição Obrigatória + Tradução Literal	553	53.6	496	48.1	436	42.4	1485	48.0
06b + 08 + 68	Transposição Facultativa + Modulação + Transposição com Modulação	400	37.9	436	42.2	464	45	1300	42.0
06b + 08	Transposição Facultativa + Modulação	230	22.2	252	24.4	249	24.1	731	23.7

Como era esperado, ao considerarmos a transposição somada às modalidades híbridas: (63) transposição com empréstimo mais (65) transposição com tradução literal mais (67) transposição com explicitação/implicação mais (68) transposição com modulação mais (69) transposição com adaptação, a

incidência do conjunto é maior do que a registrada para a modalidade de maior ocorrência, (05) tradução literal, 50,7% em comparação com 35,6%.

Ao se considerar a (06a) transposição obrigatória e a (06b) transposição facultativa como categorias em separado, a modalidade de maior ocorrência é a (68) transposição com modulação com 18,5% em comparação com 16,6% para a transposição facultativa e 12,4% para a transposição obrigatória.

Por outro lado, ao considerarmos a soma da (05) tradução literal mais (06a) transposição obrigatória, obtemos 48% do total em comparação à soma da (06b) transposição facultativa mais (08) modulação de 23,7% do total.

O conjunto de (06b) transposição facultativa mais (08) modulação mais (68) transposição com modulação corresponde a 42%. Estas três categorias possuem também características muito próximas no que diz respeito à reelaboração semântica/estilística em ordens sequenciais no interior de períodos na LC. Este fato indica que apesar de os tradutores estarem preocupados com uma maior proximidade entre LC e LP, os mesmos também tendem a dar enfoque no conteúdo e equivalência estética entre os textos envolvidos.

Ao considerarmos o total de itens lexicais analisados, 48% foi dedicado às modalidades ditas mais literais, o conjunto da (05) tradução literal e (06a) transposição obrigatória, enquanto que 42% foi dedicado para o conjunto da (06b) transposição facultativa mais (08) modulação mais (68) transposição com modulação. Tal fato parece evidenciar que todos os três tradutores buscaram não apenas uma estrita ligação entre os textos envolvidos, como também uma busca



por maior equivalência estética, provavelmente decorrente de o texto envolvido ser um texto literário e requerer uma maior elaboração por parte destes profissionais, i.e., mostrando que parece haver uma estrita ligação entre tipologia tradutória e tipologia textual.

3.1.1. O escopo de liberdade dos tradutores

O segundo objetivo do levantamento das modalidades tradutórias nas três traduções de Portugal do texto literário “The Cask of Amontillado” é a investigação da possibilidade de haver diferenças significativas entre os três TTs. Para tal, trabalhamos com um teste de homogeneidade da distribuição obtida pelas três traduções nas várias categorias envolvidas, onde estabelecemos que a hipótese nula (H_0) seria o desvio relativo à ocorrência no cópulus resultante do acaso do levantamento. Estabelecemos que $H_0: x^2 = 0$; $H_1: x^2 \neq 0$; e nível de significância ($n.sig.$) = 0,05, onde $x^2_c = 5,99$. Assim sendo, rejeitamos a H_0 quando o resultado do teste de x^2 for maior que 5,99, por ser este desvio significativo para o nível de significância adotado, i.e., 0,05. Observamos então que o desvio detectado pode ser decorrente da presença de variáveis, como a tipologia textual, interferência idioletal, espacial ou temporal, inadequação do levantamento, etc.

A comparação dos dados dos três TTs a partir do teste de homogeneidade da distribuição obtida pela tradução de cada um dos três profissionais nas várias categorias definidas demonstra um índice balanceado da H_0 , onde cinco categorias são rejeitadas e sete categorias são confirmadas. As

categorias não rejeitadas, transposição e suas subdivisões (facultativa e obrigatória), modulação, erro, empréstimo e transposição com empréstimo, indicam certa homogeneidade quanto à distribuição das modalidades. Os casos de rejeição podem ser observados na categoria omissão, com maior ocorrência no TT1, as modalidades da transposição com tradução literal, transposição com modulação e acréscimo, com maior ocorrência no TT3, e a modalidade da tradução literal com maior ocorrência no TT1 e menor ocorrência no TT3. As outras seis categorias não chegaram a apresentar dados aritmeticamente suficientes para serem computadas estatisticamente, uma vez que apresentaram menos de cinco itens lexicais analisados.

Ao levarmos em consideração o teste de homogeneidade da distribuição obtida pela transposição agrupada a outras modalidades, observamos a confirmação da H_0 em dois dos quatro agrupamentos: transposição facultativa mais modulação, e transposição facultativa mais modulação mais transposição com modulação, indicando que houve certa uniformidade na utilização destas categorias tradutórias. No entanto, os agrupamentos da transposição mais modalidades híbridas, e da transposição obrigatória mais tradução literária não apresentam confirmação de H_0 tendo o TT3 um desvio maior. Tal fato possibilita a observação de que o TT3 fez maior uso da transposição e modalidades híbridas, bem como menor utilização das categorias da transposição obrigatória e tradução literal em comparação com os outros dois tradutores.

Assim sendo, ao levarmos em consideração o escopo de liberdade dos três tradutores em questão, podemos observar que o tradutor do TT3



apresentou uma maior liberdade em comparação aos outros TTs diante das mesmas limitações estruturais, textuais e culturais desde que fez um maior uso das categorias que envolvem a transposição, seja esta usada isoladamente ou acompanhada de modalidades híbridas.

Quanto à *variação interindividual* dos tradutores, o profissional do TT1 apresentou menor uso da categoria da omissão e maior uso da categoria da tradução literal em relação aos tradutores do TT2 e TT3. Tal desvio indica que o mesmo possui uma maior disposição para a literalidade em comparação aos outros quando opta por não omitir ou preferir o uso de palavras ou segmentos com semelhante estrutura gramatical e correspondência lexical.

Já os desvios observados no profissional do TT3 indicam um comportamento oposto. O fato de o mesmo fazer mais uso das modalidades da transposição com tradução literal, transposição com modulação e acréscimo em comparação com os outros dois tradutores indica que este profissional teve uma maior preocupação com a correspondência de sentido do que com a forma; sua tradução parece estar mais próxima da significação do que do significado.

3.1.2. A variação diacrônica

A fim de se verificar uma possível *variação diacrônica*, o próximo passo desta análise é a comparação das amostras duas a duas. O fato de as três amostras apresentarem um intervalo maior do que duas décadas entre as mesmas pode levantar a hipótese de que a variação temporal venha a intervir no trabalho

dos profissionais em questão, i.e., há a possibilidade de haver certa variação diacrônica envolvendo os profissionais já que entre TT1 (1944) e TT3 (1989) existe um intervalo de 45 anos. No que se refere ao conjunto que envolve a transposição e modalidades híbridas, podemos observar uma variação significativa de 9,2% entre TT1 e TT3; no entanto, esta variação foi de apenas 4,4% entre TT1 e TT2, e 4,8% entre TT2 e TT3. Tal fato parece indicar que não há possibilidade de verificar variação diacrônica significativa no intervalo de duas décadas, porém, em uma análise temporal linear, parece haver variação significativa ao longo de quatro décadas ou mais, variação esta que vem sendo observada aos poucos pelo fato de o TT2 estar precisamente entre TT1 e TT3 tanto no que diz respeito ao tempo quanto ao uso destas categorias.

A análise dos conjuntos das categorias da transposição obrigatória mais tradução literal, e da transposição facultativa mais modulação mais transposição com modulação parece vir de encontro à variação diacrônica observada acima. Há uma maior tendência para um escopo maior de liberdade por parte do tradutor à medida que a variação diacrônica aumenta, i.e., o TT1 fez maior uso do conjunto transposição obrigatória e tradução literal do que o TT3 em uma porcentagem de 11,2%, sendo que TT1 utilizou tal conjunto em 53,6% de sua tradução, TT2 em 48,1%, e TT3 em 42,4%. O TT3 fez maior uso do conjunto considerado transposição facultativa mais modulação mais transposição com modulação em 7,1%, sendo que TT1 utilizou tal conjunto em 37,9% de sua tradução, TT2 em 42,2%, e TT3 em 45,0%.



Verificamos, então, uma variação diacrônica significativa entre o TT1 e o TT3, estando o TT2 precisamente entre as duas amostras. Tal variação verificada indica um maior escopo de liberdade por parte do tradutor mais próximo da atualidade.

3.1.3. Análise dos dados de um ponto de vista literário

Com o intuito de verificar se a variação interindividual entre os profissionais dos três TTs pudesse vir a interferir em uma possível análise literária do conto, a próxima etapa deste estudo visa analisar as características do TO e respectivas traduções através de um recorte no estudo do texto por enunciado, i.e., tendo o narrador como ponto de partida fazendo uso da teoria da narrativa de Genette (1979) e apresentando as modalidades tradutórias usadas pelos três profissionais. No entanto, pelo fato de o estudo das modalidades tradutórias necessitar da análise por amostragem do texto literário, neste estudo observamos a ocorrência das modalidades nos primeiros 1030 itens lexicais de cada TT; assim sendo, os demais itens lexicais são levados em consideração nesta análise de um ponto de vista literário; porém, não são observados tão detalhadamente.

Genette analisa textos literários a partir do ponto de vista do enunciado tendo como pressuposto a análise de quatro elementos fundamentais na narrativa: voz, focalização, tempo e registro, os quais podem ser trabalhados isoladamente apesar de aparecerem integrados na narrativa como um motor.



“The Cask of Amontillado” conta a história aparentemente simples de dois personagens, Fortunato e Montresor, numa noite de carnaval. Os dois se encontram por acaso durante as comemorações da época e Montresor conta a Fortunato que comprou um barril de uma bebida rara, o amontillado, porém, acha que foi enganado. Mais do que depressa, Fortunato fica interessadíssimo em ir ao palácio do amigo para ver o tal barril. Tentando despistá-lo e instigá-lo ao mesmo tempo, Montresor afirma que seria melhor convidar Luchesi, já que Fortunato está com gripe e a umidade da adega lhe faria mal. Tendo convencido o amigo, vão ao palácio, onde não há ninguém, e descem até o local para verificar o amontillado. O que se sucede então é um crime premeditado e fatal. Montresor embebeda ainda mais o amigo, prende-o no fundo da adega e ergue uma parede criando seu leito de morte. Afirma que ninguém descobriu seu crime até então; meio século depois.

O personagem Fortunato é apresentado num primeiro momento como o arquétipo de homem ideal, pois é respeitado, temido, rico, admirado e amado, a saber: “a man to be respected and even feared”. Todos os 3 TTs conseguiram passar a descrição de Fortunato como homem “perfeito”, mesmo lançando mão de recursos diferentes ao aplicarem modalidades distintas. Contudo, podemos notar uma diferença de sentido no TT3: a tradução de *feared* por *tímido* parece ser resultado de um erro gráfico.

TO: a man to be respected and even feared
(05.08)

TT1: um homem para ser respeitado e mesmo temido

TO: he was a man to be respected and even feared.
(68.02) (06b.02) (08.02) (06b.01) (05.02) (06b.01)

TT2: homem digno de respeito e mesmo de receio.



TO:	he was	a man to be respected and even	feared.
	(06b.02)	(05.07)	(12.01)
TT3:	fosse	um homem a ser respeitado e até	tímido.

No entanto, logo adiante na narrativa ficamos sabendo que, contrariando a tendência de todo italiano em ser charlatão para enganar milionários ingleses e austríacos, Fortunato realmente domina a arte dos vinhos velhos, possui “the true virtuoso spirit” (p.364), mas, em relação à arte de pedras preciosas e pintura, não passa de um farsante, como o próprio Montresor (narrador-personagem).

TO:	Few Italians have the true	virtuose spirit.
	(05.05)	(06a.02)
TT1:	Poucos italianos têm o verdadeiro	espírito de/o virtuose.
TO:	Few Italians have the true	virtuose spirit.
	(05.05)	(06a.02)
TT2:	Poucos italianos possuem o verdadeiro	espírito de virtuosidade.
TO:	Few Italians have the true	virtuose spirit.
	(05.05)	(06a.02)
TT3:	Poucos italianos têm o verdadeiro	espírito de virtuoso.

É interessante notar que neste ponto todos os 3 TTs usam as mesmas modalidades da tradução literal e da transposição obrigatória com poucas diferenças, provavelmente por causa da proximidade entre os termos e estruturas usadas em inglês e português.

Conseqüentemente, já podemos esperar que Fortunato não seja tão perfeito assim; mas seria um homem arrogante e orgulhoso já que proferiu milhares de injúrias e chegou a insultar Montresor. O fato de Fortunato ter insultado Montresor seria o fio condutor de toda a história, já que este seria o

motivo de vingança do narrador-personagem levando-o a cometer tal crime. No entanto, este fato aparece como uma elipse na narrativa: o leitor sabe apenas que Montresor foi insultado, mas a forma e a razão do insulto não são narradas. Por outro lado, o narrador deixa bem claro a partir do primeiro parágrafo do conto que, como se fosse uma verdade universal, todo insulto deve ser vingado e aquele que fora vingado deve conhecer quem o vingou, pois, ao contrário, a vingança não faz efeito. Todos os três tradutores lançaram mão dos mesmos artifícios na tradução deste trecho. Considerando como palavras-chave *wrong* e *avenger*, todos usaram a modalidade da (08) modulação para *wrong* (TT1: mal; TT2: agravo; TT3: insulto), e a modalidade da (05) tradução literal para *avenger* (TT1: vingador; TT2: vingador; TT3: vingador).

TO: A *wrong* is unredressed when retribution overtakes its redresser. It is equally unredressed when the *avenger* fails to make himself felt as such to him who has done the wrong.

TT1: Um *mal* nunca fica reparado quando o reparador é atingido pela retribuição. Também não fica reparado quando o *vingador* não se dá a conhecer àquele que fez o mal.

TT2: Um *agravo* não é vingado quando a vingança surpreende o vingador. E fica igualmente por vingar quando o *vingador* não consegue fazer-se reconhecer como tal àquele que o ofendeu.

TT3: Um *insulto* só é vingado quando a vingança não atinge o vingador; e também não é vingado se o *vingador* não se dá a conhecer ao autor da injúria.

Fortunato, no decorrer do conto, é um personagem plano sem maiores ações; parece um brinquedo do destino nas mãos de Montresor. Sua única característica boa, ser conhecedor de vinhos, leva-o à morte, não apenas por sua curiosidade em relação ao amontillado, como também por ter se entregado às

delícias da bebedeira, além de dar o tom de ironia na narrativa de Poe, i.e., seu nome, Fortunato, lembra sorte, riqueza, sucesso, sendo que seu destino é o extremo oposto. Os três TTs mantiveram o nome Fortunato através da modalidade do empréstimo.

Montresor, por sua vez, é o narrador-personagem autodiegético, por estar presente na história como seu protagonista, e extradiegético, por contar uma história com personagem e ação. É um narrador diabólico em quem não se pode confiar; convida o leitor a aplaudir sua esperteza ao contar sua história de vingança. Tenta convencê-lo de que suas intenções são justificáveis pelo moto de sua família: “Nemo me impune lacessit”, o qual é mantido conforme o TO em todos os TTs por meio do uso da modalidade da transcrição. No entanto, logo fica claro que Montresor apresenta uma tendência para o exagero através de seu discurso; por exemplo, sofreu milhares de injúrias e quando essas se transformaram em insulto que não pode suportar mais, resolveu vingar-se. Tal exagero está presente em todos os TTs através do uso das modalidades da tradução literal, da transposição facultativa ou da modulação.

TO: The thousand injuries of Fortunato I had borne as I best could,
(06b.02) (65.01)(68.01)(63.01) (06b.07)

TT1: Suportei o melhor que pude milhares de injúrias a Fortunato;

TO: The thousand injuries of Fortunato I had borne as I best could,
(65.01)(68.01) (65.02) (63.01) (06b.07)

TT2: Suportei o melhor que pude as mil e uma injúrias de Fortunato;

TO: The thousand injuries of Fortunato I had borne as I best could,
(65.04) (63.01) (06b.07)

(11.01)

TT3: Sempre suportei o melhor que pude as mil injúrias de Fortunato;



Quanto à relação do ser/parecer, Montresor parece tolo agüentando todos os insultos de seu suposto amigo, enquanto que na verdade é dissimulado e está apenas esperando o momento certo para sua vingança. Já Fortunato parece ser grande conhecedor de vinhos, arrogante e superior, enquanto que realmente é ingênuo e acredita completamente em seu “amigo”. Poe rompe com a ideologia da amizade sem interesse, do ser amigo sob quaisquer circunstâncias e mostra a ideologia do viver numa sociedade com máscaras.

Segundo Genette (1979:159-160), em um primeiro momento, a narrativa tem como função contar uma história através de fatos reais ou fictícios, porém a afirmação destes fatos possui diferentes graus de acordo com as variações modais encontradas no texto. Tais variações são conhecidas como Modo narrativo, i.e., o ponto de vista escolhido pelo autor. Devemos observar que há uma grande diferença entre o ponto de vista escolhido pelo autor e foco narrativo. Este último refere-se à Voz da narrativa, i.e., o narrador, aquele que conta a história, enquanto que o ponto de vista é a personagem escolhida para orientar a perspectiva narrativa, i.e., o Modo narrativo, o qual, por sua vez, pode ser dividido em duas modalidades essenciais, distância e perspectiva.

No que se refere ao conto “The Cask of Amontillado”, a Voz pertence ao narrador presente como personagem na ação. Montresor conta sua história de vingança em relação a Fortunato na primeira pessoa: “The thousand injuries of Fortunato I had borne as I best could”. Todos os TTs mantêm esta primeira pessoa através da modalidade da tradução literal ou da transposição

facultativa ao deixar a marca do sujeito não expreso no verbo, conforme pode ser observado no exemplo anterior.

O tipo de discurso escolhido é o discurso direto no relato de falas e o discurso indireto livre no relato de acontecimentos com o intuito de aproximar o leitor da narrativa convencendo-o dos relatos e insinuando um texto aparentemente neutro. Leva o leitor a crer que Montresor está contando toda a verdade, e que os fatos são narrados como realmente aconteceram.

O Modo relata os acontecimentos analisados do interior, ou seja, o herói Montresor conta a sua própria história em focalização externa. Ele age à frente do leitor sem que este possa tomar conhecimento de seus pensamentos e sentimentos, relata os fatos fazendo com que o leitor acompanhe a história desvendando um segredo. Para tal, o narrador, mesmo sendo o protagonista, sabe mais que ele. Utiliza a focalização interna apenas como artifício narrativo para restrição de campo.

Segundo Barthes (Genette, 1979:196), Montresor arma um jogo de indícios onde o excesso de informações implícitas recai sobre a informação explícita, relata os fatos cuidadosamente para não interpretá-los, deixando tal tarefa ao encargo de seu leitor. O narrador diz menos do que sabe fazendo com que o leitor saiba mais do que aquilo que foi dito, tirando conclusões a partir das dicas deixadas pelo narrador. Um exemplo pode ser quando Montresor afirma que é verdade que Fortunato não vai morrer de tosse; porém, podemos perceber que vai acontecer algo com ele por causa do tom sinistro da narrativa.



O nível do conhecimento aparentemente recai sobre Montresor, não por acaso, pois, desta maneira, Poe não espera que simpatizemos com o protagonista; objetiva forçar-nos a penetrar na mente de um homicida intensificando assim o efeito do choque moral. Este assassino não se apresenta pelo primeiro nome, ao contrário, sabemos apenas seu sobrenome pelo fato de Fortunato ter se referido a ele no final em “For the love of God, Montresor!”. Como observamos anteriormente para o nome próprio Fortunato, o nome Montresor também é mantido através do uso da modalidade do empréstimo.

Montresor parece ser de família tradicional, importante e rica, já que mora em um palácio, possui *arms* e *motto* (armas/brasão e moto/divisa). Seu brasão, “A huge human foot d’or, in a field azure; the foot crushes a serpent rampant whose fangs are imbedded in the heel.”⁷, bem como a divisa, “Nemo me impune lacessit”⁸, são antecipações do desfecho final do conto. Montresor seria a serpente sendo aparentemente esmagada por Fortunato com todos os seus insultos, mas que na verdade estava preparando seu bote. Como é a tradição de sua família através da divisa descendente da Escócia, Montresor não deixaria ficar impune.

Quanto à unidade de efeito, a atmosfera do conto é bem ao estilo do grande escritor norte-americano Edgar Allan Poe. Toda a ação acontece em um clima macabro numa noite de carnaval em local e data desconhecidos, tendo seu

⁷ TT1: “um grande pé humano de ouro, em campo azul; o pé esmaga uma serpente rastejante, cujas presas estão espetadas no calcanhar”. TT2: “um enorme pé humano, de ouro, em campo azul; o pé esmaga uma serpente rampante cujas presas estão ferradas no calcanhar”. TT3: “um grande pé de ouro em campo azul; o pé esmaga uma serpente rastejante cujos dentes mordem o calcanhar.”

⁸ Segundo Silverman (1991:317), a escolha desta divisa não é pura coincidência. Lembraria o pai adotivo de Poe, John Allan, nascido na Escócia. Ademais, Fortunato parece muito com Allan já que este era “rico, respeitado, admirado e amado”, além de fazer parte da Maçonaria e ser conhecedor de vinhos.

ápice à meia-noite. O ambiente é primeiramente descrito através das festividades da época passando logo em seguida para a adega/cripta/catacumba escura e úmida da família Montresor, onde são mantidos os restos mortais da família cujos esqueletos ficam depositados no chão, juntamente com bebidas da família.

A temporalidade da narração é aparentemente simultânea e linear, concede ao leitor a idéia de que está lendo fatos ao mesmo tempo em que eles acontecem; no entanto, é posterior já que descobrimos na última linha do conto que o narrador está relatando uma história que aconteceu há cinquenta anos. Parece que esta idéia de temporalidade simultânea é utilizada por Poe para sugerir o efeito de que toda e qualquer espécie de interferência e jogo temporal foi eliminada. Ele não tem a intenção de mostrar o arrependimento ou não de Montresor, quer focalizar a mente de um assassino durante a prática do homicídio.

Aliás, é sabido que esta unidade de efeito de Poe é uma marca registrada de sua obra. Poe acreditava que toda narrativa deveria ser lida de uma única vez, sem interrupções, para causar o efeito devido no leitor, efeito este que poderia ser descrito como a ansiedade do leitor na tentativa de descobrir o desfecho da história, o desenrolar do crime, a tensão da narrativa. Neste caso, tanto a atmosfera quanto a temporalidade contribuem para se chegar a este efeito.

A ironia é uma outra característica deste conto já que, por várias vezes, a narrativa exprime o sentido contrário das palavras, como acontece na cena em que Montresor tenta convencer o amigo a voltar para não morrer de gripe por causa da umidade; Fortunato responde que não vai morrer de tosse, Montresor retruca: "True – true," já antecipando que sua morte teria outra causa. Todas os

três TTs fizeram uso da modalidade da transposição, acompanhada ou não da modulação com o intuito de passar esta idéia de sentido contrário das palavras:

TO:	"True – true,"	I replied;
	(68.02)	(06b.02)
TT1:	"Tem razão, tem razão",	repliquei;
TO:	"True – true,"	I replied;
	(68.02)	(06b.02)
TT2:	- Pois decerto que não, pois decerto -	respondi
TO:	"True – true,"	I replied;
	(06a.01)	(06a.01)
	(11.01)	(11.01)
TT3:	- É verdade... é verdade –	repliquei.

Um outro ponto irônico é o brinde de Montresor pela vida longa de Fortunato, além do fato de afirmar que também é *mason*, mas não no sentido referido por Fortunato. Devemos observar que a ironia de Poe aqui é proveniente de um jogo de palavras. *Mason* refere-se tanto à maçom, quanto à pedreiro, pelo fato de Montresor construir a parede de tijolos. Infelizmente, nenhum dos TTs conseguiu manter este traço irônico pelo termo *mação/maçon* não ser de conhecimento geral, o leitor não recupera o sentido de pedreiro, construtor. Usaram a modalidade da tradução literal (maçom), porém apenas um dos dois sentidos da palavra pode ser recuperado pelo termo.

A última ironia do conto fica por conta da expressão "In pace requiescat!", já que *pace* remete também a uma segura prisão monástica. Todas os TTs mantiveram a frase por meio da modalidade da transcrição.

Por ser uma história de suspense, a narrativa está repleta de antecipações. Um indício de antecipação do crime que estaria por ocorrer seria a

fantasia de Fortunato, já que era noite de carnaval: “The man wore motley. He had on a tight-fitting parti-striped dress, and his head was surmounted by the conical cap and bells.” A fantasia de bobo era exatamente o papel que estava desempenhando naquela noite; confiava em seu amigo enquanto o mesmo executava planos de o matar. No entanto, vale a pena notar que o TT3 (1989) não traz tal indício, apesar de utilizar, juntamente com o TT2, a modalidade da adaptação; o TT1 usa a modalidade da transposição.

TO:	The man wore	motley.
	(68.03)	(06a.01)
TT1:	Vinha em	traje de bobo.
TO:	The man wore	motley.
	(68.03)	(69.01)
TT2:	Trajava	de bufão;
TO:	The man wore	motley.
	(68.03)	(09.01)
TT3:	Estava	fantasiado.

Outra antecipação até certo ponto que leva o leitor através da narrativa a acompanhar os passos de Fortunato até a morte é a figura do vinho. O primeiro indício de que Fortunato estivera bebendo é o fato de ele cumprimentar calorosamente Montresor: “He accosted me with excessive warmth, for he had been drinking much”.

TO:	He accosted me with excessive warmth, for he had been drinking much.				
	(06b.02)	(65.02)	(68.02)	(65.01)(06b.04)	(65.01)
TT1:	Como tinha bebido demais, abordou-me com um entusiasmo desusado.				
TO:	He accosted	me with excessive warmth,			
	(06b.02)	(05.04)			
TT2:	Acolheu-	me com excessivo calor,			

for he had been drinking much.
 (05.01) (06b.04) (05.01)
 pois bebera demais.

TO: He accosted me with excessive warmth,
 (06b.02) (05.02) (06b.01) (08.01)
 TT3: Cumprimentou-me com uma excessiva cordialidade

for he had been drinking much.
 (05.01) (06b.04) (05.01)
 porque bebera muito.

Um segundo momento é a descrição de como ele andava ao entrar pelas catacumbas dos Montresors: “The gait of my friend was unsteady, and the bells upon his cap jingled as he strode”.

TO: The gait of my friend was unsteady,
 (05.03) (06b.01) (05.02) (68.01)
 TT1: O passo de o meu amigo era pouco firme

TO: The gait of my friend was unsteady,
 (05.03) (06b.01) (05.03)
 TT2: O andar de/ o meu amigo era irregular

TO: The gait of my friend was unsteady,
 (05.01) (68.02)(65.02) (68.02)
 TT3: O meu amigo caminhava com um passo incerto

Neste ponto, com a “intenção” de minimizar os efeitos da gripe de Montresor, Fortunato afirma que um gole de Medoc os defenderia da umidade. No entanto, Medoc é uma espécie de vinho tinto da região de Médoc, na França, e, assim sendo, deixaria Fortunato ainda mais bêbado do que já estava. Montresor afirma então que os olhos de Fortunato estavam efervescentes como o vinho, outro traço de sua bebedeira, enquanto que a sua imaginação aumentava ainda mais, expressando assim sua ansiedade para que sua vingança fosse completa.

Não saciado, Fortunato pede mais um pouco do Medoc fazendo com que Montresor abra um garrafão de De Grave – outra espécie de vinho. No entanto, vale a pena observar que o termo *grave* em inglês denota sepultura, túmulo, morte. A esta altura, Fortunato toma todo o vinho de uma única vez e seus olhos piscam uma luz forte. Todos os dois tipos de vinho são mantidos nos TTs através da modalidade do empréstimo; porém, o nome do vinho De Grave perde sua conotação de morte através do uso desta modalidade.

Contudo, ao perceber o que estaria para acontecer diante da revelação de que seria preso nas catacumbas, Fortunato perde todos os indícios da bebedeira; porém, sua conscientização não aparece na narrativa.

Montresor acaba finalizando seu trabalho com uma aparente desculpa do acontecido. Em um momento de fraqueza afirma para si mesmo que aquilo havia sido obra da umidade: “My heart grew sick; it was the dampness of the catacombs that made it so”. Este é o único indício da consciência de Montresor. Porém, todas as três traduções apagaram tal indício:

TT1: “Doía-me o coração – por causa da extrema humidade das catacumbas.”

TT2: “Senti o coração oprimido, dada a forte humidade das catacumbas.”

TT3: “Senti-me mal – sem dúvida o resultado da humidade das catacumbas.”

O fato de as frases virem separadas por ponto-e-vírgula no original em inglês indica uma mudança de foco e uma possível busca por alívio da parte de Fortunato. As traduções nos levam a crer que a umidade fez com que Montresor se sentisse mal, o que é uma idéia completamente contrária à primeira.

Além de o vinho acompanhar a narrativa, outro indício é a descrição do local. O narrador usa, como artifício do suspense, termos que denotam lugar funesto em uma escala cada vez mais macabra. Começa com o local descrito como *vaults*. Este termo tem três acepções diferentes em inglês: (1) construção em forma de abóbada, arco; (2) local para armazenar coisas no subsolo de qualquer edificação; (3) câmara mortuária. Todos os tradutores optaram pela adaptação do termo. O TT1 e o TT2 para *cave* e o TT3 para *adega*. Em todos os casos perderam-se informações.

A escala continua da seguinte forma: *catacombs*, *crypt*, *recess* e *niche*, i.e. *catacumba*, *cripta*, *recesso* e *nicho*. No entanto, o tradutor do TT1 optou por traduzir *recess* por *recanto*, termo que também denota lugar confortável perdendo toda a atmosfera do conto. O tradutor do TT3 optou por traduzir tanto *recess* quanto *niche* por *nicho* diminuindo assim o aumento da atmosfera através dos termos usados. Com exceção do primeiro termo apresentado anteriormente, o tradutor do TT3 utilizou escolhas adequadas para os termos em questão.

Todos os 3 TTs conseguiram, em um primeiro momento, passar as características da narrativa de Poe, i.e., os traços principais dos personagens, o narrador-personagem autodiegético e extradiegético, as relações do ser-parecer, a voz do narrador, as características do discurso, a focalização, a temporalidade, a unidade de efeito tão característica de Poe, a ironia, as antecipações, para citar algumas, através da modalidade que melhor preenche as necessidades do texto. Assim sendo, concluímos que a teoria da narrativa seria um importante instrumento de trabalho para o tradutor literário.

3.2. Análise Ao traduzir um texto, é de consenso geral que o tradutor deva, acima de tudo, ser grande conhecedor das línguas envolvidas, bem como da cultura dos países em questão. Além disso, seria de grande valia conhecer as características do texto literário a ser traduzido para que entendêssemos a engrenagem da narrativa, como é o caso de alguns indícios no texto, e.g., a fantasia de bobo de Fortunato ao ir para o carnaval, o termo *mason* que denota tanto um pedreiro quanto um maçom, o termo *vaults*, e muitos outros. Pois, diante da máquina complexa que é a narrativa, um simples ponto-e-vírgula pode ser de grande importância.

Outras leituras também devem ser levadas em consideração, como aquela em que encontramos uma analogia onde Montresor seria Poe, o Amontillado, sua obra, e, Fortunato, os críticos literários da época. Poe teria então tido sua vingança das mil e uma injúrias causadas pelos críticos em relação a sua obra, já que os mesmos foram esquecidos e sua obra continua mais viva do que nunca, 150 anos após sua morte.

Concluimos então que mesmo tendo os TTs conseguido passar todas as características da narrativa de Poe, o TT3 poderia ser indicado como o melhor TT entre todos, não apenas por apresentar um texto mais comunicativo e domesticador, segundo as visões de Newmark e Venuti, respectivamente, mas também pelo maior cuidado que podemos observar no profissional ao escolher este ou aquele termo que melhor se encaixa na narrativa para passar o efeito tão esperado por Poe.



3.2. Análise com os resultados da pesquisa sobre três traduções de "the Cask of Amontillado" feitas no Brasil

O terceiro objetivo do levantamento das modalidades tradutórias nas três traduções realizadas em Portugal do texto literário "The Cask of Amontillado" é a comparação com as três traduções do mesmo TO realizadas no Brasil e anteriormente analisadas por Camargo (1993). Os objetivos são:

- 1- verificar quais categorias são observadas com maior frequência nas amostras como possível indicativo de correlação entre tipologia tradutória e tipologia textual;
- 2- investigar o escopo de liberdade dos tradutores através da comparação de dados provenientes da análise de conjunto de categorias; e
- 3- variação diacrônica e geográfica.

Tendo como ponto comum a aplicação das modalidades no conto "The Cask of Amontillado" de Edgar Allan Poe, ambas as análises levantaram 3090 itens lexicais divididos em três amostras com 1030 itens lexicais cada, fazendo um total de seis TTs e 6180 itens lexicais, além dos acréscimos num total de 57 para as traduções portuguesas e 123 para as traduções brasileiras.

O primeiro passo para esta análise é levarmos em conta a distribuição absoluta e relativa das categorias segundo a porcentagem de ocorrência das mesmas. As seguintes categorias não apresentaram variação significativa entre as amostras brasileiras e portuguesas, a saber: tradução literal, transposição obrigatória, erro, transposição com tradução literal, transposição com

explicitação, transposição com adaptação e acréscimo. Tal fato pode ser indício de uma certa correlação entre tipologia tradutória e tipologia textual já que estas modalidades são responsáveis por 52,2% da amostra brasileira e 52,6% para a amostra portuguesa.

O que mais chama a atenção é o fato de a média total da amostra brasileira trazer 35,2% de ocorrência da categoria tradução literal e 12,3% da categoria transposição obrigatória enquanto que a amostra portuguesa apresentou 35,6% e 12,4%, respectivamente. Estes números são muito próximos e indicam uma busca geral pela literalidade por parte dos seis tradutores. Assim sendo, parece que se poderia inferir uma correlação significativa entre tipologia tradutória e tipologia textual no que diz respeito ao texto literário.

Outro fato que pode corroborar para esta correlação significativa é a ausência das modalidades do decalque, da tradução intersemiótica e da correção em todos os profissionais em questão.

As demais categorias, apesar de serem responsáveis por menos da metade da amostra, apresentam certa variação. Quanto às categorias da transcrição e do empréstimo usadas separadamente ou em conjunto com a transposição, esta variação não interfere significativamente nos resultados já que é decorrente de a tese de Camargo basear-se na proposta de Aubert em 1984, onde a ocorrência de nomes próprios era vista como transcrição, ao passo que a presente dissertação, por fundamentar-se no artigo de Aubert de 1998, considera-a como empréstimo.

A categoria da omissão apresentou menor ocorrência na média total das traduções portuguesas, 2,8%, em comparação com 5,2% para as traduções brasileiras. Apesar de esta variação não ser tão significativa, a mesma deve ser resultado de uma acomodação de sentido com a categoria da modulação.

Outra categoria com certa variação é a transposição facultativa com 2,4%. As traduções brasileiras apresentam 14,2% para 16,6% das traduções portuguesas. Isto fez com que o total geral da transposição considerada como um todo registrasse 26,5% na amostra brasileira, enquanto que, na amostra portuguesa, a frequência foi de 29%. Tal variação, porém, não chega a ser significativa, mostrando apenas uma leve tendência para as formas ditas menos literais por parte dos portugueses.

Outrossim, as categorias que mostraram maior variação foram a modulação e a transposição com modulação. A amostra brasileira apresentou a modulação em 15% e a transposição com modulação em 10,1% em comparação com 7% e 18,5%, respectivamente, para a amostra portuguesa. No entanto, o total das categorias agrupadas é de 25,1% e 25,5%, variação não significativa. Tal ocorrência indica apenas que as traduções portuguesas lançaram mão de uma busca maior pelo sentido do que pela literalidade estrutural.

3.2.1. O escopo de liberdade dos tradutores

O segundo objetivo desta análise externa é investigar o escopo de liberdade dos tradutores através da comparação dos dados provenientes da análise



das categorias em conjunto. Para tal, trabalhamos com um teste de homogeneidade da distribuição obtida pelas três traduções nas várias categorias envolvidas, onde se estabeleceu que a hipótese nula (H_0) seria o desvio relativo à ocorrência no corpus resultante do acaso do levantamento. Estabelecemos que $H_0: \chi^2 = 0$; $H_1: \chi^2 \neq 0$; e nível de significância ($n.sig.$) = 0,05, onde $\chi^2_c = 11,07$. Assim sendo, rejeitamos o H_0 quando o resultado do teste do χ^2 for maior que 11,07, por ser este desvio significativo para o nível de significância adotado, i.e., 0,05. Como já mencionado anteriormente, observamos, então, que o desvio detectado pode ser decorrente da presença de variáveis, e.g., tipologia textual, interferência idioletal, espacial ou temporal, inadequação do levantamento, etc.

A comparação dos dados dos seis TTs a partir do teste de homogeneidade obtido pela tradução de cada um dos seis profissionais nas várias categorias definidas demonstra um alto índice de confirmação da hipótese nula com oito modalidades não apresentando variação, a saber: tradução literal, transposição obrigatória, transposição facultativa, transposição como um todo, adaptação, erro, transposição com transcrição e transposição com tradução literal. Por sua vez, as modalidades do decalque, da tradução intersemiótica e da correção não foram utilizadas em nenhuma dos seis TTs envolvidos na análise. As categorias da explicitação/implicitação, transposição com explicitação e transposição com adaptação apresentaram um número menor do que cinco itens lexicais, portanto, não foram consideradas no cálculo. Pelo fato de estas categorias mencionadas serem responsáveis por mais de 50% de todo o corpus envolvido,

podemos supor que haveria uma relação entre tipologia tradutória e tipologia textual não levando-se em consideração variações idioletais ou geográficas.

Quanto às modalidades que apresentaram rejeição, o TT2 do Brasil fez maior uso da categoria omissão enquanto que o TT1 de Portugal apresentou um número menor desta modalidade comparado aos outros TTs. Os dados indicam assim uma maior busca pela literalidade por parte do TT1 de Portugal. No entanto, o fato de o TT2 do Brasil ter omitido 69 itens lexicais pode indicar apenas uma acomodação por parte do profissional ao utilizar a modalidade da modulação ou da transposição com modulação.

No que se refere às modalidades da transcrição e do empréstimo, o TT1 do Brasil fez maior uso da modalidade da transcrição enquanto que o TT1 de Portugal fez maior uso da modalidade do empréstimo. Tal variação já era esperada uma vez que houve certa mudança na definição de ambas as modalidades, conforme foi mencionado anteriormente. No entanto, o TT3 de Portugal utilizou mais a categoria da transcrição com empréstimo em comparação aos outros TTs. Todos estes dados podem indicar uma maior busca pela literalidade por parte dos TT1s, tanto do Brasil como de Portugal, bem como uma maior liberdade por parte do TT3 de Portugal para a utilização de um número maior de mudanças de ordem no interior do período da LC.

A categoria da modulação apresentou variação em todos os TTs sendo que os TTs brasileiros fizeram maior uso desta categoria enquanto que os TTs portugueses utilizaram um número menor desta modalidade. Já a categoria da transposição com modulação apresentou três rejeições: tanto o TT1 quanto o TT3



do Brasil utilizaram menos a modalidade enquanto que o TT3 de Portugal fez maior uso da categoria, levando-nos a supor que haja, mais recentemente, uma tendência por parte do tradutor português de valer-se de uma praxe tradutória que valorize um maior afastamento em relação à literalidade.

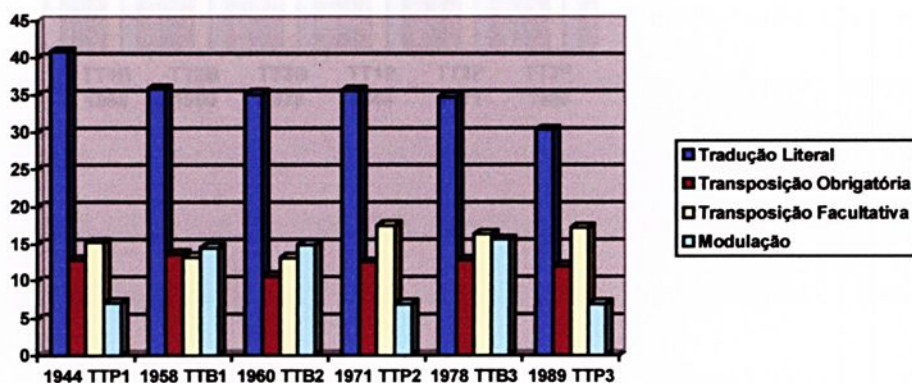
3.2.2. As variações diacrônica e geográfica

Como a amostra que envolve os seis TTs apresenta uma variação de quase cinco décadas (Portugal: TT1, 1944; TT2, 1971; TT3, 1989; Brasil: TT1, 1958; TT2, 1960; TT3, 1978), seria possível levantarmos a hipótese de que esse intervalo de tempo já pudesse estar influenciando no comportamento dos seis profissionais levados em consideração. A fim de se analisar a possibilidade da influência temporal, foram feitas comparações duas a duas entre os textos *interna corpore* e os textos *externa corpore*, considerados como um todo. Recorremos então à correlação de postos, trabalhando com $n.sig.$ 0,05; $n = 16$, $r_c = 0,40$, $n = 17$, $r_c = 0,39$. (Embora não houvesse necessidade, optamos por colocar todas as tabelas auxiliares que envolvem a correlação de postos no Apêndice 2 com o intuito de ilustrar a análise.)

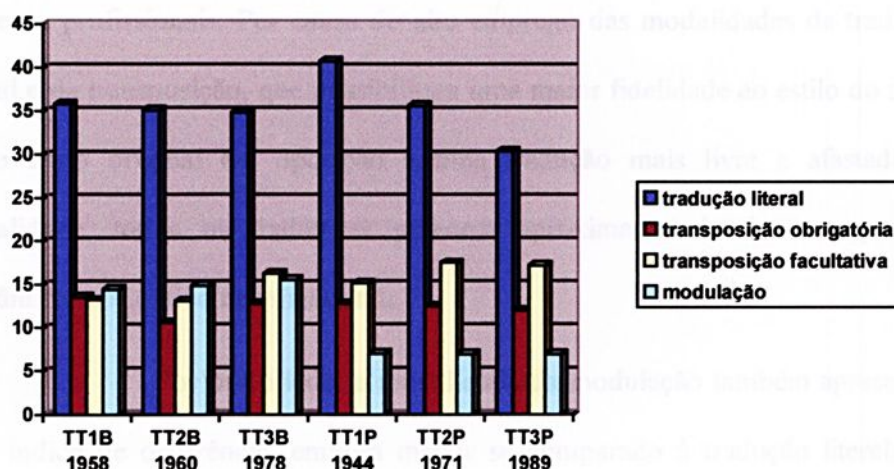
Os resultados demonstram, nas respectivas confrontações entre o conjunto das modalidades tradutórias nos textos portugueses e nos textos brasileiros um coeficiente de correlação de 0,71-0,80. Apesar de haver um leve aumento de correlação quando os textos são analisados separadamente (0,90-0,96 entre os TTs portugueses e 0,97-0,98 entre os TTs brasileiros), tal resultado não

apresenta discrepância, pois o nível de correlação acima de 0,50 corrobora com a afirmação de correlação entre os textos analisados, não indicando assim diferença significativa na ocorrência das modalidades devido ao espaço temporal ou localização geográfica.

No entanto, mesmo a presente pesquisa não tendo encontrado diferença significativa e tendo constatado certa regularidade no uso das modalidades tradutórias através da análise de χ^2 e correlação de postos, podemos observar certa tendência em relação à praxe tradutória mais voltada para uma maior individualidade por parte dos tradutores utilizando um número menor, embora não significativo, de ocorrências da modalidade da tradução literal. Ao levarmos em conta a variação diacrônica numa linha linear do tempo, a ocorrência da modalidade da tradução literal é menor enquanto que a ocorrência das modalidades da transposição e modulação mantem-se aproximadamente uniforme, conforme pode ser observado no gráfico abaixo:



Ao analisar as mesmas quatro modalidades de maior ocorrência, porém no âmbito da variação geográfica, observamos não apenas uma tendência para o menor uso da modalidade da tradução literal por parte dos portugueses, mas também a maior utilização, apesar de não significativa, da modalidade da transposição facultativa. Tal fato nos leva a observação de uma certa variação geográfica entre a praxe tradutória no Brasil e em Portugal. Apesar de as línguas envolvidas serem consideradas uma só – o Português, diferenças culturais provavelmente levavam os tradutores portugueses a ter um maior escopo de liberdade em sua profissão, conforme pode ser observado no gráfico abaixo:



CONCLUSÃO

Com base na análise das modalidades tradutórias de todos os TTs envolvidos no presente estudo, podemos chegar às seguintes considerações:

A aplicação do modelo Vinay & Darbelnet, juntamente com a proposta de reformulação de Aubert, no corpus constituído por amostras de textos traduzidos a partir do conto original de Poe, possibilitou a análise de cada uma das modalidades levantadas nas traduções. Pode ser observada, diante das mesmas restrições textuais e estruturais, uma praxe tradutória praticamente homogênea entre os profissionais. Por causa do alto emprego das modalidades da tradução literal e da transposição, que possibilitam uma maior fidelidade ao estilo do autor e ao texto original em oposição a uma tradução mais livre e afastada da literalidade, todos os tradutores parecem aproximar mais de uma postura semântica, no sentido newmarkiano.

Por outro lado, a modalidade da modulação também apresentou alto índice de ocorrência, embora menor se comparado à tradução literal. Tal observação, apesar de um tanto conflitante com a postura semântica de Newmark, está de acordo com as idéias de Aubert no que diz respeito às diferenças estilísticas e deslocamentos geralmente necessários na tradução do texto literário.

Apesar de não ter sido encontrada diferença significativa nas análises de correlação de postos e tal observação não afetar direta e significativamente o conceito da tradução propensa à postura semântica, podemos

perceber uma tendência na praxe tradutória por parte de todos os seis profissionais de um afastamento gradual da literalidade ao observarmos um uso em menor número referente à ocorrência da modalidade da tradução literal numa linha temporal, sugerindo certa propensão à variação diacrônica. Quanto à variação geográfica, alguns fatores culturais podem vir a interferir nesta maior propensão à não literalidade por parte dos profissionais portugueses seguindo também esta linha temporal.

Podemos chegar à conclusão que os dados *interna corpora* e *externa corpora* sugerem a existência de determinados fatores influenciando os textos traduzidos:

- alta ocorrência de literalidade: apesar de a mesma ter-se demonstrado menor com o passar do tempo, a diferença não é significativa;
- certo desvio desta literalidade: desvios estilísticos e desdobramentos parecem ser necessários em se tratando do texto literário;
- propensão a uma maior liberdade por parte do tradutor: fatores temporais e culturais parecem estar influenciando o idioleto do tradutor ao compararmos o profissional português com o brasileiro.

Ao levarmos em conta este último fator, a observação de que os tradutores portugueses mais recentes parecem apresentar uma maior individualidade em comparação com os outros profissionais pode ser consequência de diferenças culturais. Portugal e Brasil são países distintos geográfica e culturalmente. Talvez, por estar mais próximo com os países do

chamado Primeiro Mundo e fazer parte da Comunidade Européia, Portugal pareça demonstrar certa tendência para a prática da tradução domesticadora, dentro da concepção de Venuti, pelo fato de os profissionais portugueses apresentarem maior ocorrência, embora não significativa, da modalidade da modulação, seja esta acompanhada da transposição ou não. Por outro lado, parece fazer sentido a observação de que as traduções brasileiras tendem a ser mais próximas da tradução estrangeirizadora, por meio da maior ocorrência da modalidade da tradução literal e pelo fato de que o Brasil é um país em desenvolvimento e não se encontra em contato tão direto, não sofrendo, assim, a influência imediata, quer de uma forte normatização imposta ao grande volume de documentos de uso comum entre os diferentes países que compõem a União Européia, quer de uma possível praxe tradutória do mercado livreiro europeu que estaria solicitando textos literários com constituintes lingüístico culturais mais identificados com o espaço de recepção na LC.

Tendo o presente estudo como proposta a contribuição para uma via de abordagem para um futuro estabelecimento de uma tipologia tradutória bem como o exame de tendências na tradução literária que poderiam servir de subsídio para o ensino e a prática da tradução, a mesma parece ter sido atingida à medida que o tipo de texto, a estrutura empregada e o aspecto semântico surgiram como possíveis desencadeadores das ocorrências observadas. Mesmo levando em consideração certa individualidade na tradução portuguesa mais recente, o estudo sugere o predomínio de uma postura tradutória semelhante entre os profissionais



envolvidos. Apesar de existir algumas divergências nos usos das modalidades, tal variação não é significativa.

Diante deste contexto, parece que o emprego das modalidades tradutórias pode contribuir para o ensino e a prática da tradução já que o aluno poderia começar seus estudos a partir de textos que envolvam uma maior ocorrência das modalidades pertencentes ao grupo da tradução direta, passando posteriormente para o grupo da tradução oblíqua, os desdobramentos e os casos híbridos à medida que avança seu conhecimento. Quanto ao profissional que desempenha sua função de tradutor no dia-a-dia, mesmo tal profissão exigindo grande flexibilidade e disponibilidade de tempo, o trabalho do tradutor pode ser facilitado a partir de sua conscientização das modalidades tradutórias, bem como das características intrínsecas ao texto.

Chegando ao final da presente pesquisa, acreditamos que o papel das modalidades de tradução é o de complementação no que se refere ao papel do tradutor como aquele que toma decisões. As modalidades complementam o trabalho do tradutor à medida que o conscientiza de quais são suas opções na hora da decisão por este ou aquele termo, esta ou aquela modalidade.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Irene da Costa. *Modalidades de tradução: uma avaliação do modelo proposto por Vinay e Darbelnet*. (São Paulo, 1983). Dissertação (Mestrado) – PUC-SP.

ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução – a teoria na prática*. São Paulo: Ática, 1986.

_____. *Tradução, desconstrução e psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

AUBERT, Francis Henrik. “Etapas do ato tradutório”. In: *Tradução e Comunicação*, Nº1. São Paulo: Álamo, 1981. p.13-24

_____. “Descrição e quantificação de dados em tradutologia”. In: *Tradução e Comunicação*. N.4. São Paulo: Álamo, 1984. p.71-82.

_____. “A tradução literal: impossibilidade, inadequação ou meta? In: *Ilha do Desterro*, N.17. Florianópolis: UFSC, 1987. p.13-20.

_____. “A fidelidade no processo e no produto da tradução”. In: *Trabalhos de Lingüística Aplicada*, Nº 4. Campinas: IEL/UNICAMP, 1989.

_____. *Askeladden e outras aventuras tradutórias*. (São Paulo, 1991). Tese (Livre Docência) – USP-SP.

_____. *As (in)fidelidades da tradução. Servidões e autonomia do tradutor*. Campinas: Unicamp, 1993.

_____. “Desafios da tradução cultural (as aventuras tradutórias de Askeladden). In: *TradTerm*. N.2. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 1995. p.31-44.

_____. “Translation theory, teaching and the profession”. In: *Perspectives: Studies in Translatology*. Copenhagen: Museum Tusculanum Press, 1995. p.121-131.

_____. Logodiversity and translation. In: *Meta*, XLI, 2, 1996. p.192-195

_____. “Tipologia da tradução: o caso da tradução juramentada” In: *Anais do V encontro nacional de tradutores*. São Paulo: Humanitas Publicações, 1996. p.105-118.

_____. “Translation modalities: theory and practical results”. In: *TradTerm*. N.5. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 1998. p.99-128.

- BAKER, Mona. *In other words – a coursebook on translation*. London: Routledge, 1992.
- BARBOSA, Heloisa Gonçalves. *Procedimentos Técnicos da Tradução*. Campinas: Pontes, 1990.
- BASSNETT, Susan. *Translation studies*. London: Routledge, 1980.
- BENJAMIN, Walter. "The translator's task" In: *TTR - Traduction, Terminologie, Rédaction - Études sur le texte et ses transformations*. Vol.X, Nº2. Québec: université McGill, 1997. p. 151-165 (Tradução para o inglês de Steven Rendall)
- BERMAN, Antoine. *L'Épreuve de l'étranger: Culture et traduction dans l'Allemagne romantique*. Paris: Gallimard, 1984.
- BROECK, Raymond Van den. "The concept of equivalence in translation theory: some critical reflexions". In: James S. Holmes, José Lambert & R. Van den Broeck. *Literature and Translation*. Belgium: Acco, 1978.
- CAMARGO, Diva Cardoso de. *Contribuição para uma tipologia da tradução: as modalidades de tradução no texto literário*. São Paulo: Tese Doutorado – USP, 1993.
- _____. "As modalidades de tradução e o texto literário". In: *TradTerm*. N.3. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 1995. p.27-34.
- _____. "A noção de equivalência aplicada à situação tradutória" In: *Anais do V encontro nacional de tradutores*. São Paulo: Humanitas Publicações, 1996. p.71-77.
- CATFORD, John C. *A linguistic theory of translation*. Londres: Oxford University Press, 1965. (*Uma teoria lingüística da Tradução*. São Paulo: Cultrix, 1980.)
- CORRÊA, Regina Helena Aquino. *Barreiras culturais da tradução: um estudo de obras de Jorge Amado traduzidas para o inglês*. São Paulo: Tese Doutorado – USP, 1998.
- DARIN, Leila Cristina Melo. (1986) *Translation modalities in the comparison of English and Portuguese – analysis of excerpts taken from C. Castañeda's novel "The teaching of D. Juan" or "A Erva-do-Diabo"*. Exeter: Dissertação Mestrado – Exeter, 1986.
- DERRIDA, Jacques. "Des tours de Babel". In: GRAHAM, J.F. (ed.) *Difference in translation*, Ithaca, Cornell University Press, 1985.
- DOXEY, William S. "Concerning Fortunato's Courtesy". In: *Studies in Short Fiction, IV*. Spring, 1967. p. 266.

- FIRTH, J. R. *The Tongues of Man and Speech*. Londres: Oxford University Press, 1970.
- FOSSUM, Robert H. "Poe's Cask". In: *Explicator*, XVII. November, 1958.
- GEHRING, Sônia T. *As modalidades de tradução inglês ↔ português: correlações bidirecionais*. São Paulo: Tese Doutorado – USP, 1998.
- GENETTE, Gerard. *Discurso da Narrativa*. Lisboa: Arcádia, 1979.
- GENTZLER, Edwin. *Contemporary translation theories*. Londres: Routledge, 1983.
- HALLIDAY, M.A.K. "Lexis as a linguistic level". In: In Memory of R. J. Firth. London: Longmans Green & Co. Ltd., 1966.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Inglês-Português*. Rio de Janeiro: Record, 1982.
- JAKOBSON, Roman. "Aspectos lingüísticos da tradução". In: *Lingüística e Comunicação*. 9ª edição. São Paulo: Cultrix, 1977. (Tradução de Isidoro Blikstein e José Paulo Paes)
- KENDALL, M.G. e SMITH, B.B. "Randomness And Random Sampling Numbers" In: Ary, Donald. et.al. *Introduction to Research in Education*. 3rd edition. New York: Rinehart and Winston, 1985, p.430-434.
- LARANJEIRA, Mário. *A poética da tradução*. São Paulo: EDUSP, 1993.
- LEFEVERE, André. *Translation / history / culture – a sourcebook*; London: Routledge, 1992.
- MILTON, John. *Tradução – teoria e prática*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- _____. "A tradução de romances 'clássicos' do inglês para o português no Brasil" In: *Trabalhos em Lingüística Aplicada*. Nº24. Campinas:UNICAMP, jul/dez 1994. p.19-33
- MOUNIN, Georges. *Os problemas teóricos da tradução*. São Paulo: Cultrix, 1975. (Tradução de Heloysa de Lima Dantas)
- NEWMARK, Peter. *Approaches to translation*. Oxford: Pergamon, 1981.
- NIDA, Eugene. *Toward a science of translating*. Leiden: Brill, 1964.
- _____. e TABER, C.R. *The theory and practice of translation*. Leiden: Brill, 1969.
- PAES, José Paulo. *Tradução, a ponte necessária*. São Paulo, Ática, 1990.



POE, Edgar Allan. "The Cask of Amontillado". In: *Tales of Edgar Allan Poe*. New York: Random House, 1944.

_____. "O Casco de Amontillado" In: *Contos Completos*. Coimbra: Editorial Saber, 1944. (Tradução de Manuel Barbosa)

_____. "O Barril de Amontillado" In: *Histórias Extraordinárias*. São Paulo: Cultrix, 1958. (Tradução de José Paulo Paes)

_____. "O Barril de Amontillado" In: *Poesia e Prosa*. Porto Alegre: Globo, 1960. (Tradução de Oscar Mendes e Milton Amado)

_____. "O Barril de Amontillado" In: *O Barril de Amontillado e Outras Novelas*. Lisboa: Livros do Brasil, 1966. (Tradução de Maldonado Faria)

_____. "O Barril de 'Amontillado'" In: *Histórias de Mistério e Imaginação*. Lisboa: Editorial Verbo, 1971. (Tradução de Tomé Santos Júnior)

_____. "O Barril de 'Amontillado'" In: *Histórias Extraordinárias*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Tradução de Breno Silveira e outros)

_____. "O Barril de 'Amontillado'" In: *Histórias Extraordinárias*. Mem Martins: Europa-América, 1989. (Tradução de Luísa Feijó)

PROCTOR, Paul. *Cambridge international dictionary of english*. London: Cambridge University Press, 1995.

QUIRK, Randolph. et.al. *A grammar of contemporary english*. London: Longman, 1972.

REA, J. "Poe's Cask". In: *Studies in Short Fiction, IV*. Fall, 1960. p. 57-69.

ROCHA, Daniel da Silva. et.al. *A tradução da grande obra literária*. São Paulo, Álamo, 1982.

RONAI, Paulo. *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

SCHICK, Joseph S. "The Origin of 'Cask'" In: *American Literature, VI*. March, 1934. p. 18-21.

SILVA, Maria das Graças Villa da. *As modalidades da tradução aplicadas ao conto "O Cobrador"*. São Paulo: Dissertação Mestrado – USP, 1992.

SILVERMAN, K. *Edgar Allan Poe: Mournful and Never-Ending Remembrance*. New York: Harper Collins Publishers, 1991.

SNELL-HORNBY, Mary. *Translation studies: an integrated approach*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1988.



STEINER, George. *After babel - aspects of language and translation*. New York: Oxford, 1974.

VÁSQUEZ-AYORA, Gerardo. *Introducción a la traductología*. Washington, DC: Georgetown University, 1977.

VENUTI, Lawrence. *The translator's invisibility*. Londres: Routledge, 1995.

VINAY, Jean-Paul. "La traducción humana". In: Martinet, A. *Tratado del Language*, vol.IV. Buenos Aires: Nueva Visión, 1976. (Tradução para o espanhol de "La Traduction Humaine". In: Martinet, A. *Le Langage*. Paris, Gallimard, 1968.)

VINAY, Jean-Paul & DARBELNET, Jean. *Comparative stylistics of French and English - a methodology for translation*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995. (Tradução para o inglês de Juan C. Sager a partir do original VINAY, J.P. & DARBELNET, J. *Stylistique comparée du français et de l'anglais*. Paris: Lês éditions Didier, 1958)

ZANOTTO, Paulo. *Tipos de texto e modalidades de tradução*. São Paulo: Tese Doutorado - USP, 1993.



APÊNDICE I

LEVANTAMENTO DOS DADOS – CLASSIFICAÇÃO

POR MEIO DAS MODALIDADES DE TRADUÇÃO

Tradução 1 - "O Casco de Amontillado". In: *Contos Completos*.

Coimbra: Editorial Saber, 1944. Tradução de Manuel Barbosa.

	THE CASK OF (05.03) O CASCO DE		AMONTILLADO (03.01) AMONTILLADO	
§1	The thousand (06b.02)	injuries of (65.01)(12.01)(63.01)	Fortunato (06b.07)	I had borne as I best could, (06b.07)
	Suporteí o melhor que pude		milhares de injúrias a Fortunato;	
	but when he (05.03)	ventured upon (06a.01) (05.01)	insult I vowed (06b.03)	revenge. (05.01)
			(11.01)	
	mas quando êle	se atreveu a	insultar-me, então	jurei vingança.
	You, who (05.02)	so (01.01)(05.03)	well know the nature of (67.02)	my (05.01)
	Vós, que	bem conheceis o	meu	soul, (08.01)
				feitio,
	will not suppose, (68.02) (05.01)	however, (08.01)	that I gave utterance to (05.01)(68.04)	a threat. (08.01)(05.01)
	não ireis supor	certamente	que proferi	qualquer ameaça.
	<i>At length</i> (68.02)		I would be avenged; (06b.04)	
	Quando êle menos o esperasse,		vingar-me-ia;	
	this (01.01)	was (05.01)	a point (06b.02)	definitely settled – (05.02)
		era	ponto	definitivamente assente.
	but the (05.02)	very (05.01)	definitiveness (68.01)	with which it (05.03)
	Mas o	próprio	caráter definitivo	com que isto
	was resolved precluded the idea of risk. (05.07)			
	fôra resolvido excluía a idéia de risco.			

I must not only punish but punish with impunity.
 (08.02) (05.07)
 Era necessário, não apenas punir, mas punir com impunidade.

A wrong is unredressed
 (05.01) (08.01) (06b.02)
 Um mal nunca fica reparado

when retribution overtakes its redresser.
 (05.01) (06b.04)
 quando o reparador é atingido pela retribuição.

It is equally unredressed when the avenger
 (68.02) (06b.02) (05.03)
 Também não fica reparado quando o vingador

fails to make himself felt as such
 (68.07)
 não se dá a conhecer

to him who has done the wrong.
 (05.01)(08.01)(05.01)(06a.02) (05.01) (08.01)
 a/ aquele que fez o mal.

§2 It must be understood that neither by word nor deed
 (06a.02)(08.02) (05.03) (06a.01) (06b.01) (08.01)
 Deve notar-se que nem por palavras nem por obras

had I given Fortunato cause to doubt my good will.
 (06b.03) (03.01) (06a.01) (05.01)(06a.01) (06b.01) (05.02)
 dei a Fortunato motivos para duvidar de/ a minha boa vontade.

I continued as was my wont, to smile in his face,
 (06b.02) (05.06) (08.03)
 Continuei, como era meu costume, a sorrir diante de/ê/ele,

and he did not perceive that
 (05.02) (06a.03) (05.01)
 e ê/ele não percebeu que,

my smile now was at the thought of his immolation.
 (06b.02) (05.06) (06b.02)
 se me sorria agora, era a/o pensamento de o imolar.



§3 He had a weak point – this Fortunato –
 (06b.02)(05.01)(06a.02) (05.01) (03.01)
 Tinha um ponto fraco, este Fortunato,

although in other regards he was
 (06b.01) (68.03) (06b.02)
 muito embora sob todos os outros pontos de vista fôsse

a man to be respected and even feared.
 (05.08)

um homem para ser respeitado e mesmo temido.

He prided himself on his connoisseurship in wine.
 (06b.02) (05.01) (08.03) (05.01) (06a.01)
 Gabava-se de grande provador de vinhos.

Few Italians have the true virtuose spirit.
 (05.05) (06a.02)
 Poucos italianos têm o verdadeiro espírito de/o virtuose.

For the most part
 (05.04)

(11.03)
 Em/a maior parte de/os casos,

their enthusiasm is adopted to suit the time and opportunity,
 (68.01)(05.01) (05.04) (08.01) (01.03) (06a.01)
 o seu entusiasmo é adotado para aproveitar oportunidades

to practise imposture upon the British and Austrian millionaires.
 (05.01)(68.03) (05.01)(06a.04)
 de intrujar os milionários ingleses e austríacos.

In painting and gemmary,
 (05.01) (05.02) (08.01)

(11.02)
 Em matéria de pintura e jóias,

Fortunato, like his countrymen, was a quack,
 (03.01) (05.01) (06b.01) (05.04)
 Fortunato, como os seus concidadãos, era um charlatão;

but in the matter of old wines he was sincere.
 (05.02) (06b.02) (05.01)(06a.02) (06b.02) (05.01)
 mas em matéria de vinhos velhos era sincero.

In this respect I did not differ from him materially;
 (05.04) (06a.03) (06a.03)
 A êste respeito, eu não diferia substancialmente de/êle;

- I was skilful in the Italian vintages myself,
 (05.04) (06a.02) (68.01) (06a.01)
 eu próprio era conhecedor de vinhos italianos,

and bought largely whenever I could.
 (05.02) (06b.01) (68.03)
 e comprava à farta, quando se me oferecia uma boa oportunidade.

§4 It was about dusk, one evening
 (06a.02)(68.01)(05.01) (05.01) (68.01)
 (11.01)
 Foi a/o escurecer de uma dessas tardes

during the supreme madness of the carnival season,
 (68.02) (05.04) (06a.02)
 de suprema loucura de/a época carnavalesca,

that I encountered my friend.
 (05.01)(06b.02) (06b.01) (05.01)
 que encontrei o meu amigo.

He accosted me with excessive warmth, for he had been drinking much.
 (06b.02) (65.02) (68.02) (65.01)(06b.04) (65.01)
 Como tinha bebido demais, abordou-me com um entusiasmo desusado.

The man wore motley.
 (68.03) (06a.01)
 Vinha em traje de bobo.

He had on a tight-fitting parti-striped dress,
 (68.03) (05.01)(68.02) (06a.01)
 Trazia vestido um fato muito justo, às listras,

and his head was surmounted by the conical cap and bells.
 (05.01)(08.01)(05.01) (68.03) (08.01)(06a.02) (08.01)(05.01)
 e em/a cabeça um chapéu cónico, com guizos.

I was so pleased to see him
 (68.02)(05.03) (06a.01)
 Fiquei tão satisfeito de o ver,

that I thought I should never have done wringing his hand.
 (05.01)(06b.02) (12.05) (68.02) (05.01)
 que julguei nunca mais acabar de lhe apertar a mão.

§5 I said to him – “My dear Fortunato, you are luckily met.
 (06b.04) (05.02) (03.01) (06a.04)
 (11.01)
 E disse-lhe: “Meu caro Fortunato, que sorte tê-lo encontrado!

How remarkably well you are looking to-day.
 (08.01)(01.01) (05.01) (05.01)(06b.02) (05.01)
 (11.01)

Que bem que você parece hoje!

But I have received a pipe of what passes for Amontillado,
 (05.01)(06b.03) (05.06) (03.01)
 (11.02)

Mas recebi um pipo de um vinho que passa por Amontillado,

and I have my doubts.”
 (05.01) (06b.02) (06b.01) (05.01)
 e tenho as minhas dúvidas.”

§6 “How?” said he. “Amontillado? A pipe?
 (05.03) (02.01) (05.02)
 “Como?” disse êle, “Amontillado? Um pipo?

Impossible! And in the middle of the carnival!”
 (05.08)

Impossível! E em/o meio de/o carnaval?”

§7 “I have my doubts,” I replied;
 (06b.02) (06b.01) (05.01) (06b.02)
 “Tenho as minhas dúvidas”, repliquei;

“and I was silly enough
 (05.01) (06b.02) (68.02)
 “e fui tão parvo

to pay the full Amontillado price
 (06b.02) (05.01)(68.01)(63.01) (06a.01)
 que paguei o preço de um verdadeiro Amontillado,

without consulting you in the matter.
 (05.01) (06a.02) (05.03)
 sem o consultar sobre o assunto.

You were not to be found,
(08.06)
Não fui capaz de o encontrar,

and	I was fearful	of losing	a bargain."
(05.01)	(06b.03)	(05.02)	(08.02)
e	tive medo	de perder	o negócio."

§8 "Amontillado!"
(03.01)

"Amontillado!"

§9	"I have	my	doubts."
	(06b.02)	(06b.01)	(05.01)
	"Tenho	as minhas	dúvidas."

§10 "Amontillado!"
(03.01)
"Amontillado!"

§11	"And I must	satisfy	them."
	(05.01)(68.02)	(08.01)	(05.01)
	"E preciso	resolvê-	las."

§12 "Amontillado!"
(03.01)
"Amontillado!"

§13	"As you	are engaged,
	(05.02)	(68.02)
	"Como você	tem que fazer,

I am	on my way to	Luchresi.
(68.02)	(68.04)	(03.01)
vou	procurar	Luchesi.

If	any one	has a critical turn	it is	he.
(05.01)(06b.02)		(08.01)	(06a.02)	(05.01)
Se	há pessoa	competente sobre o assunto, é		êle.

He will tell me – "
(05.01)(06a.03)
Êle me dirá..."

- §14 "Luchresi cannot tell (03.01) (68.03) Amontillado from Sherry." (03.01) (05.01)(65.01)
 "Luchesi não é capaz de distinguir Amontillado de/ o Xerez." -
- §15 "And yet (68.02) some fools (05.02) will have it (68.03)
 (11.02)
 "Pois sim. Mas há alguns parvos que dizem
- that his taste (05.02)(08.01)(06a.01) is a match for your own." (12.06)
 que êle tem ainda melhor paladar do que você."
- §16 "Come, (05.01) let us go." (06a.03)
 (11.01)
 "Venha daí; vamos."
- §17 "Whither?" (05.01)
 "Aonde?"
- §18 "To your (05.01)(06b.01) vaults." (09.01)
 "A/ as suas caves."
- §19 "My friend, no; (65.03)
 "Não, meu amigo;
- I will not (68.03) impose (08.01) upon (05.01) your (06b.01) good nature. (68.02)
 não quero abusar de/ a sua bondade.
- I perceive (08.02) you (05.01) have an engagement. (68.03) Luchresi - "
 Sei que você está comprometido. Luchesi..."
- §20 "I have (68.02) no (06a.01) engagement; (08.01) - come." (05.01)
 "Não estou comprometido; venha."
- §21 "My friend, no. (65.03)
 "Não, meu amigo.



- It is not (06a.03) the engagement, (05.02)
(11.01)
Não é só o compromisso,
- but (05.01) the (68.01) severe cold (65.02) with which (68.02) I perceive (68.02) you are (65.02) afflicted. (01.01)
mas vejo que você está
com uma fortíssima constipação.
- The (05.01) vaults (09.01) are insufferably damp. (05.03)
As caves são insuportavelmente húmidas.
- They are (06b.02) encrusted with nitre." (05.03)
Estão incrustadas de salitre."
- §22 "Let us go, (06a.03) nevertheless. (06b.01)
"Vamos, apesar disso.
- The cold (05.02) is merely nothing. (08.03)
A constipação não tem importância.
- Amontillado!
(03.01)
Amontillado!
- (11.02)
Com certeza o intrujaram;
- And as for (05.03) Luchresi, (03.01)
E quanto a Luchesi,
- he cannot (68.03) distinguish Sherry from (05.03) Amontillado." (03.01)
é incapaz de distinguir Xerez de Amontillado."
- §23 Thus speaking, Fortunato (06a.02) (03.01) possessed himself (05.02) of my arm. (05.01)(06a.01)(05.01)
Falando assim, Fortunato apoderou-se de/ o meu braço.

Putting on (06a.02) Pondo	a mask of (05.03) uma máscara de	black silk (06a.02) sêda preta	
and drawing (05.01)(08.01) e envergando	a <i>roquelaure</i> closely (05.01)(06a.02) um apertado capote,	about my person, (12.01) que me dava pelos joelhos,	
I suffered him to hurry me (68.06) deixei-me conduzir por êle, apressadamente,		to my (05.01)(06b.01) para o meu	palazzo. (02.01) palazzo.
§24 There were no (06a.03) Não havia	attendants at home; (05.03) criados em casa;		
they had absconded (08.03) haviã-se ausentado,	to make merry in honour (05.01)(68.04) para aproveitar as diversões	of the time. (05.03) de/a época.	
I had told them (06b.04) Tinha-lhes dito	that I should not return until (05.01)(68.05) que só voltaria em/	the morning, (65.02) a manhã seguinte	
and had given them (05.01) (06b.02)	explicit orders not to (05.01)(06a.04)	stir from the house. (08.01)(05.01)(06b.02)	
e dera-	lhes ordens expressas para não se ausentarem de	casa.	
These orders were sufficient, (05.04)	I well knew, (06b.03) (11.01)		
Estas ordens eram suficientes,	bem o	sabia eu,	
to insure (05.02) para garantir	their (06a.01) o imediato	immediate (06b.02) desaparecimento	disappearance, (05.01) de/êles
one and all, (07.03) todos,	as soon (68.02) apenas	my (01.01)	back (06a.01)
			was turned. (06b.02) voltasse costas.
§25 I took from (06b.02)(05.01) Tirei de/	their (08.01) os	sconces two flambeaux, (05.03) candelabros dois archotes	



and giving one to Fortunato,
(05.04) (03.01)
e, dando um a Fortunato,

bowed him through several suites of rooms
(08.01)(05.01)(06a.02) (05.01)(08.01)(05.02)
levei- o através de várias séries de quartos

to the archway that led into the vaults.
(05.07) (09.01)
para a arcada que conduzia a/as caves.

I passed down a long and winding staircase,
(06b.03) (05.01) (68.03) (06a.01)
Desci uma escada em caracol,

requesting him to be cautious as he followed.
(08.01) (05.01) (68.06)
recomendando- lhe que me seguisse com cuidado.

We came at length to the foot of the descent,
(68.02) (05.01)(08.01) (05.02)(08.01) (05.03)
Chegámos, por fim, a/o termo de/a descida

and stood together upon the damp ground
(05.01)(08.02) (05.02) (06a.02)
e ficámos sós em/o terreno húmido

of the catacombs of the Montresors.
(05.05) (03.01)
de/as catacumbas de/os Montresors.

§26 The gait of my friend was unsteady,
(05.03) (06b.01) (05.02) (68.01)
O passo de o meu amigo era pouco firme

and the bells upon his cap jingled as he strode.
(05.03) (05.01)(08.01)(05.01)(68.01)(06a.01) (68.02)
e os guizos de/ o chapéu tiniam-lhe, à medida que avançava.

§27 "The pipe," he said.
(05.02) (06a.02)
"O barril", disse êle.



§28 "It is farther on," said I;
 (06a.02) (08.02) (05.02)
 "É mais adiante", disse eu;

"but observe the white web-work
 (05.01)(06a.01) (05.02) (06a.01)
 "mas repare em /as brancas teias de aranha,

which gleams from these cavern walls."
 (05.03) (06a.01) (06a.02)
 que brilham em/ as paredes de/esta caverna."

§29 He turned towards me,
 (06b.02) (05.02)
 Voltou-se para mim

and looked into my eyes with two filmy orbs
 (05.01)(68.02) (05.04) (06a.02)
 e fixou os meus olhos com duas pupilas membranosas,

that distilled the rheum of intoxication.
 (05.05) (06b.01)
 que distilavam o fluxo de/ a intoxicação.

§30 "Nitre?" he asked, at length.
 (05.01) (06b.02) (05.01) (08.01)
 "Salitre?", perguntou por fim.

§31 "Nitre," I replied.
 (05.01) (06b.02)
 "Salitre", repliquei.

"How long have you had that cough?"
 (06a.02) (08.03) (05.02)
 "Há quanto tempo anda você com essa tosse?"

§32 "Ugh! ugh! ugh! - ugh! ugh! ugh! - ugh! ugh! ugh! - ugh! ugh!ugh! -
 ugh!ugh!ugh!"
 (05.15)
 "Af! Af! Af! - Af! Af! Af! - Af! Af! Af! - Af! Af! Af! - Af! Af! Af!"

§33 My poor friend found it impossible
 (08.01) (05.02) (68.03)
 O pobre amigo não pôde



to reply
(06a.02) for many minutes.
(05.03)

(11.01)
responder- me durante alguns minutos.

§34 "It is nothing," he said, at last.
(06a.03) (06b.02) (05.02)
"Não é nada", disse por fim.

§35 "Come," I said, with decision,
(05.01) (06a.02) (05.02)
(11.01) (11.01)
"Venha daí", disse- lhe eu com decisão,

"we will go back; your health is precious.
(68.04) (06b.01) (05.03)
"vamos embora; a sua saúde é preciosa.

You are rich, respected, admired, beloved;
(05.06)
Você é rico, respeitado, admirado, amado;

you are happy, as once I was.
(06b.02) (05.02) (68.01) (06a.02)
é feliz, como eu fui noutros tempos.

You are a man to be missed.
(05.04) (08.03)
Você é um homem que faz falta.

(11.01)
Eu, For me it is no matter.
(05.02) (68.04)
por mim, não me importo.

We will go back; you will be ill, and I cannot be responsible.
(68.04) (68.02) (06a.02)(05.02) (68.03) (06b.01)
Vamos embora; pode adoecer, e eu não quero responsabilidades.

Besides, there is Luchresi -"
(06a.03) (02.01)
Além disso, há Luchesi..."

§36 "Enough," he said; "the cough is a mere nothing;
(06a.01) (06a.02) (05.02) (68.04)
"Basta", disse êle; "a tosse não tem importância nenhuma:



	it (05.01)	will not kill me. (06b.04)		
(11.02)	deixe, que ela	não me há-de matar.		
I shall not (68.03)	die of (05.02)	a cough." (06b.02)		
Não se	morre de	tosse."		
§37	"True – true," (68.02)	I replied; (06b.02)		
	"Tem razão, tem razão",	repliquei;		
"and, (05.01)	indeed, (06a.01)	I had no (05.01)(06a.01)	intention of (05.01)	
"e,	na verdade,	eu não tinha	intenção de	
alarming you (06a.02)	unnecessarily (06b.01)			
o alarmar	sem necessidade			
– but you should (05.03)	use all proper (08.01)(01.02)	caution. (06a.01)		
– mas você deve	ter	cuidado	(11.01)	consigo.
A draught of this (05.04)	Medoc will defend us (03.01)(06a.03)	from the (05.02)	damps." (06a.01)	
Uma gota de/êste	Medoc defender-nos-á	de/a	humidade."	
§38	Here (68.01)	I knocked off the neck (68.03) (05.02)	of (08.01)	a bottle (05.02)
	Dizendo isso,	quebrei o gargalo	a	uma garrafa,
which I drew from a (05.01)(06b.02)(05.01)(08.01)	long row of (05.03)	its (06b.01)	fellows (05.01)	
que tirei de entre	longa fila de/	as suas	companheiras,	
that lay (68.02)	upon the (05.02)	mould. (09.01)		
dispostas	sobre a	prateleira de um armário.		
§39	"Drink," (05.01)	I said, (06b.02)	presenting him the wine. (05.04)	
	"Beba",	disse,	apresentando-lhe o vinho.	

- §40 He raised it to his lips with a leer.
(08.02) (05.02)(08.01)(05.03) (68.01)
Levou- o a/ os lábios, com um olhar de revés.
- He paused and nodded to me familiarly,
(06b.02) (05.01) (68.02) (05.02)
Parou e acenou- me familiarmente,
- while his bells jingled.
(05.01) (08.01) (05.02)
enquanto os guizos tiniam.
- §41 "I drink," he said, "to the buried that repose around us."
(06b.02) (06a.02) (05.02)(08.01)(05.02) (06b.02) -
"Bebo", disse ele, "per/os mortos que repousam a/anossa volta."
- §42 "And I to your long life."
(05.02) (68.02) (05.02)
"E eu faço votos por que tenha uma longa vida."
- §43 He again took my arm, and we proceeded.
(06b.04) (05.02) (06b.02)
Tomou de novo o meu braço, e continuámos.
- §44 "These vaults," he said, "are extensive."
(05.01)(09.01) (06a.02) (05.01) (08.01)
"Estas caves", disse êle, "são amplas."
- §45 "The Montresors," I replied,
(05.01)(03.01) (06b.02)
"Os Montresors", repliquei,
"were a great and numerous family."
(05.02) (12.01) (05.03)
"eram uma grande e numerosa família."

Tradução 2 - "O Pipo de Amontillado". In: *Histórias de Mistério e Imaginação*.
Lisboa: Editorial Verbo, 1971. Tradução de Tomé Santos Júnior.

THE CASK OF	AMONTILLADO
(05.03)	(03.01)
O PIPO DE	"AMONTILLADO"

§1	The thousand injuries of Fortunato	I had borne as I best could,		
(65.01)(68.01) (65.02) (63.01) (06b.07)				
Suportei o melhor que pude as mil e uma injúrias de Fortunato;				
but when	he ventured	upon	insult I vowed	revenge.
(05.02)	(68.02)	(05.01)	(06b.03)	(05.01)
mas quando	começou a entrar	per/	o insulto, jurei	vingança.
You, who so well know the nature		of	my	soul,
(05.07)		(05.01)	(06b.01)	(08.01)
Vós, que tão bem conheceis a natureza		de/	a minha	índole,
will not	suppose, however,	that	I gave utterance	to a threat.
(08.01)(06a.01)(05.01) (01.01)		(05.01)(12.03)		(05.01)(06b.02)
não ireis	supor	que	me limitei	a ameaçar.
<i>At length</i> I would	be avenged;	this was	a point	definitely settled –
(68.04)	(06b.02)	(05.02)	(06b.02)	(05.02)
<i>Acabaria</i> , por	vingar-me;	isto era	ponto definitivamente assente,	
but	the very definitiveness with which	it was resolved		
(08.01)	(05.05)	(68.03)		
e	a própria determinação com que	o decidi		
precluded	the	idea of risk.		
(05.01)	(68.01)	(05.03)		
afastava	toda e qualquer	idéia de risco.		
I must	not only punish but punish	with impunity.		
(06b.02)	(05.05)	(06b.02)		
Devia	não só castigar, mas castigar	ficando impune.		
A	wrong	is unredressed		
(05.01)	(08.01)	(06b.02)		
Um	agravo	não é vingado		
when	retribution	overtakes its	redresser.	
(05.01)	(06b.01)	(08.02)	(05.01)	
quando	a vingança	surpreende o	vingador.	

	It is	equally	unredressed	
	(68.02)	(05.01)	(68.01)	
(11.01)				
E	fica	igualmente	por vingar	
when the avenger	fails	to make	himself	
(05.03)	(68.01)	(06a.02)	(05.01)	
quando o vingador	não consegue	fazer-	se	
felt	as such to	him	who	has done the wrong.
(08.01)	(05.03)	(08.01)	(05.01)	(68.04)
reconhecer	como tal a/	aquele	que	o ofendeu.
§2	It must be understood	that neither by word	nor	deed
	(06a.02) (08.02)	(05.03)	(06a.01)(06b.01)	(06a.01)
	Deve compreender-se	que nem por	palavras,nem por	actos,
had I given	Fortunato	cause		
(06b.03)	(63.01)	(06a.01)		
dei		motivos a	Fortunato	
to	doubt	my	good will.	
(05.01)	(06a.01)	(06b.01)	(68.02)	
para	duvidar de/	a minha	afeição.	
I continued	as was my	wont,	to smile	in his face,
(06b.02)	(05.03)	(08.01)	(05.02)	(08.03)
Continuei,	como era meu desejo,		a rir-	me para ele,
and he	did not perceive	that		
(68.01)	(06a.03)	(05.01)		
que	não compreendia	que		
my	smile now was	at the thought of	his immolation.	
(06b.01)	(05.01)(65.01)(68.01)	(05.04)	(06b.01)(05.01)	
o meu	sorriso resultava agora	de/a idéia de/	a sua imolação.	
§3	He had	a weak point – this	Fortunato –	
	(06b.02)	(05.04)	(03.01)	
	Tinha	um ponto fraco, este	Fortunato -	
	although in	other	regards	
	(05.02)	(06a.01)	(05.01)	
Sendo embora, sob	outros	aspectos,		



he was (68.02)	a man (06b.02) homem	to be (08.02) digno de	respected (06b.01) respeito	and even feared. (05.02) (06b.01) e mesmo de receio.
He prided (06b.02) Orgulhava-	himself on (05.02) se de/	his (06b.01) a sua	connoisseurship (68.01) qualidade de entendido em	in wine. (05.01)(06a.01) vinhos.
Few Italians have the true (05.05) Poucos italianos possuem o verdadeiro			virtuose spirit. (06a.02) espírito de virtuosidade.	
For the most part (05.04) (11.01) Em/a	sua maior parte, (11.03) as circunstâncias de	their (06b.01) o seu	enthusiasm is adopted (05.03) entusiasmo é adaptado	to suit (01:02)
the (05.01) (11.03) a/		time and (05.02) tempo e	opportunity, (05.01) (11.01) de	oportunidade,
to (05.01)(68.03) para	practise imposture upon (68.03) ludibriar	the (01.01)(06a.04) milionários britânicos e austríacos.	British and Austrian <i>millionaires</i> . (06a.04)	
In painting and (05.03) Em pintura e	gemmary, (68.01) pedras preciosas,			
Fortunato, (03.01) Fortunato,	like (68.01) a/a semelhança de/os	his countrymen, was a quack, (05.05) seus concidadãos, era um charlatão,		
but in the matter of (05.05) mas em/a questão de	old (01.01)	wines (05.01) vinhos	he was (06b.02) era	sincere. (08.01) entendido
In this respect I (05.04) Em/este aspecto eu	did not differ (06a.03) não diferia	from his materially; (06a.03) substancialmente de/e:		
- I was skilful in (05.04) Eu próprio era entendido em		the Italian (06a.02)	vintages (68.01)	myself, (06a.01) vinhos de reserva italianos,



and bought (05.02)	largely (06b.01)	whenever I could. (06b.03)		
	(11.01)			
E comprava- os	em grandes quantidades	sempre que podia.		
§4 It was (06a.02)	about dusk, (68.01)(05.01)	one evening (05.01) (08.01)		
		(11.01)		
Foi	a/o escurecer	em/ uma tarde,		
during the supreme (68.03)	madness of the (05.03)	carnival season, (06a.02)		
de grande	loucura de/a	quadra carnavalesca,		
that I encountered (05.01)(06b.02)	my (06b.01)	friend. (05.02)		
que encontrei	o meu	amigo.		
He accosted (06b.02)	me with excessive warmth, (05.04)			
Acolheu-	me com excessivo calor,			
for (05.01)	he had been drinking much. (06b.04) (05.01)			
pois	bebera demais.			
The man wore (68.03)	motley. (69.01)			
Trajava	de bufão;			
He had on (01.03)	a tight-fitting parti-striped (05.01)(68.02)	dress, (06a.01)		
	um	fato justo e parcialmente às tiras,		
and his head was surmounted by (01.01)(08.01)(65.01)(68.03)	the conical cap and bells. (08.01)(06a.02) (08.01)(05.01)			
Levando em/a cabeça	um barrete cônico com guizos.			
I was (06b.02)	so pleased to (05.03)	see him (06a.02)		
Fiquei	tão contente de	o ver		
that I thought (05.01)(06b.02)	I should never have done (12.05)	wringing his (08.02)	hand. (06b.01)	
que julguei	que nunca mais parava de	lhe apertar	a mão.	

§5 I said to him – “My dear Fortunato, you are luckily met.
 (06b.02) (07.02)(65.02) (63.01) (68.04)
 - Meu caro Fortunato – disse eu -, ainda bem que o encontro.

How remarkably well you are looking to-day.
 (68.03) (65.01)(68.02) (65.01)
 Você tem hoje uma aparência notável!

But I have received a pipe of what passes for Amontillado,
 (68.01) (06b.03) (05.06) (03.01)
 (11.02) (11.01)
 Saiba que recebi um pipo de um vinho que passa por ser *amontillado*;

and I have my doubts.”
 (08.01) (06b.02) (06b.01) (05.01)
 (11.01)
 mas tenho cá as minhas dúvidas.

§6 “How?” said he. “Amontillado? A pipe?
 (06a.01) (05.02) (03.01) (05.02)
 - O quê? – disse ele. – *Amontillado*? Um pipo?

Impossible! And in the middle of the carnival!”
 (05.03) (68.04) (05.01)
 Impossível. E em pleno carnaval!

§7 “I have my doubts,” I replied;
 (06b.02) (06b.01) (05.01) (06b.02)
 - Tenho as minhas dúvidas – respondi -,

“and I was silly enough to pay the full Amontillado price
 (05.01)(68.04) (06b.02)(05.01)(08.01) (63.01) (06a.01)
 e estúpidamente paguei o verdadeiro preço de/o *amontillado*

without consulting you in the matter.
 (05.01) (68.01) (07.01) (01.03)
 sem ter consultado o meu amigo.

You were not to be found,
 (68.05) (06a.01)
 Não o consegui encontrar

and I was fearful of losing a bargain.”
 (05.01) (06b.03) (05.02) (08.02)
 e tinha receio de perder o negócio!

§8 “Amontillado!”
(03.01)
- *Amontillado!*

§9 “I have my doubts.”
(06b.02) (06b.01) (05.01) (11.01)
- Tenho as minhas dúvidas – insisti.

§10 “Amontillado!”
(03.01)
- *Amontillado!*

§11 “And I must satisfy them.”
(05.01) (08.03) (06a.01)
E tenho de as resolver.

§12 “Amontillado!”
(03.01)
- *Amontillado!*

§13 “As you are engaged,
(05.01) (06b.02) (05.01)
(11.02)
Como vejo que está ocupado,

I am on my way to Luchresi.
(68.02) (68.04) (63.01)
Vou procurar o Luchesi.

If any one has a critical turn it is he.
(05.01) (06b.02) (08.01)(06a.03) (06a.02) (05.01)
Se existe alguém com espírito crítico, é ele.

He will tell me – ”
(05.01) (06a.03)
Ele me dirá.

§14 “Luchresi cannot tell Amontillado from Sherry.”
(03.01) (08.03) (03.01) (05.02)
- Luchesi não distingue *amontillado* de xerez.

§15 “And yet some fools will have it
(01.01)(06a.01) (06b.02) (68.03)
No entanto, há muito idiota que acha

that (05.01)	his (06b.01)	taste (05.01)	is a match for your own.” (68.06)
que	o seu	gosto	desafia o do meu amigo.

§16 “Come, let us go.”
(05.01) (06a.03) (11.01)

- Venha, vamos lá.

§17 “Whither?”
(05.01)

- Aonde?

§18 “To your vaults.”
(05.01) (06b.01) (09.01)

- A/ a sua cave.

§19 “My friend, no; I will not impose upon your good nature.
(65.03) (68.04) (05.01)(06b.01) (68.02)

- Não, meu amigo. Não exigiria tanto de/ a sua bontade.

I perceive (08.02)	you have (06b.02)	an engagement. (06b.02)	Luchresi – ” (03.01)
Vejo que	tem	compromissos.	Luchesi...

§20 “I have no engagement; - come.”
(06b.02) (06a.01) (05.01) (08.01)

(11.02)

- Não tenho compromisso nenhum... Vamos.

§21 “My friend, no.
(65.03)

- Não, meu amigo.

It is (68.02)	not (06a.01)	the engagement, (05.02)
Não	será	o compromisso,

but (05.01)	the (08.01)	severe cold (06a.02)	with which (68.02)	I perceive (68.02)	you are afflicted. (06a.03)
mas	aquele	frio terrível	que	bem sei que	o aflige.

The (05.01)	vaults (09.01)	are (06b.01)	insufferably damp. (05.02)
A	cave	é	insuportavelmente húmida.

They are encrusted with nitre."
 (06b.02) (05.03)
 Está coberta de salitre.

§22 "Let us go, nevertheless.
 (06a.03) (68.01) (11.01)
 - Mesmo assim, vamos lá.

The cold is merely nothing.
 (05.02) (06a.01) (08.01) (05.01)
 O frio não é nada.

Amontillado!
 (03.01)
Amontillado!

You have been imposed upon.
 (05.01) (06a.04)
 Você foi ludibriado.

And as for Luchresi,
 (05.03) (03.01)
 E quanto a Luchesi,

he can/ not distinguish Sherry from Amontillado."
 (01.02) (05.04) (03.01)
 não distingue xerez de *amontillado*.

§23 Thus speaking, Fortunato possessed himself of my arm.
 (05.02) (03.01) (68.04) (06b.01)
 Assim falando, Fortunato pegou-me per/ o braço.

Putting on a mask of black silk
 (68.02) (05.03) (06a.02)

(11.02)
 Depois de pôr uma máscara de seda preta

and drawing a *roquelaure* closely about my person,
 (05.01) (68.01) (05.02) (08.01) (05.01)(08.02)
 e de envergar um roquelaire cingido a/ o corpo,

I suffered him to hurry me to my palazzo.
 (68.02) (05.01)(06b.02) (68.02) (06b.01)(05.01)
 Tive que suportar-lhe a pressa que levava a caminho de/ o meu palacete.

§24 There were no attendants at home;
(06a.03) (05.03)
Não havia criados em casa;

they had absconded to make merry in honour of the time.
(68.01)(05.02) (05.01) (06a.02) (68.05)
tinham desaparecido todos para festejar aquela quadra.

I had told them that I should not return until the morning,
(05.02) (06a.02) (05.01) (68.06) (06b.02)
Eu tinha-lhes dito que não voltaria senão de manhã

and had given them explicit orders not to stir from the house.
(05.01)(06b.02) (05.01) (06a.05) (05.01)(06b.02)
e dera-lhes ordens explícitas para se não afastarem de casa.

These orders were sufficient, I well knew,
(06a.02) (68.01) (05.01) (68.03)
Ordens essas que foram o suficiente, disso estava eu certo,

to insure their immediate disappearance,
(05.02) (08.02) (05.01)
para assegurar o rápido desaparecimento

one and all, as soon my back was turned.
(06a.03) (68.06)
de todos eles, mal voltara costas.

§25 I took from their sconces two flambeaux,
(06b.02) (05.01)(08.01) (05.03)
Retirei de/ as arandelas dois archotes

and giving one to Fortunato,
(05.04) (03.01)
e, dando um a Fortunato,

bowed him through several suites of rooms
(08.01)(05.01)(06a.01) (05.01) (01.02) (08.01)
conduzi-o através de diversos compartimentos

to the archway that led into the vaults.
(05.02) (68.01) (68.03) (05.01)(09.01)
até a/ a entrada de/ as caves.

I passed down a long and winding staircase,
 (08.03) (05.02) (06a.03)
 Desci uma grande escada de caracol

requesting him to be cautious as he followed.
 (06b.01) (05.01) (06b.03) (05.01)(08.01) (05.01)
 (11.01)

e pedi-lhe que se acautelasse enquanto me seguia.

We came at length to the foot of the descent,
 (06b.02) (68.02) (05.02) (08.01) (05.03)
 Quando chegámos a/o fim de/a descida

and stood together upon the damp ground
 (01.01)(68.02) (05.02) (06a.02)
 encontrávamo-nos ambos sobre o chão húmido

of the catacombs of the Montresors.
 (05.05) (03.01)
 de/ as catacumbas de/os Montresors.

§26 The gait of my friend was unsteady,
 (05.03) (06b.01) (05.03)
 O andar de/ o meu amigo era irregular

and the bells upon his cap jingled as he strode.
 (05.04) (08.01)(12.01) (05.01) (06b.03)
 e os gizados de/ a capa tilintavam, quando se movia.

§27 "The pipe," said he.
 (05.02) (68.02)
 - O pipo? - perguntou.

§28 "It is farther on," said I;
 (06a.02) (68.02) (05.02)
 - Está lá mais para diante - disse eu -

"but observe the white web-work
 (05.01)(06b.01) (05.01)(06a.01) (67.01)
 mas veja a teia branca de aranha

which gleams from these cavern walls."
 (05.03) (06b.01) (06a.01) (06b.01)
 que cintila em/ as paredes de/esta caverna.

§29 He turned towards me,
(06b.01) (05.02)
Voltou-se para mim

and looked into my eyes
(05.01)(08.01) (05.01) (06a.01) (05.01)
e poisoned em/ os meus olhos,

with two filmy orbs
(01.01) (05.01) (06a.02)
duas órbitas enevoadas

that distilled the rheum of intoxication.
(68.03) (08.01) (05.01) (06b.01)
per/os fumos de/ a intoxicação

§30 "Nitre?" he asked, at length.
(05.01) (06b.02) (05.01) (08.01)
- Salitre?- perguntou por fim.

§31 "Nitre," I replied.
(08.01) (06b.02)
- Sim - respondi.

"How long have you had that cough?"
(06a.02) (06b.03) (05.02)
-Há quanto tempo tem essa tosse?

§32 "Ugh!ugh!ugh! -ugh!ugh!ugh! -ugh!ugh!ugh! -ugh!ugh!ugh! -ugh!ugh!ugh!"
(05.06) (01.09)
- Hâg!,hâg!,hâg! Hâg!,hâg!,hâg!

§33 My poor friend
(06b.01) (01.01)(05.01)
O meu amigo

found it impossible to reply for many minutes.
(68.03) (06b.02) (05.01)(08.02)
ficou sem poder responder-me durante bastante tempo.

§34 "It is nothing," he said, at last.
(06a.03) (06b.02) (08.02)
- Não é nada - acabou por dizer.



§35 "Come," I said, with decision,
(05.01) (06b.02) (05.02)
(11.01)

- Venha – disse- lhe, com decisão.

"we will go back; your health is precious.
(68.04) (06b.01) (05.03)

- Retrocedamos. A sua saúde é preciosa.

You are rich, respected, admired, beloved;
(05.06)

Você é rico, respeitado, admirado, amado;

you are happy, as once I was.
(05.04) (68.01) (65.02)
você é feliz, como eu já o fui em tempos.

You are a man to be missed.
(05.04) (68.03)
Você é um homem cuja falta se sentiria.

For me it is no matter.
(06a.01) (05.01) (06a.04)
Quanto a mim, não importa.

We will go back; you will be ill,
(68.04) (68.03) (05.01)
Retrocedamos. Ainda é capaz de adoecer

and I cannot be responsible.
(05.01) (68.03) (68.02)
e não quero assumir tal responsabilidade

Besides, there is Luchresi –"
(06a.01) (06a.02) (03.01)
Além disso, há Luchesi...

§36 "Enough," he said; "the cough is a mere nothing;
(06a.01) (06b.02) (05.02) (06a.01)(08.02) (05.01)
- Basta! – replicou. – A tosse não é nada.

it will not kill me.
(06b.01) (68.01) (06a.01) (06a.01) (06a.01)
Não me vai matar.

I shall not die of a cough."
 (68.03) (05.01) (07.01) (08.01)(05.01)
 Não vou morrer por causa de/ a tosse.

§37 "True – true," I replied;
 (68.02) (06b.02)
 - Pois decerto que não, pois decerto - respondi

"and, indeed, I had no intention of alarming you unnecessarily
 (01.02) (68.03) (05.01) (06a.02) (05.02)
 - não é minha intenção alarmá-lo desnecessariamente,

- but you should use all proper caution.
 (05.01) (06b.02) (06a.01) (01.02) (05.01)
 mas deve usar de cautela

A draught of this Medoc will defend us from the damp."
 (05.04) (03.01)(06a.03) (05.02) (06a.01)
 Um gole de/este Médoc defender-nos-á de/a humidade.

§38 Here I knocked off the neck of a bottle
 (01.01) (06b.03) (05.05)
 Quebrei o gargalo de uma garrafa,

which I drew from a long row of its fellows
 (05.01)(06b.02) (05.05) (68.02)
 que retirei de uma longa fila de muitas outras iguais

that lay upon the mould.
 (05.05)
 que jaziam em/o bolor.

§39 "Drink," I said, presenting him the wine.
 (05.01) (06b.02) (05.04)
 - Beba - disse, apresentando-lhe o vinho.

§40 He raised it to his lips with a leer.
 (08.02) (05.02) (08.01) (05.01) (06b.03)
 Levou o a/ os lábios olhando-me de soslaio.

He paused and nodded to me familiarly,
 (06b.02) (05.01) (06b.01) (01.02)(08.01)
 Fez uma pausa e abanou a cabeça significativamente,



- while his bells jingled.
(05.01) (08.01) (05.02)
enquanto os guizos tilintavam.
- §41 "I drink," he said, "to the buried that repose around us."
(06b.04) (05.02)(08.01)(05.02) (06b.02)
- Bebo – disse - a/os mortos que repousam a/a nossa volta–
- §42 "And I to your long life."
(05.03) (68.03)
- E eu para que você viva muito.
- §43 He again took my arm, and we proceeded.
(06b.05) (05.01) (06b.02)
Novamente me tomou per/o braço e prosseguimos.
- §44 "These vaults," he said, "are extensive."
(05.01) (09.01) (06b.02) (65.01)(68.01)
- Estas catacumbas são enormes – disse ele.
- §45 "The Montresors," I replied,
(05.01) (03.01) (06b.02)
- Os Montresors – respondi –
- "were a great and numerous family."
(08.01) (05.01) (12.01) (06a.03)
constituíam uma família grande e numerosa.

Tradução 3 – “O Barril do Amontillado”. In: *Histórias Extraordinárias II*.
Mem Martins: Europa-América, 1989. Tradução de Luísa Feijó.

THE CASK OF AMONTILLADO
(05.03) (02.01)
O BARRIL DE “AMONTILLADO”

§1 The thousand injuries of Fortunato I had borne as I best could,
(65.04) (63.01) (06b.07)
(11.01)

Sempre suportei o melhor que pude as mil injúrias de Fortunato;

but when he ventured upon insult I vowed revenge.
(05.02) (68.02) (05.02) (06b.02) (05.01)
mas quando estas se transformaram em insulto jurei vingança.

You, who so well know the nature of my soul,
(05.02) (01.01)(06a.02) (05.03) (06b.01) (05.01)
Tu, porém, que conheces bem a natureza de/ a minha alma,

will not suppose, however, that I gave utterance to a threat.
(68.03) (65.01) (05.01)(68.04) (08.01) (05.01)
saberás que não proferi qualquer ameaça.

At length I would be avenged; this was a point definitely settled
(68.04) (05.06) (01.01) (05.01)
Acabaria por ser vingado: isso era um ponto assente

– but the very definitiveness with which it was resolved
(05.02) (68.07)
– mas a perfeição da minha resolução

precluded the idea of risk.
(05.01) (08.01) (05.03)
excluía qualquer idéia de perigo.

I must not only punish but punish with impunity.
(06b.02)(05.03) (68.01) (05.01) (06b.02)
Devia não só punir como ainda punir impunemente.

A wrong is unredressed when retribution overtakes its redresser.
(05.01)(08.01) (06b.02) (05.01)(06b.04)
Um insulto só é vingado quando a vingança não atinge o vingador;

	It is (06a.02)	equally unredressed when (68.03)	the avenger (05.02)	
(11.01)				
e	também não é vingado se		o vingador	
fails	to make himself felt as such (08.01)(06a.03)	to him who has done (68.03) (05.01)(08.04)	the wrong. (05.01)(08.01)	
não se dá	a conhecer	a/ o autorde/	a injúria.	
§2	It must be understood (06b.04)	that (05.01)		
	É preciso que se saiba		que	
	neither by (05.02)	word (06a.01)	nor (06b.01)	deed (06a.01)
nunca dei a Fortunato, nem por	palavras		nem por	actos,
had I given (06b.03)	Fortunato cause (63.01) (06a.01)	to doubt (05.01)(06a.01)	my good will. (06b.01) (05.02)	
	razões	para duvidar de/	a minha boa vontade.	
I continued, (06b.02)	as was my wont, to smile (05.06)		in his face, (68.03)	
Continuei	como era meu costume a sorrir-		lhe	
and he (05.02)	did not perceive (06a.03)			
e ele	não percebeu			
that my (05.01)(06b.01)	smile (05.01)	now (01.01)	was at (08.02)	
que o meu	sorriso		traduzia apenas	
the thought of his (05.03)	(06b.01)	immolation. (05.01)		
a ideia de/	a sua	imolação.		
§3	He had a (05.03)	weak point – this (06a.02) (05.01)	Fortunato – (03.01)	
	Ele tinha um	ponto fraco – este	Fortunato -,	
although in other regards (05.04)	he was a man to be respected and even (06b.02) (05.07)		feared. (12.01)	
embora em/outros aspectos	fosse um homem a ser respeitado e até		tímido.	

He prided himself on his connoisseurship in wine.
 (06b.02) (05.02) (08.02) (05.01) (06a.01)
 Orgulhava-se de ser um conhecedor de vinhos.

Few Italians have the true virtuose spirit.
 (05.05) (06a.02)
 Poucos italianos têm o verdadeiro espírito de virtuoso.

For the most part their enthusiasm is adopted to suit
 (68.04) (06b.02) (05.04) (01.01)
 O seu entusiasmo é quase sempre adaptado a/

the time and opportunity,
 (05.01) (08.01) (05.01) (68.01)
 o momento e a/as circunstâncias

to practise imposture upon the British and Austrian millionaires.
 (08.04) (05.01) (06a.04)
 como forma de enganar os milionários ingleses e austríacos.

In painting and gemmary,
 (07.01) (05.02) (68.01)
 Naquilo que se referia a/a pintura e a/a joalheria,

Fortunato, like his countrymen, was a quack,
 (03.01) (06b.01) (06b.01) (05.04)
 Fortunato, tal como os seus compatriotas, era um charlatão,

but in the matter of old wines he was sincere.
 (05.03) (68.02) (06a.02) (06b.02) (05.01)
 (11.01)

mas em/o que dizia respeito a/os vinhos antigos era absolutamente sincero.

In this respect I did not differ from his materially;
 (05.02) (08.01) (05.01) (06a.06)
 Em/este ponto eu não diferia essencialmente de/e;

- I was skilful in the Italian vintages myself,
 (05.01) (08.02) (05.01)(06a.02) (68.01) (06a.01)
 eu próprio percebia bastante de vinhos italianos

and bought largely whenever I could.
 (05.01) (65.01) (06b.01) (06b.03)
 (11.02)
 e sempre que podia comprava grandes quantidades de/eles.



§4	It was about dusk, one evening			
	(01.02) (68.01)(65.01)(65.01)	(68.01)		
	Uma	tarde,	a/o crepúsculo,	
during	the supreme	madness of the	carnival season,	
(68.01)	(01.02)	(05.03)	(06b.02)	
em plena		loucura de/o	Carnaval,	
that	I encountered my	friend.		
(01.01)	(06b.04)	(05.01)		
	encontrei o meu	amigo.		
He accosted	me with	excessive	warmth,	
(06b.02)	(05.02)	(06b.01)	(08.01)	
Cumprimentou-	me com	uma excessiva	cordialidade	
for	he had been drinking	much.		
(05.01)	(06b.04)	(05.01)		
porque	bebera	muito.		
The man wore	motley.			
(68.03)	(09.01)			
Estava	fantasiado.			
He had on	a	tight-fitting parti-striped	dress,	
(68.03)	(05.01)	(68.02)	(06a.01)	
Trazia	um		fato bicolor muito justo	
and	his	head	was surmounted by	
(05.01) (08.01)	(05.01)	(68.03)		
e	em/a	cabeça		
the	conical cap	and	bells.	
(08.01)	(06a.02)	(08.01)	(05.01)	
um	barrete cônico	com	campainhas.	
I was	so pleased to see him			
(68.02)	(05.05)			
Fiquei	tão contente em vê-lo			
that	I thought	I should never have done	wringing his	hand.
(05.01)(08.02)	(12.05)	(08.02)	(05.01)	
que	parecia que	nunca mais acabava de lhe	sacudir a	mão.

§5 I said to him – “My dear Fortunato, you are luckily met.
 (06b.04) (05.02) (03.01) (06a.04)
 Disse-lhe: - Meu querido Fortunato, é uma sorte encontrar-te.

How remarkably well you are looking to-day.
 (08.03) (06b.03) (05.01)
 Que bom aspecto tens hoje!...

But I have received a pipe of what passes for Amontillado,
 (01.01)(68.03) (05.02) (68.04) (03.01)
 Acabo de receber um barril que me dizem ser de *amontillado*,

and I have my doubts.”
 (08.01) (06b.03) (05.01)
 mas tenho as minhas dúvidas!

§6 “How?” said he. “Amontillado? A pipe?
 (05.03) (03.01) (05.02)
 - Quê? – disse ele. – *Amontillado*? Um barril?

Impossible! And in the middle of the carnival!”
 (05.03) (68.04) (05.01)
 Impossível! E em pleno Carnaval!

§7 “I have my doubts,” I replied;
 (06b.02) (05.02) (06b.02)
 - Tenho minhas dúvidas – repliquei.

“and I was silly enough to pay the full Amontillado price
 (05.01) (06b.02)(06a.02) (05.02) (06a.02) (02.01) (01.01)
 – E fui suficientemente parvo para pagar todo o *amontillado*

without consulting you in the matter.
 (05.01) (06a.02) (01.03)
 sem te consultar.

You were not to be found,
 (68.06)
 Não consegui encontrar-te

and I was fearful of losing a bargain.”
 (05.01) (06b.03) (05.03) (68.01)
 e tive medo de perder um bom negócio.



§8 “Amontillado!”

(03.01)

- *Amontillado!*

§9 “I have my doubts.”

(06b.02)

(01.01)

(05.01)

- Tenho

dúvidas!

§10 “Amontillado!”

(03.01)

- *Amontillado!*

§11 “And I must satisfy them.”

(05.01)

(68.04)

- E

tenho de ter a certeza.

§12 “Amontillado!”

(03.01)

- *Amontillado!*

§13 “As you are engaged,

(06b.01)

(06b.02)

(05.01)

- Visto que

estás

ocupado

I am on my way to Luchresi.

(68.02)

(68.04)

(63.01)

vou

procurar

o Luchesi.

If any one has a critical turn it is he.

(05.01) (06a.02)

(08.01)

(06a.02)

(68.01) (06a.02)

(05.01)

Se há alguém

com

sentido crítico

é

ele.

He will tell me – ”

(05.01)

(06a.03)

Ele

dir-me-á...

§14 “Luchresi cannot tell Amontillado from Sherry.”

(63.01)

(68.03)

(63.01)

(05.01)

(06b.01)

- O Luchesi

é incapaz de distinguir o *amontillado* de/

o xerez.

§15 “And yet some fools will have it

(05.02)

(08.01)(05.01)

(68.03)

- E contudo

há

imbecis

que dizem



that his taste is a match for your own."
 (05.01) (06a.02) (05.01) (06a.02) (05.01) (06a.02)
 que o gosto dele é igual a/ o teu.

§16 "Come, let us go."
 (05.01) (06a.03)
 - Anda, vamos.

§17 "Whither?"
 (05.01)
 - Onde?

§18 "To your vaults."
 (05.01) (06b.01) (09.01)
 - A/ a tua adega.

§19 "My friend, no;
 (65.03)
 - Não, meu amigo.

I will not impose upon your good nature.
 (68.02)(06a.01) (08.01) (05.01) (06b.01) (68.02)
 Não quero abusar de/ a tua bondade.

I perceive you have an engagement. Luchresi – "
 (08.02) (06b.02) (05.02) (63.01)
 Vejo que tens um compromisso. O Luchesi...

§20 "I have no engagement; - come."
 (06b.02) (06a.01) (05.01) (08.01)
 (11.01)
 - Não tenho compromisso nenhum. Vamos.

§21 "My friend, no.
 (65.03)
 - Não, meu amigo.

It is not the engagement,
 (06a.03) (68.01) (05.01)
 Não é per/lo compromisso,

but the severe cold with which I perceive you are afflicted.
 (05.01)(68.01)(06a.02) (05.02) (68.05)
 mas per/la gripe terrível de que te vejo sofrer.



The vaults are insufferably damp.
 (05.01) (09.01)(06b.01) (05.02)
 A adega é insuportavelmente úmida.

They are encrusted with nitre."
 (07.01) (05.04)
 As paredes estão cobertas de salitre.

§22 "Let us go, nevertheless.
 (01.03) (68.01)
 - Não faz mal.

The cold is merely nothing.
 (05.02) (08.03)
 A gripe não tem importância.

Amontillado!
 (03.01)
Amontillado!

You have been imposed upon.
 (06b.03) (06a.02)
 Foste enganado.

And as for Luchresi,
 (05.03) (63.01)
 E quanto a/ o Luchesi,

he cannot distinguish Sherry from Amontillado."
 (05.01)(68.02) (05.01) (06b.01) (05.01) (63.01)
 ele não é capaz de distinguir o xerez de/ o *amontillado!*

§23 Thus speaking, Fortunato possessed himself of my arm.
 (08.02) (03.01) (08.02) (05.01)(08.01)(05.01)
 Enquanto falava, Fortunato agarrou-me em/ o braço.

Putting on a mask of black silk
 (06b.02) (05.03) (06a.02)
 Pus uma máscara de seda negra,

and drawing a *roquelaure* closely about my person,
 (06b.01) (08.01) (06a.02) (68.04)
 embulhei-me cuidadosamente em/um manto

I suffered him to hurry me to my palazzo.
 (68.06) (05.01) (06b.02) (05.01)
 e deixei-me arrastar por ele até a/ o meu palácio.

§24 There were no attendants at home;
 (68.02) (06a.01) (06b.01) (05.02)
 Os criados não estavam em casa;

they had absconded to make merry in honour of the time.
 (68.04) (68.02) (01.03) (05.01) (08.01)
 festejavam algures o Carnaval.

I had told them that I should not return until the morning,
 (06b.03) (05.02) (68.04) (68.02) (05.01)
 Dissera-lhes que só voltava de manhã

and had given them explicit orders not to stir from the house.
 (05.01)(68.02) (05.01)(68.02) (06a.02)(08.01)(05.01)(06b.02)
 e ordenara-lhes formalmente que não saíssem de casa.

These orders were sufficient, I well knew,
 (06a.03) (65.01) (68.03)
 Sabia perfeitamente que essa ordem era suficiente

to insure their immediate disappearance,
 (06a.01) (01.01) (68.03)
 para que,

one and all, as soon my back was turned.
 (01.03) (06b.06)
 mal eu virasse costas, se apressassem a sair.

§25 I took from their sconces two flambeaux,
 (06b.02)(05.01) (01.02) (05.02)
 Peguei em dois archotes,

and giving one to Fortunato,
 (65.01) (06b.01) (05.02) (03.01)
 dei um a Fortunato e

bowed him through several suites of rooms
 (08.01) (05.02) (68.02) (05.02)
 conduzi-o por uma enfiada de salas

to the (05.02) até a/	archway (69.01) o vestibulo	that led into the (05.04) que levava até a	vaults. (09.01) adega.		
I passed down (68.03) Desci à frente dele	a (05.01) uma	long and winding staircase, (06a.04) escadaria comprida e tortuosa,			
requesting him to be cautious (06b.05) voltando-me de vez em quando		as he followed. (68.03) para lhe recomendar cuidado.			
We came (06b.04) Chegamos	at length (68.02) finalmente	to the (05.02) a/o	foot (08.01) fundo	of the (05.02) de/as	descent, (08.01) escadas
and (05.01) e	stood together (08.02) encontrámo-nos				
on the (05.02) sobre o	damp ground (06a.02) solo húmido	of the catacombs of the (05.05) de/as catacumbas de/os	Montresors. (03.01) Montrésors.		
§26 The (05.01) O	gait of my friend (68.02)(65.02) meu amigo caminhava	was unsteady, (68.02) com um passo incerto			
and the bells upon (05.04) e as campainhas de/	his (06b.01) o seu	cap jingled (05.02) barrete tilintavam.	as he strode. (01.03)		
§27 "The pipe," (05.02) - O barril? -	he said. (06a.02) disse ele.				
§28 "It is (06a.02) - Está	farther on," (08.02) ali adiante -	said I; (05.02) disse eu.			
"but (05.01) - Mas	observe (06a.01) repara em/	the (08.01) essa			



white web-work (06a.01)(68.01)	which gleams from (05.03)	these (08.01)	cavern (69.01)	walls." (06a.01)
renda branca	que brilha em/	a	parede da	adega.

§29 He turned towards me,
(06b.02) (05.02)
Voltou-se para mim

and looked into my eyes (05.01)(68.04)	with (05.01)	two (08.01)	filmy orbs (06a.02)
e fitou-me	com	uns	olhos vítreos

that distilled (05.02)	the rheum (68.02)	of (05.01)	intoxication. (08.01)
que destilavam	lágrimas	de	embriaguez.

§30 "Nitre?" he asked, at length.
(05.01) (68.02) (68.02)
- Salitre? - acabou por perguntar.

§31 "Nitre," I replied.
(05.01) (06b.02)
- Salitre - respondi.

"How long have you had that cough?"
(06a.02) (68.05)
- Há quanto tempo tosses dessa maneira?

§32 "Ugh!ugh!ugh! -ugh!ugh!ugh! -ugh!ugh!ugh! -ugh!ugh!ugh! ugh!ugh!ugh!"
(05.09) (01.06)
- Huh, huh, huh... huh, huh... huh, huh, huh... huh!

§33 My poor friend found it impossible to reply for many minutes.
(06b.01)(65.02) (68.03) (65.02)(65.03)
Durante alguns minutos o meu pobre amigo foi incapaz de responder.

§34 "It is nothing," he said, at last.
(06a.03) (06b.02) (06b.02)
- Não é nada - disse, finalmente.

§35 "Come," I said, with decision,
(05.01) (06b.02) (11.01) (05.01) (08.01)
- Vem - disse- lhe com firmeza.

"we will go back; your health is precious.
 (68.04) (06b.01) (05.03)
 – Vamos embora. A tua saúde é preciosa.

You are rich, respected, admired, beloved;
 (06b.02) (05.04)
 És rico, respeitado, admirado, amado.

you are happy, as once I was.
 (06b.02) (05.02) (68.01) (65.02)
 És feliz como eu fui em tempos.

You are a man to be missed.
 (06b.02) (05.01) (68.04)
 És uma pessoa de quem se sentiria a falta.

For me it is no matter.
 (12.06)
 Não quero que isso aconteça.

We will go back;
 (68.04)
 Vamos embora;

you will be ill, and I cannot be responsible.
 (68.05) (68.03) (65.02)
 não quero ser responsável se adoeceres.

Besides, there is Luchresi –"
 (06a.01) (06a.02) (63.01)
 Além disso há o Luchesi...

§36 "Enough," he said; "the cough is a mere nothing;
 (06a.01) (06a.02) (08.01)(05.01)(68.04)
 - Basta! – disse ele. – Esta tosse não tem importância nenhuma;

it will not kill me.
 (06b.05)
 não hei-de morrer dela.

I shall not die of a cough."
 (68.06) (65.01)
 Não é a tosse que me há-de matar.



- §37 "True (06a.01) – true," (06a.01) I replied; (06b.02)
 (11.01) (11.01)
 - É verdade... é verdade – repliquei.
- "and, indeed, I had no intention of alarming you unnecessarily
 (05.01)(06a.01)(08.03) (05.01) (06a.02) (05.02)
 - E, de facto, não era minha intenção alarmar- te inutilmente.
- but you should use all proper caution.
 (05.01)(06b.02) (08.01) (01.02) (06a.01)
 Mas devias tomar precauções.
- A draught of this Medoc will defend us from the dampness."
 (05.04) (03.01)(06a.02) (08.01)(05.02) (06a.01) -
 Uma gota de/este *médoc* proteger-te-á de/a humidade.
- §38 Here I knocked off the neck of a bottle
 (68.01) (06b.03) (65.02) (01.01) (65.02)
 E dizendo isso tirei uma garrafa
- which I drew from a long row of its fellows that lay upon the mould.
 (06b.03) (65.04) (01.03) (68.02)(65.02) (69.01)
 de uma longa fila pousadaem/o chão
 e rebentei-lhe o gargalo.
- §39 "Drink," I said, presenting him the wine.
 (05.01) (06b.02) (08.01) (05.03)
 - Bebe – disse, oferecendo- lhe o vinho.
- §40 He raised it to his lips with a leer.
 (68.02) (07.01) (05.01)(08.01)(05.01)(68.03)
 Levou a garrafa a/ os lábios, olhando-me de esguelha.
- He paused and nodded to me familiarly,
 (06b.02) (05.01) (68.02) (05.02)
 Fez uma pausa e cumprimentou- me familiarmente,
- while his bells jingled.
 (05.01) (08.01) (05.02)
 enquanto as campainhas tilintavam
- §41 "I drink," he said, "to the buried that repose around us."
 (06b.04) (05.02)(08.01)(05.02) (06b.02)
 - Bebo – disse – a/os defuntos que repousam a/a nossa volta.

- §42 “And I to your long life.”
(05.03) (06b.01) (05.02)
- E eu a/ a tua longa vida.
- §43 He again took my arm, and we proceeded.
(06b.04) (06b.01) (05.01)(68.02)
Voltou a pegar-me em/ o braço e retomámos a marcha.
- §44 “These vaults,” he said, “are extensive.”
(05.01)(09.01) (06b.02) (05.01) (68.01)
- Estas caves – disse – são muito vastas.
- §45 “The Montresors,” I replied,
(05.01) (03.01) (06b.02)
- Os Montrésors – respondi –
- “were a great and numerous family.”
(05.02) (12.01) (06a.03)
eram uma família grande e numerosa.

APÊNDICE 2

TABELAS E GRÁFICOS

TABELA 1 – DISTRIBUIÇÃO ABSOLUTA E RELATIVA ENTRE AS MODALIDADES TRADUTÓRIAS NAS TRÊS TRADUÇÕES PORTUGUESAS DO TEXTO LITERÁRIO

		TT1- Tradução feita em Coimbra, 1944. TT2- Tradução feita em Lisboa, 1971. TT3- Tradução feita em Mem Martins, 1989.						Total Geral	
Cód	Modalidade	TT1	%	TT2	%	TT3	%	Nº	%
01	Omissão	10	1.0	36	3.5	42	4.0	88	2.8
02	Transcrição	01	0.1	-	-	-	-	01	0.03
03	Empréstimo	22	2.1	19	1.8	15	1.4	56	1.8
04	Decalque	-	-	-	-	-	-	-	-
05	Tradução Literal	421	40.8	367	35.6	313	30.4	1101	35.6
06a	Transposição Obrigatória	132	12.8	129	12.5	123	12.0	384	12.4
06b	Transposição Facultativa	157	15.2	180	17.5	177	17.2	514	16.6
06	Transposição – Subtotal	289	28.0	309	30.0	300	29.1	898	29.0
07	Explicitação/Implicação	03	0.3	04	0.4	03	0.3	10	0.3
08	Modulação	73	7.0	72	6.9	72	6.9	217	7.0
09	Adaptação	05	0.5	04	0.4	05	0.5	14	0.4
10	Tradução Intersemiótica	-	-	-	-	-	-	-	-
12	Erro	13	1.2	10	1.0	13	1.2	36	1.2
13	Correção	-	-	-	-	-	-	-	-
62	Transposição com Transcrição	-	-	-	-	-	-	-	-
63	Transposição com Empréstimo	03	0.3	05	0.5	09	0.9	17	0.6
65	Transposição com Trad. Literal	18	1.6	18	1.7	40	3.8	76	2.5
67	Transposição com Explicitação	02	0.2	01	0.1	-	-	03	0.1
68	Transposição com Modulação	170	15.7	184	17.8	215	20.9	569	18.5
69	Transposição com Adaptação	-	-	01	0.1	03	0.3	04	0.1
TOTAL		1030	100.0	1030	100.0	1030	100.0	3090	100
11	Acréscimo	25	2.4	23	2.2	09	0.9	57	1.8
TOTAL + Acréscimo		1055		1053		1039		3147	

Figura 1: Gráfico de apresentação das cinco modalidades de maior frequência resultantes da distribuição absoluta e relativa entre as modalidades tradutórias nos 3 TTPs.

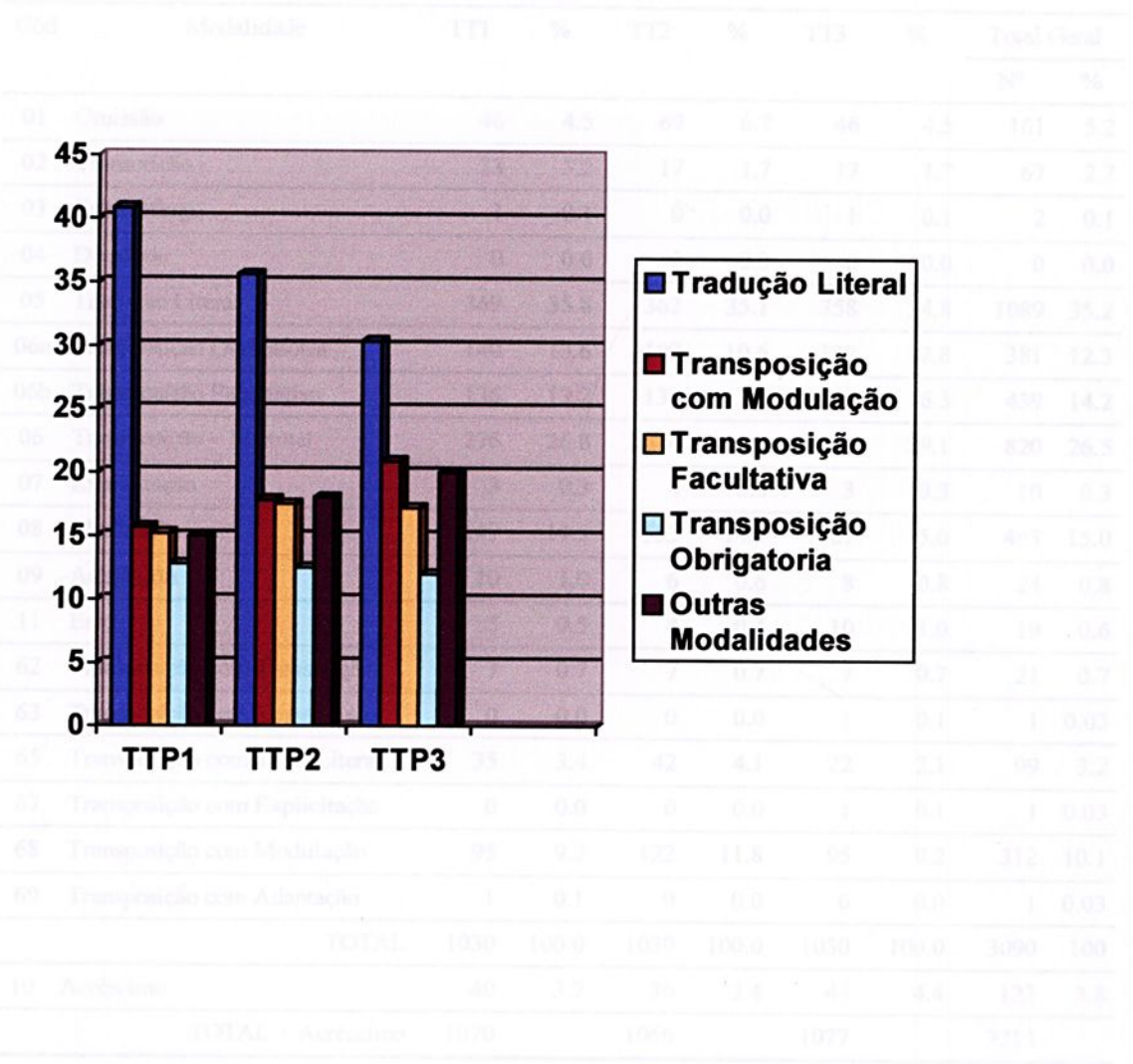


TABELA 2 – DISTRIBUIÇÃO ABSOLUTA E RELATIVA ENTRE AS MODALIDADES TRADUTÓRIAS NAS TRÊS TRADUÇÕES BRASILEIRAS DO TEXTO LITERÁRIO

		TT1- Tradução feita em São Paulo, 1958. TT2- Tradução feita em Porto Alegre, 1960. TT3- Tradução feita em São Paulo, 1978.							
Cód	Modalidade	TT1	%	TT2	%	TT3	%	Total Geral	
								Nº	%
01	Omissão	46	4.5	69	6.7	46	4.5	161	5.2
02	Transcrição	33	3.2	17	1.7	17	1.7	67	2.2
03	Empréstimo	1	0.1	0	0.0	1	0.1	2	0.1
04	Decalque	0	0.0	0	0.0	0	0.0	0	0.0
05	Tradução Literal	369	35.8	362	35.1	358	34.8	1089	35.2
06a	Transposição Obrigatória	140	13.6	109	10.6	132	12.8	381	12.3
06b	Transposição Facultativa	136	13.2	135	13.1	168	16.3	439	14.2
06	Transposição – Subtotal	276	26.8	244	23.7	300	29.1	820	26.5
07	Explicitação	3	0.3	4	0.4	3	0.3	10	0.3
08	Modulação	149	14.5	153	14.9	161	15.6	463	15.0
09	Adaptação	10	1.0	6	0.6	8	0.8	24	0.8
11	Erro	5	0.5	4	0.4	10	1.0	19	0.6
62	Transposição com Transcrição	7	0.7	7	0.7	7	0.7	21	0.7
63	Transposição com Empréstimo	0	0.0	0	0.0	1	0.1	1	0.03
65	Transposição com Trad. Literal	35	3.4	42	4.1	22	2.1	99	3.2
67	Transposição com Explicitação	0	0.0	0	0.0	1	0.1	1	0.03
68	Transposição com Modulação	95	9.2	122	11.8	95	9.2	312	10.1
69	Transposição com Adaptação	1	0.1	0	0.0	0	0.0	1	0.03
TOTAL		1030	100.0	1030	100.0	1030	100.0	3090	100
10	Acréscimo	40	3.7	36	3.4	47	4.4	123	3.8
TOTAL + Acréscimo		1070		1066		1077		3213	

Figura 2: Gráfico de apresentação das cinco modalidades de maior frequência resultantes da distribuição absoluta e relativa entre as modalidades tradutórias nos 3 TTBs.

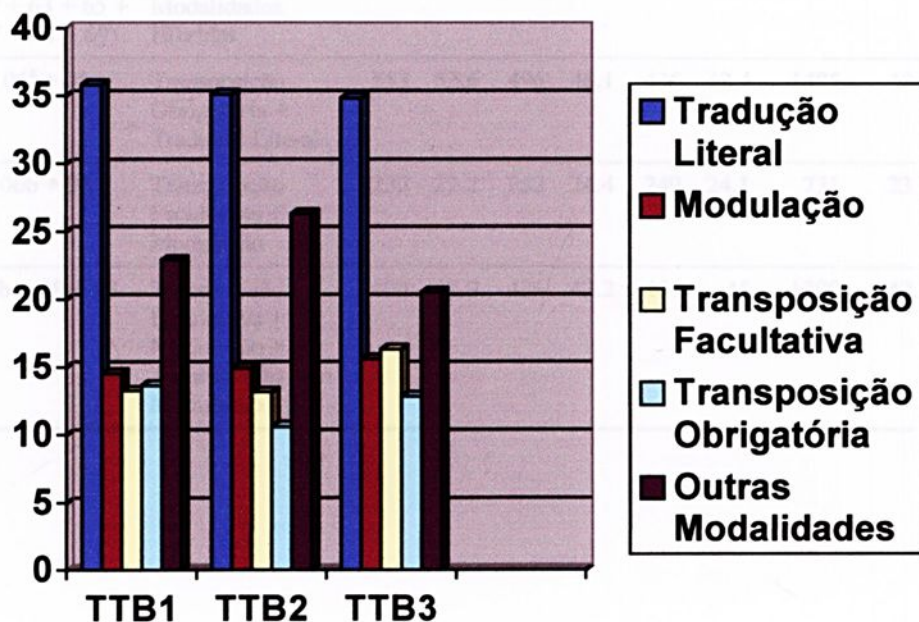


TABELA 3 – DISTRIBUIÇÃO ABSOLUTA E RELATIVA DA TRANSPOSIÇÃO AGRUPADA A OUTRAS MODALIDADES NOS TTPs

Cód	Modalidade	TT1	%	TT2	%	TT3	%	Total Geral	
								Nº	%
06 + (62 + 63 + 65 + 67 + 68 + 69)	Transposição + Modalidades Híbridas	482	45.6	518	50.0	567	54.8	1567	50.7
06 ^a + 05	Transposição Obrigatória + Tradução Literal	553	53.6	496	48.1	436	42.4	1485	48.0
06b + 08	Transposição Facultativa + Modulação	230	22.2	252	24.4	249	24.1	731	23.7
06b + 08 + 68	Transposição Facultativa + Modulação + Transposição com Modulação	400	37.9	436	42.2	464	45	1300	42.0

Figura 3: Gráfico da distribuição absoluta e relativa da transposição agrupada à outras modalidades nos 3 TTPs

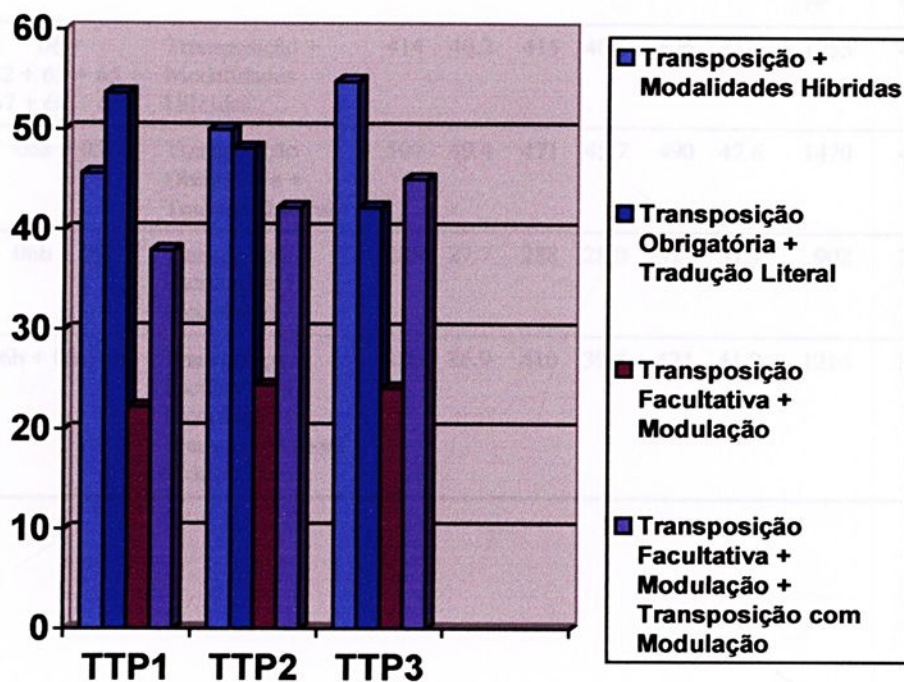


TABELA 4 – DISTRIBUIÇÃO ABSOLUTA E RELATIVA DA TRANSPOSIÇÃO AGRUPADA A OUTRAS MODALIDADES NOS TTBs

Cód	Modalidade	TT1	%	TT2	%	TT3	%	Total Geral	
								Nº	%
06 + (62 + 63 + 65 + 67 + 68 + 69)	Transposição + Modalidades Híbridas	414	40.2	415	40.3	426	41.4	1255	40.6
06a + 05	Transposição Obrigatória + Tradução Literal	509	49.4	471	45.7	490	47.6	1470	47.6
06b + 08	Transposição Facultativa + Modulação	285	27.7	288	28.0	329	31.9	902	29.2
06b + 08 + 68	Transposição Facultativa + Modulação + Transposição com Modulação	380	36.9	410	39.8	424	41.2	1214	39.3

Figura 4: Gráfico da distribuição absoluta e relativa da transposição agrupada à outras modalidades nos 3 TTBs

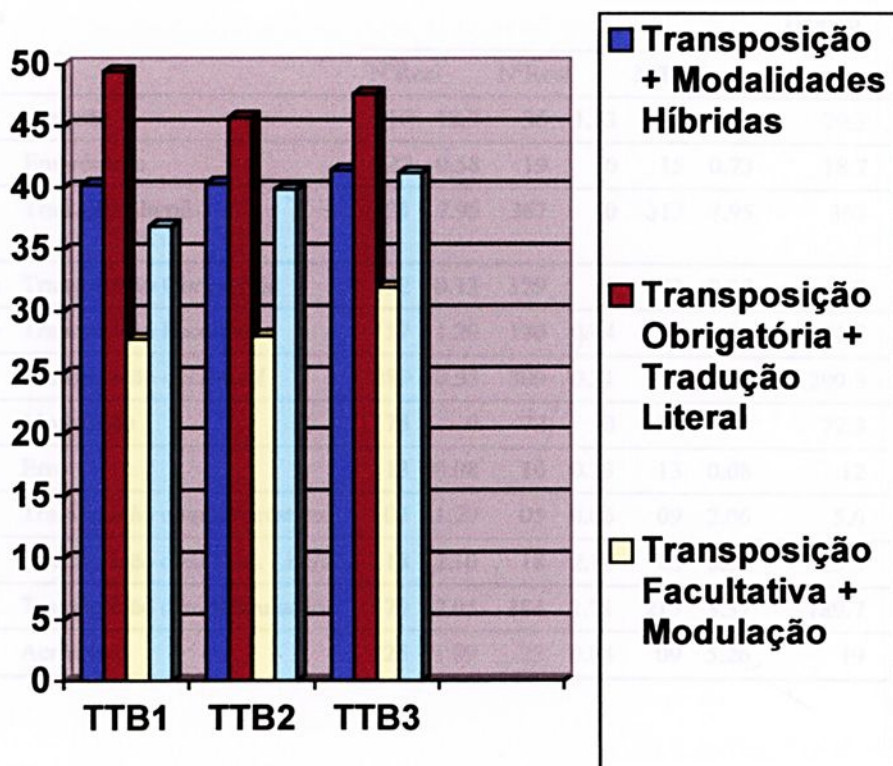


TABELA 5 – TESTE DE HOMOGENEIDADE DA DISTRIBUIÇÃO OBTIDA PELA TRADUÇÃO DE CADA UM DOS TRÊS PROFISSIONAIS PORTUGUESES NAS VÁRIAS MODALIDADES DEFINIDAS

Cód i go	Modalidade	TT1		TT2		TT3		Nº Teórico	X2	Discussão Ho
		NºReal		NºReal		NºReal				
01	Omissão	10	12.7	36	1.53	42	5.50	29.3	19.74	rej.:TT1>
03	Empréstimo	22	0.58	19	0	15	0.73	18.7	1.31	conf.
05	Tradução Literal	421	7.95	367	0	313	7.95	367	15.90	rej.:TT1> TT3<
06a	Transposição Obrigatória	132	0.13	129	0	123	0.20	128	-0.33	conf.
06b	Transposição Facultativa	157	1.20	180	0.44	177	0.20	171.3	1.84	conf.
06	Transposição – Subtotal	289	0.35	309	0.31	300	0	299.3	0.66	conf.
08	Modulação	73	0	72	0	72	0	72.3	0	conf.
12	Erro	13	0.08	10	0.33	13	0.08	12	0.49	conf.
63	Transposição com Empréstimo	03	1.20	05	0.06	09	2.06	5.6	3.32	conf.
65	Transposição com Trad. Literal	18	2.10	18	2.10	40	8.54	25.3	12.74	rej.:TT3>
68	Transposição com Modulação	170	2.05	184	1.71	215	3.37	189.7	7.13	rej.:TT3>
10	Acréscimo	25	1.89	23	0.84	09	5.26	19	7.99	rej.:TT3>

Figura 5: Gráfico das hipóteses rejeitadas resultantes do teste de homogeneidade da distribuição obtida pela tradução de cada um dos profissionais portugueses nas várias modalidades definidas

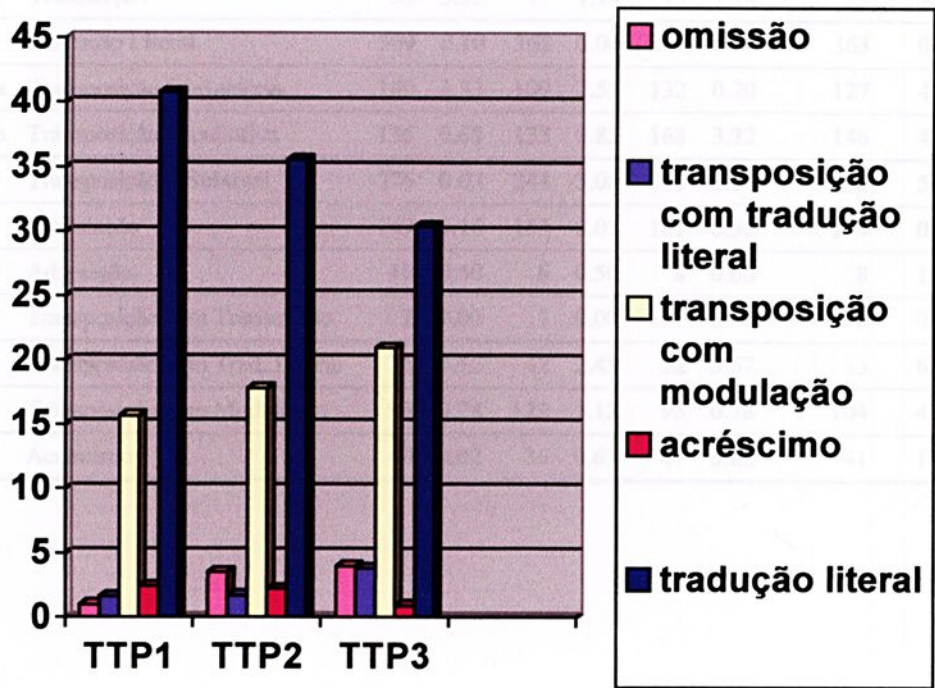
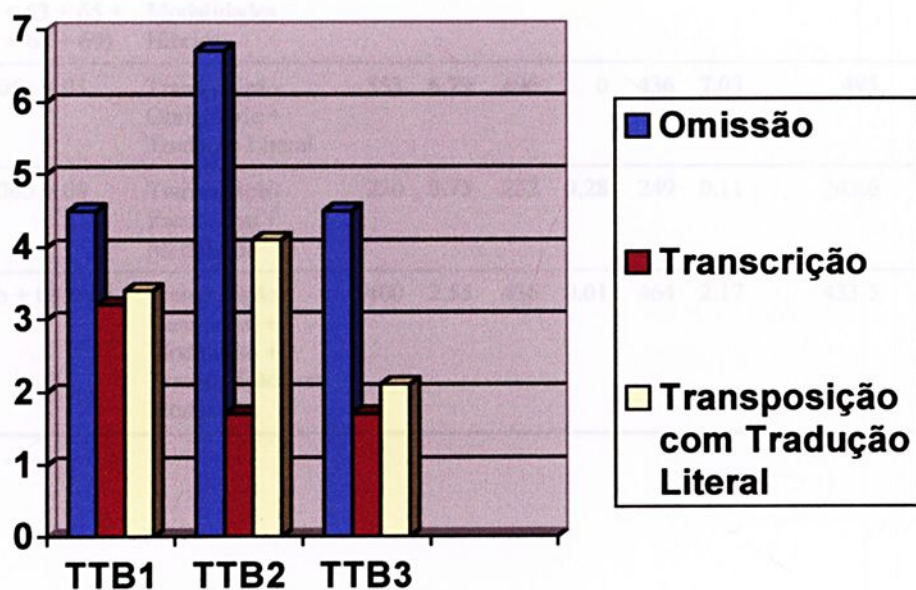


TABELA 6 – TESTE DE HOMOGENEIDADE DA DISTRIBUIÇÃO OBTIDA PELA TRADUÇÃO DE CADA UM DOS TRÊS PROFISSIONAIS BRASILEIROS NAS VÁRIAS MODALIDADES DEFINIDAS

Cód i go	Modalidade	TT1		TT2		TT3		Nº Teórico	X2	Discussão Ho
		NºReal		NºReal		NºReal				
01	Omissão	46	1.19	69	4.17	46	1.19	54	6.54	rej.:TT2>
02	Transcrição	33	5.50	17	1.14	17	1.14	22	7.77	rej.:TT1>
05	Tradução Literal	369	0.10	362	0.00	358	0.07	363	0.17	conf.
06a	Transposição Obrigatória	140	1.33	109	2.55	132	0.20	127	4.08	conf.
06b	Transposição Facultativa	136	0.68	135	0.83	168	3.32	146	4.83	conf.
06	Transposição – Subtotal	276	0.03	244	3.08	300	2.67	273	5.78	conf.
08	Modulação	149	0.16	153	0.01	161	0.32	154	0.49	conf.
09	Adaptação	10	0.50	6	0.50	8	0.00	8	1.00	conf.
62	Transposição com Transcrição	7	0.00	7	0.00	7	0.00	7	0.00	conf.
65	Transposição com Trad. Literal	35	0.12	42	2.45	22	3.67	33	6.24	rej.:TT3<
68	Transposição com Modulação	95	0.78	122	3.12	95	0.78	104	4.67	conf.
10	Acréscimo	40	0.02	36	0.61	47	0.88	41	1.51	conf.

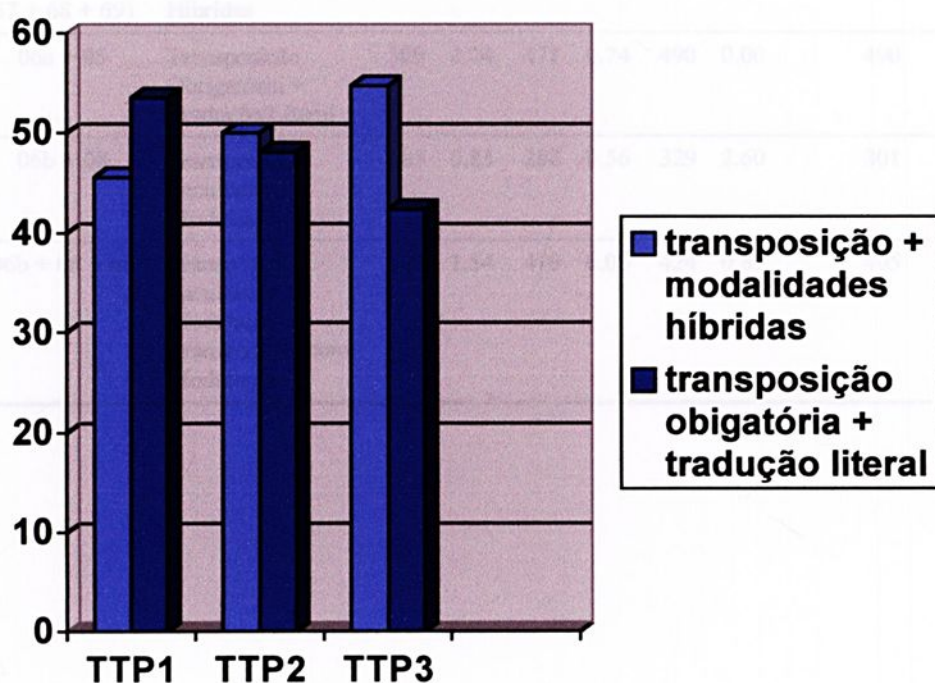
Figura 6: Gráfico das hipóteses rejeitadas resultantes do teste de homogeneidade da distribuição obtida pela tradução de cada um dos profissionais brasileiros nas várias modalidades definidas



**TABELA 7 – TESTE DE HOMOGENEIDADE DA DISTRIBUIÇÃO OBTIDA
PELA TRANSPOSIÇÃO AGRUPADA A OUTRAS MODALIDADES NOS 3 TTPs**

Código	Modalidade	TT1		TT2		TT3		Nº Teórico	X2	Discussão Ho
		NºReal		NºReal		NºReal				
06 + (62 + 63 + 65 + 67 + 68 + 69)	Transposição + Modalidades Híbridas	482	3.10	518	0.03	567	3.82	522.3	6.95	rej.:TT3>
06a + 05	Transposição Obrigatória + Tradução Literal	553	6.79	496	0	436	7.03	495	13.82	rej.:TT3>
06b + 08	Transposição Facultativa + Modulação	230	0.75	252	0.28	249	0.11	243.6	1.14	conf.
06b + 08 + 68	Transposição Facultativa + Modulação + Transposição com Modulação	400	2.55	436	0.01	464	2.17	433.3	4.73	conf.

Figura 7: Gráfico das hipóteses rejeitadas resultantes do teste de homogeneidade da distribuição obtida pela transposição agrupada a outras modalidades nos 3 TTPs



**TABELA 8 – TESTE DE HOMOGENEIDADE DA DISTRIBUIÇÃO OBTIDA
PELA TRANSPOSIÇÃO AGRUPADA A OUTRAS MODALIDADES NOS 3 TTbS**

Código	Modalidade	TT1		TT2		TT3		Nº Teórico	X2	Discussão Ho
		NºReal		NºReal		NºReal				
06 + (62 + 63 + 65 + 67 + 68 + 69)	Transposição + Modalidades Híbridas	414	0.04	415	0.02	426	0.15	418	0.21	conf.
06a + 05	Transposição Obrigatória + Tradução Literal	509	0.74	471	0.74	490	0.00	490	1.47	conf.
06b + 08	Transposição Facultativa + Modulação	285	0.85	288	0.56	329	2.60	301	4.02	conf.
06b + 08 + 68	Transposição Facultativa + Modulação + Transposição com Modulação	380	1.54	410	0.06	424	0.89	405	2.50	conf.

TABELA 9 – DISTRIBUIÇÃO ABSOLUTA E RELATIVA ENTRE AS MODALIDADES TRADUTÓRIAS NAS TRÊS TRADUÇÕES BRASILEIRAS E TRÊS TRADUÇÕES PORTUGUESAS

Co	Modalidades	Traduções Brasileiras						Total Geral		Traduções Portuguesas						Total Geral	
		TT1	%	TT2	%	TT3	%	Nº	%	TT1	%	TT2	%	TT3	%	Nº	%
01	Omissão	46	4.5	69	6.7	46	4.5	161	5.2	10	1.0	36	3.5	42	4.0	88	2.8
02	Transcrição	33	3.2	17	1.7	17	1.7	67	2.2	01	0.1	-	-	-	-	01	0.03
03	Empréstimo	1	0.1	0	0.0	1	0.1	2	0.1	22	2.1	19	1.8	15	1.4	56	1.8
04	Decalque	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
05	Tradução Literal	369	35.8	362	35.1	358	34.8	1089	35.2	421	40.8	367	35.6	313	30.4	1101	35.6
06a	Transposição Obrigatória	140	13.6	109	10.6	132	12.8	381	12.3	132	12.8	129	12.5	123	12.0	384	12.4
06b	Transposição Facultativa	136	13.2	135	13.1	168	16.3	439	14.2	157	15.2	180	17.5	177	17.2	514	16.6
06	Transposição – Subtotal	276	26.8	244	23.7	300	29.1	820	26.5	289	28.0	309	30.0	300	29.1	898	29.0
07	Explicitação/Implicação	3	0.3	4	0.4	3	0.3	10	0.3	03	0.3	04	0.3	03	0.3	10	0.3
08	Modulação	149	14.5	153	14.9	161	15.6	463	15.0	73	7.0	72	6.9	72	6.9	217	7.0
09	Adaptação	10	1.0	6	0.6	8	0.8	24	0.8	05	0.5	04	0.4	05	0.5	14	0.4
10	Tradução Intersemiótica	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
12	Erro	5	0.5	4	0.4	10	1.0	19	0.6	13	1.2	10	1.0	13	1.2	36	1.2
13	Correção	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
62	Transposição com Transcrição	7	0.7	7	0.7	7	0.7	21	0.7	-	-	-	-	-	-	-	-
63	Transposição com Empréstimo	-	-	-	-	1	0.1	1	0.03	03	0.3	05	0.5	09	0.9	17	0.6
65	Transposição com Trad. Literal	35	3.4	42	4.1	22	2.1	99	3.2	18	1.6	18	1.7	40	3.8	76	2.5
67	Transposição com Explicitação	-	-	-	-	1	0.1	1	0.03	02	0.2	01	1.0	-	-	03	0.1
68	Transposição com Modulação	95	9.2	122	11.8	95	9.2	312	10.1	170	15.7	184	17.8	215	20.9	569	18.5
69	Transposição com Adaptação	1	0.1	-	-	-	-	1	0.03	-	-	01	1.0	03	0.3	04	0.1
	TOTAL	1030	100	1030	100	1030	100	3090	100	1030	100	1030	100	1030	100	3090	100
11	Acréscimo	40	3.7	36	3.4	47	4.4	123	3.8	25	2.4	23	2.2	09	0.9	57	1.8



Figura 8: Gráfico de apresentação das cinco modalidades de maior frequência resultantes da distribuição absoluta e relativa entre as modalidades tradutórias nos 3 TTs de Portugal e 3 TTs do Brasil.

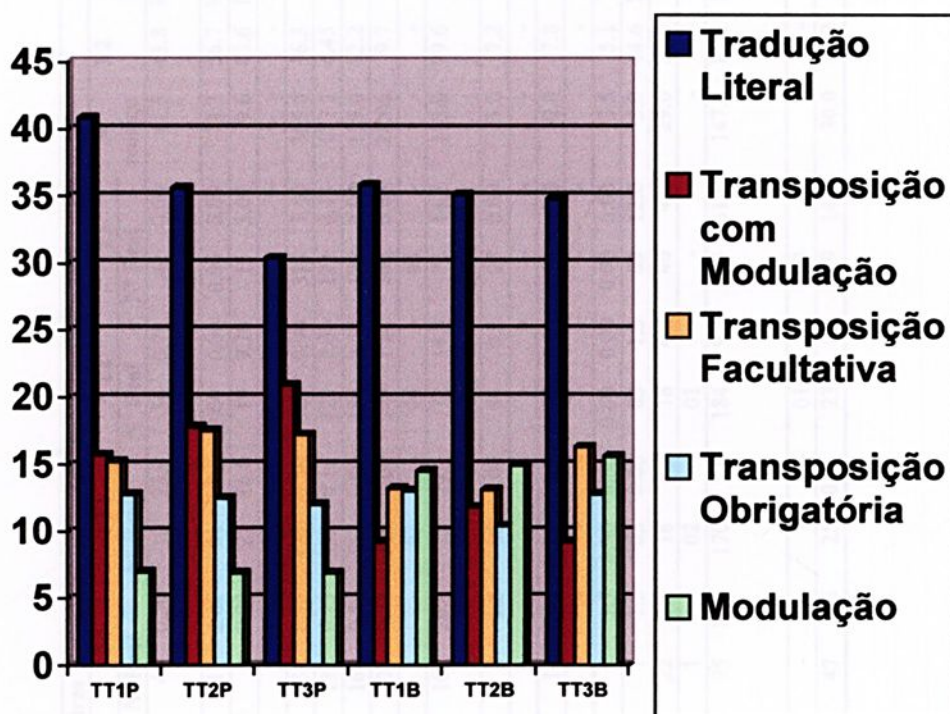


TABELA 10 – TESTE DE HOMOGENEIDADE DA DISTRIBUIÇÃO OBTIDA POR CADA UMA DAS TRÊS TRADUÇÕES BRASILEIRAS E TRÊS TRADUÇÕES PORTUGUESAS

		Traduções Brasileiras						Traduções Portuguesas											
		TT1		TT2		TT3		TT1		TT2		TT3		N° teórico		X2		Discussão	
Co	Modalidades	N° Real		N° Real		N° Real		N° Real		N° Real		N° Real						Ho (11.07)	
01	Omissão	46	0.50	69	18.2	46	0.50	10	23.9	36	0.70	42	0.00	41.5	43.8	Rej.: TT2B> e TT1P<			
02	Transcrição	33	41.6	17	2.87	17	2.87	01	9.3	0.00	0.00	0.00	0.00	11.3	56.7	Rej.: TT1B>			
03	Empréstimo	1	7.70	0	0.00	1	7.70	22	16.0	19	9.20	15	3.00	9.6	43.6	Rej.: TT1P>			
04	Decalque	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-			
05	Tradução Literal	369	0.00	362	0.00	358	0.13	421	8.50	367	0.00	313	7.40	365.0	16.3	Conf.			
06a	Transposição Obrigatória	140	1.30	109	2.70	132	0.15	132	0.15	129	0.00	123	0.15	127.5	4.45	Conf.			
06b	Transposição Facultativa	136	3.32	135	3.62	168	0.50	157	0.00	180	2.77	177	2.03	159.0	12.2	Conf.			
06	Transposição – Subtotal	276	0.34	244	6.16	300	0.68	289	0.00	309	1.84	300	0.68	28.06	9.7	Conf.			
07	Explicitação/Implicação	3	-	4	-	3	-	03	-	04	-	03	-	-	-	-			
08	Modulação	149	11.4	153	14.1	161	20.4	73	14.1	72	14.8	72	14.8	113.0	89.6	Rej.: TT2B> e TTP<			
09	Adaptação	10	5.0	6	0.2	8	1.8	05	0.00	04	0.2	05	0.00	5.0	7.2	Conf.			
10	Tradução Intersemiótica	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-			
12	Erro	5	1.7	4	2.7	10	0.00	13	1.7	10	0.00	13	1.7	9.0	7.8	Conf.			
13	Correção	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-			
62	Transposição com Transcrição	7	1.7	7	1.7	7	1.7	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	3.5	5.1	Conf.			
63	Transposição com Empréstimo	0.00	0.00	0.00	0.00	1	1.3	03	0.00	05	1.3	09	12.0	3.0	14.6	Rej.: TT3P>			
65	Transposição com Trad. Literal	35	1.2	42	5.8	22	1.7	18	4.2	18	4.2	40	4.2	29.0	21.3	Conf.			
67	Transposição com Explicitação	-	-	-	-	1	-	02	-	01	-	-	-	-	-	-			
68	Transposição com Modulação	95	18.3	122	4.2	95	18.3	170	3.6	184	9.3	215	31.4	147.0	85.1	Rej.: TT1B< e TT3B< e TT3P>			
69	Transposição com Adaptação	1	-	-	-	-	-	-	-	01	-	03	-	-	-	-			
11	Acréscimo	40	3.3	36	1.2	47	9.6	25	0.83	23	1.6	09	14.7	30.0	31.2	Rej.:TT3P>			



Figura 9: Gráfico das hipóteses rejeitadas resultantes do teste de homogeneidade da distribuição obtida por cada um dos 3 TTPs e 3 TTBs

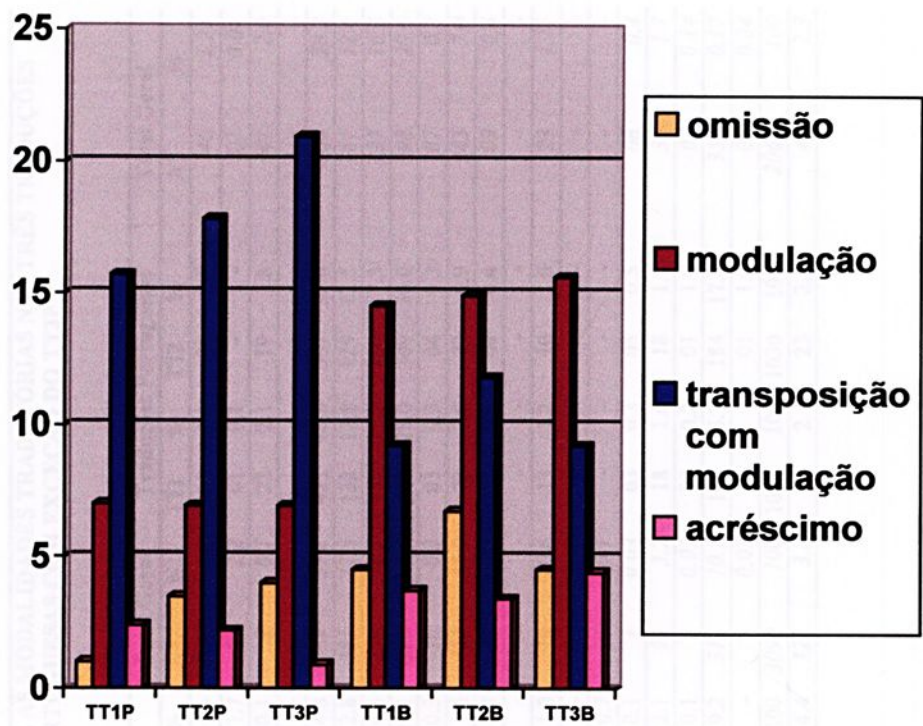


TABELA 11 – DISTRIBUIÇÃO ABSOLUTA E RELATIVA ENTRE AS MODALIDADES TRADUTÓRIAS NAS TRÊS TRADUÇÕES BRASILEIRAS E TRÊS TRADUÇÕES PORTUGUESAS COM EXCEÇÃO DO TT3P

Co	Modalidades	Traduções Brasileiras						Total Geral		Traduções Portuguesas				Total Geral	
		TT1	%	TT2	%	TT3	%	Nº	%	TT1	%	TT2	%	Nº	%
01	Omissão	46	4.5	69	6.7	46	4.5	161	5.2	10	1.0	36	3.5	46	2.25
02	Transcrição	33	3.2	17	1.7	17	1.7	67	2.2	01	0.1	-	-	01	0.04
03	Empréstimo	1	0.1	0	0.0	1	0.1	2	0.1	22	2.1	19	1.8	41	2.0
04	Decalque	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
05	Tradução Literal	369	35.8	362	35.1	358	34.8	1089	35.2	421	40.8	367	35.6	788	38.2
06a	Transposição Obrigatória	140	13.6	109	10.6	132	12.8	381	12.3	132	12.8	129	12.5	261	12.6
06b	Transposição Facultativa	136	13.2	135	13.1	168	16.3	439	14.2	157	15.2	180	17.5	337	16.3
06	Transposição – Subtotal	276	26.8	244	23.7	300	29.1	820	26.5	289	28.0	309	30.0	598	29.0
07	Explicitação/Implicação	3	0.3	4	0.4	3	0.3	10	0.3	03	0.3	04	0.3	07	0.3
08	Modulação	149	14.5	153	14.9	161	15.6	463	15.0	73	7.0	72	6.9	145	7.0
09	Adaptação	10	1.0	6	0.6	8	0.8	24	0.8	05	0.5	04	0.4	09	0.4
10	Tradução Intersemiótica	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
12	Erro	5	0.5	4	0.4	10	1.0	19	0.6	13	1.2	10	1.0	23	1.11
13	Correção	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
62	Transposição com Transcrição	7	0.7	7	0.7	7	0.7	21	0.7	-	-	-	-	-	-
63	Transposição com Empréstimo	-	-	-	-	1	0.1	1	0.03	03	0.3	05	0.5	08	0.4
65	Transposição com Trad. Literal	35	3.4	42	4.1	22	2.1	99	3.2	18	1.6	18	1.7	36	1.7
67	Transposição com Explicitação	-	-	-	-	1	0.1	1	0.03	02	0.2	01	1.0	03	0.14
68	Transposição com Modulação	95	9.2	122	11.8	95	9.2	312	10.1	170	15.7	184	17.8	354	0.17
69	Transposição com Adaptação	1	0.1	-	-	-	-	1	0.03	-	-	01	1.0	01	0.04
	TOTAL	1030	100	1030	100	1030	100	3090	100	1030	100	1030	100	2060	100
11	Acréscimo	40	3.7	36	3.4	47	4.4	123	3.8	25	2.4	23	2.2	48	2.3



TABELA 12 – TESTE DE HOMOGENEIDADE DA DISTRIBUIÇÃO OBTIDA POR CADA UMA DAS TRÊS TRADUÇÕES BRASILEIRAS E TRÊS TRADUÇÕES PORTUGUESAS COM EXCEÇÃO DO TT3P

Co	Modalidades	Traduções Brasileiras						Traduções Portuguesas				Nº teórico	X2	Discussão Ho (9.49)
		TT1		TT2		TT3		TT1		TT2				
		Nº Real		Nº Real		Nº Real		Nº Real		Nº Real				
01	Omissão	46	0.51	69	18.4	46	0.51	10	23.8	36	0.70	41.4	43.9	Rej.: TT2B> e TT1P<
02	Transcrição	33	27.6	17	0.85	17	0.85	1	11.7	-	-	13.6	41.0	Rej.: B>P
03	Empréstimo	1	6.7	-	-	1	6.7	22	20.9	19	12.6	8.6	46.9	Rej.: P>B
04	Decalque	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
05	Tradução Literal	369	0.10	362	0.48	358	0.80	421	5.5	367	0.19	375.4	7.07	Conf.
06a	Transposição Obrigatória	140	1.05	109	2.9	132	0.10	132	0.10	129	0.00	128.4	4.15	Conf.
06b	Transposição Facultativa	136	2.4	135	2.6	168	1.05	157	0.02	180	3.9	155.2	9.97	Rej: TT2P>
06	Transposição – Subtotal	276	0.20	244	5.5	300	0.94	289	0.10	309	2.27	283.6	9.01	Conf.
07	Explicitação/Implicação	3	-	4	-	3	-	3	-	4	-	-	-	-
08	Modulação	149	6.17	153	8.10	161	12.7	73	19.4	72	20.2	121.6	66.5	Rej.: TT1B< e TT2P>
09	Adaptação	10	1.75	6	0.05	8	0.30	5	0.39	4	0.79	6.6	3.28	Conf.
10	Tradução Intersemiótica	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
12	Erro	5	1.37	4	2.30	10	0.30	13	2.52	10	0.30	8.4	6.79	Conf.
13	Correção	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
62	Transposição com Transcrição	7	1.87	7	1.87	7	1.87	-	-	-	-	4.2	5.61	Conf.
63	Transposição com Empréstimo	-	-	-	-	1	0.35	3	0.80	5	5.7	1.8	6.85	Conf.
65	Transposição com Trad. Literal	35	2.37	42	8.3	22	0.92	18	3.0	18	3.0	27	17.5	Rej.: TT2B>
67	Transposição com Explicitação	-	-	-	-	1	-	02	-	01	-	-	-	-
68	Transposição com Modulação	95	10.9	122	0.94	95	10.9	170	10.2	184	19.4	133.2	52.3	Rej.: TT2P> e TT2B<
69	Transposição com Adaptação	1	-	-	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-
11	Acréscimo	40	0.98	36	0.09	47	4.80	25	2.47	23	3.67	34.2	12.0	Rej.: TT2B<



TABELA AUXILIAR 1: CORRELAÇÃO DE POSTOS
ENTRE TT1 E TT2 DE PORTUGAL

Modalidades		TT1	Class.	TT2	Class.	D ²
01	Omissão	10	10	36	6	16
02	Transcrição	01	15	-	17	4
03	Empréstimo	22	7	19	8	1
04	Decalque	-	17	-	17	0
05	Tradução Literal	421	1	367	1	0
06a	Transposição Obrigatória	132	4	129	4	0
06b	Transposição Facultativa	157	3	180	3	0
07	Explicitação/Implicação	03	12.5	4	12.5	0
08	Modulação	73	5	72	5	0
09	Adaptação	05	11	4	12.5	2.25
12	Erro	13	9	10	10	1
62	Transposição com Transcrição	-	17	-	17	0
63	Transposição com Empréstimo	03	12.5	5	11	2.25
65	Transposição com Trad. Literal	18	8	18	9	1
67	Transposição com Explicitação	02	14	1	14.5	0.25
68	Transposição com Modulação	170	2	184	2	0
69	Transposição com Adaptação	-	17	1	14.5	4
11	Acréscimo	25	6	23	7	1

$N = 16, r_c = 0.40$

$r = 1 - \{6 \times \Sigma D^2 : [N (N^2 - 1)]\}$

$r = 0.95$

**TABELA AUXILIAR 2: CORRELAÇÃO DE POSTOS
ENTRE TT1 E TT3 DE PORTUGAL**

	Modalidades	TT1	Class.	TT3	Class.	D ²
01	Omissão	10	10	42	6	16
02	Transcrição	01	15	-	16	1
03	Empréstimo	22	7	15	7	0
04	Decalque	-	17	-	16	1
05	Tradução Literal	421	1	313	1	0
06a	Transposição Obrigatória	132	4	123	4	0
06b	Transposição Facultativa	157	3	177	3	0
07	Explicitação/Implicação	03	12.5	3	12.5	0
08	Modulação	73	5	72	5	0
09	Adaptação	05	11	5	11	0
12	Erro	13	9	13	8	1
62	Transposição com Transcrição	-	17	-	16	1
63	Transposição com Empréstimo	03	12.5	9	9.5	9
65	Transposição com Trad. Literal	18	8	40	7	1
67	Transposição com Explicitação	02	14	-	16	4
68	Transposição com Modulação	170	2	215	2	0
69	Transposição com Adaptação	-	17	3	12.5	20.25
11	Acréscimo	25	6	9	9.5	12.25

$N = 16, r_c = 0.40$

$r = 1 - \{6 \times \Sigma D^2 : [N (N^2 - 1)]\}$

$r = 0.90$

**TABELA AUXILIAR 3: CORRELAÇÃO DE POSTOS
ENTRE TT2 E TT3 DE PORTUGAL**

Modalidades	TT2	Class.	TT3	Class.	D ²
01 Omissão	36	6	42	6	0
02 Transcrição	-	17	-	16	1
03 Empréstimo	19	8	15	7	1
04 Decalque	-	17	-	16	1
05 Tradução Literal	367	1	313	1	0
06a Transposição Obrigatória	129	4	123	4	0
06b Transposição Facultativa	180	3	177	3	0
07 Explicitação/Implicitação	4	12.5	3	12.5	0
08 Modulação	72	5	72	5	0
09 Adaptação	4	12.5	5	11	2.25
12 Erro	10	10	13	8	4
62 Transposição com Transcrição	-	17	-	16	1
63 Transposição com Empréstimo	5	11	9	9.5	2.25
65 Transposição com Trad. Literal	18	9	40	7	4
67 Transposição com Explicitação	1	14.5	-	16	2.25
68 Transposição com Modulação	184	2	215	2	0
69 Transposição com Adaptação	1	14.5	3	12.5	4
11 Acréscimo	23	7	9	9.5	6.25

$N = 16, r_c = 0.40$

$r = 1 - \{6 \times \Sigma D^2 : [N (N^2 - 1)]\}$

$r = 0.96$



**TABELA AUXILIAR 4: CORRELAÇÃO DE POSTOS
ENTRE TT1 DE PORTUGAL E TT1 DO BRASIL**

Modalidades		TT1P	Class.	TT1B	Class.	D ²
01	Omissão	10	10	46	6	16
02	Transcrição	01	15	33	9	36
03	Empréstimo	22	7	1	14.5	56.25
04	Deealque	-	17	-	17	0
05	Tradução Literal	421	1	369	1	0
06a	Transposição Obrigatória	132	4	140	3	1
06b	Transposição Facultativa	157	3	136	4	1
07	Explicitação/Implicação	03	12.5	3	13	2.25
08	Modulação	73	5	149	2	9
09	Adaptação	05	11	10	10	1
12	Erro	13	9	5	12	9
62	Transposição com Transcrição	-	17	7	11	36
63	Transposição com Empréstimo	03	12.5	0	16.5	16
65	Transposição com Trad. Literal	18	8	35	8	0
67	Transposição com Explicitação	02	14	0	16.5	6.25
68	Transposição com Modulação	170	2	95	5	9
69	Transposição com Adaptação	-	17	1	14.5	6.25
11	Acréscimo	25	6	40	7	1

$N = 17, r_c = 0.39$

$r = 1 - \{6 \times \Sigma D^2 : [N (N^2 - 1)]\}$

$r = 0.74$

**TABELA AUXILIAR 5: CORRELAÇÃO DE POSTOS
ENTRE TT2 DE PORTUGAL E TT2 DO BRASIL**

	Modalidades	TT2P	Class.	TT2B	Class.	D ²
01	Omissão	36	6	69	6	0
02	Transcrição	-	17	17	9	64
03	Empréstimo	19	8	-	14.5	42.25
04	Deealque	-	17	-	16	1
05	Tradução Literal	367	1	362	1	0
06a	Transposição Obrigatória	129	4	109	5	1
06b	Transposição Facultativa	180	3	135	3	0
07	Explicitação/Implicação	4	12.5	4	12.5	0
08	Modulação	72	5	153	2	9
09	Adaptação	4	12.5	6	11	2.25
12	Erro	10	10	4	12.5	6.25
62	Transposição com Transcrição	-	17	7	10	49
63	Transposição com Empréstimo	5	11	-	15.5	20.25
65	Transposição com Trad. Literal	18	9	42	7	4
67	Transposição com Explicitação	1	14.5	-	15.5	1
68	Transposição com Modulação	184	2	122	4	4
69	Transposição com Adaptação	1	14.5	-	14.5	0
11	Acréscimo	23	7	36	8	1

$N = 17, r_c = 0.39$

$r = 1 - \{6 \times \Sigma D^2 : [N (N^2 - 1)]\}$

$r = 0.75$

**TABELA AUXILIAR 6: CORRELAÇÃO DE POSTOS
ENTRE TT3 DE PORTUGAL E TT3 DO BRASIL**

	Modalidades	TT3P	Class.	TT3B	Class.	D ²
01	Omissão	42	6	46	7	1
02	Transcrição	-	16	17	9	49
03	Empréstimo	15	7	1	15	64
04	Decalque	-	16	0	17.5	2.25
05	Tradução Literal	313	1	358	1	0
06a	Transposição Obrigatória	123	4	132	4	0
06b	Transposição Facultativa	177	3	168	2	1
07	Explicitação/Implicação	3	12.5	3	13	2.25
08	Modulação	72	5	161	3	4
09	Adaptação	5	11	8	11	0
12	Erro	13	8	10	10	4
62	Transposição com Transcrição	-	16	7	12	16
63	Transposição com Empréstimo	9	9.5	1	15	30.25
65	Transposição com Trad. Literal	40	7	22	8	1
67	Transposição com Explicitação	-	16	1	15	1
68	Transposição com Modulação	215	2	95	5	9
69	Transposição com Adaptação	3	12.5	0	17	20.25
11	Acréscimo	9	9.5	47	6	12.25

$N = 17, r_c = 0.39$

$r = 1 - \{6 \times \sum D^2 : [N (N^2 - 1)]\}$

$r = 0.73$

**TABELA AUXILIAR 7: CORRELAÇÃO DE POSTOS
ENTRE TT1 DE PORTUGAL E TT2 DO BRASIL**

Modalidades	TT1P	Class.	TT2B	Class.	D ²
01 Omissão	10	10	69	6	16
02 Transcrição	01	15	17	9	36
03 Empréstimo	22	7	-	14.5	56.25
04 Decalque	-	17	-	16	1
05 Tradução Literal	421	1	362	1	0
06a Transposição Obrigatória	132	4	109	5	1
06b Transposição Facultativa	157	3	135	3	0
07 Explicitação/Implicitação	03	12.5	4	12.5	0
08 Modulação	73	5	153	2	9
09 Adaptação	05	11	6	11	0
12 Erro	13	9	4	12.5	12.25
62 Transposição com Transcrição	-	17	7	10	49
63 Transposição com Empréstimo	03	12.5	-	15.5	9
65 Transposição com Trad. Literal	18	8	42	7	1
67 Transposição com Explicitação	02	14	-	15.5	2.25
68 Transposição com Modulação	170	2	122	4	4
69 Transposição com Adaptação	-	17	-	14.5	6.25
11 Acréscimo	25	6	36	8	4

$N = 17, r_c = 0.39$

$r = 1 - \{6 \times \Sigma D^2 : [N (N^2 - 1)]\}$

$r = 0.74$

**TABELA AUXILIAR 8: CORRELAÇÃO DE POSTOS
ENTRE TT1 DE PORTUGAL E TT3 DO BRASIL**

Modalidades	TT1P	Class.	TT3B	Class.	D ²
01 Omissão	10	10	46	7	9
02 Transcrição	01	15	17	9	36
03 Empréstimo	22	7	1	15	64
04 Deleção	-	17	0	17.5	0.25
05 Tradução Literal	421	1	358	1	0
06a Transposição Obrigatória	132	4	132	4	0
06b Transposição Facultativa	157	3	168	2	1
07 Explicitação/Implicação	03	12.5	3	13	2.25
08 Modulação	73	5	161	3	4
09 Adaptação	05	11	8	11	0
12 Erro	13	9	10	10	1
62 Transposição com Transcrição	-	17	7	12	25
63 Transposição com Empréstimo	03	12.5	1	15	6.25
65 Transposição com Trad. Literal	18	8	22	8	0
67 Transposição com Explicitação	02	14	1	15	1
68 Transposição com Modulação	170	2	95	5	9
69 Transposição com Adaptação	-	17	0	17	0
11 Acréscimo	25	6	47	6	0

$N = 17, r_c = 0.39$

$r = 1 - \{6 \times \sum D^2 : [N(N^2 - 1)]\}$

$r = 0.80$

**TABELA AUXILIAR 9: CORRELAÇÃO DE POSTOS
ENTRE TT2 DE PORTUGAL E TT1 DO BRASIL**

Modalidades	TT2P	Class.	TT1B	Class.	D ²
01 Omissão	36	6	46	6	0
02 Transcrição	-	17	33	9	64
03 Empréstimo	19	8	1	14.5	42.25
04 Decalque	-	17	-	17	0
05 Tradução Literal	367	1	369	1	0
06a Transposição Obrigatória	129	4	140	3	1
06b Transposição Facultativa	180	3	136	4	1
07 Explicitação/Implicitação	4	12.5	3	13	2.25
08 Modulação	72	5	149	2	9
09 Adaptação	4	12.5	10	10	6.25
12 Erro	10	10	5	12	4
62 Transposição com Transcrição	-	17	7	11	36
63 Transposição com Empréstimo	5	11	0	16.5	30.25
65 Transposição com Trad. Literal	18	9	35	8	1
67 Transposição com Explicitação	1	14.5	0	16.5	4
68 Transposição com Modulação	184	2	95	5	9
69 Transposição com Adaptação	1	14.5	1	14.5	0
11 Acréscimo	23	7	40	7	0

$N = 17, r_c = 0.39$

$r = 1 - \{6 \times \Sigma D^2 : [N (N^2 - 1)]\}$

$r = 0.74$



**TABELA AUXILIAR 10: CORRELAÇÃO DE POSTOS
ENTRE TT2 DE PORTUGAL E TT3 DO BRASIL**

	Modalidades	TT2P	Class.	TT3B	Class.	D ²
01	Omissão	36	6	46	7	1
02	Transcrição	-	17	17	9	64
03	Empréstimo	19	8	1	15	49
04	Deealque	-	17	0	17.5	0.25
05	Tradução Literal	367	1	358	1	0
06a	Transposição Obrigatória	129	4	132	4	0
06b	Transposição Facultativa	180	3	168	2	1
07	Explicitação/Implicação	4	12.5	3	13	2.25
08	Modulação	72	5	161	3	4
09	Adaptação	4	12.5	8	11	2.25
12	Erro	10	10	10	10	0
62	Transposição com Transcrição	-	17	7	12	25
63	Transposição com Empréstimo	5	11	1	15	16
65	Transposição com Trad. Literal	18	9	22	8	1
67	Transposição com Explicitação	1	14.5	1	15	2.25
68	Transposição com Modulação	184	2	95	5	9
69	Transposição com Adaptação	1	14.5	0	17	6.25
11	Acréscimo	23	7	47	6	1

$N = 17, r_c = 0.39$

$r = 1 - \{6 \times \Sigma D^2 : [N (N^2 - 1)]\}$

$r = 0.77$

**TABELA AUXILIAR 11: CORRELAÇÃO DE POSTOS
ENTRE TT3 DE PORTUGAL E TT1 DO BRASIL**

Modalidades	TT3P	Class.	TT1B	Class.	D ²
01 Omissão	42	6	46	6	0
02 Transcrição	-	16	33	9	49
03 Empréstimo	15	7	1	14.5	56.25
04 Decalque	-	16	-	17	1
05 Tradução Literal	313	1	369	1	0
06a Transposição Obrigatória	123	4	140	3	1
06b Transposição Facultativa	177	3	136	4	1
07 Explicitação/Implicação	3	12.5	3	13	0.25
08 Modulação	72	5	149	2	9
09 Adaptação	5	11	10	10	1
12 Erro	13	8	5	12	16
62 Transposição com Transcrição	-	16	7	11	25
63 Transposição com Empréstimo	9	9.5	0	16.5	49
65 Transposição com Trad. Literal	40	7	35	8	1
67 Transposição com Explicitação	-	16	0	16.5	0.25
68 Transposição com Modulação	215	2	95	5	9
69 Transposição com Adaptação	3	12.5	1	14.5	4
11 Acréscimo	9	9.5	40	7	6.25

$N = 17, r_c = 0.39$

$r = 1 - \{6 \times \Sigma D^2 : [N (N^2 - 1)]\}$

$r = 0.72$

**TABELA AUXILIAR 12: CORRELAÇÃO DE POSTOS
ENTRE TT3 DE PORTUGAL E TT2 DO BRASIL**

Modalidades		TT3P	Class.	TT2B	Class.	D ²
01	Omissão	42	6	69	6	0
02	Transcrição	-	16	17	9	49
03	Empréstimo	15	7	-	14.5	56.25
04	Decalque	-	16	-	16	0
05	Tradução Literal	313	1	362	1	0
06a	Transposição Obrigatória	123	4	109	5	1
06b	Transposição Facultativa	177	3	135	3	0
07	Explicitação/Implicação	3	12.5	4	12.5	0
08	Modulação	72	5	153	2	9
09	Adaptação	5	11	6	11	0
12	Erro	13	8	4	12.5	9
62	Transposição com Transcrição	-	16	7	10	64
63	Transposição com Empréstimo	9	9.5	-	15.5	36
65	Transposição com Trad. Literal	40	7	42	7	0
67	Transposição com Explicitação	-	16	-	15.5	0.25
68	Transposição com Modulação	215	2	122	4	4
69	Transposição com Adaptação	3	12.5	-	14.5	4
11	Acréscimo	9	9.5	36	8	2.25

$N = 17, r_c = 0.39$

$r = 1 - \{6 \times \Sigma D^2 : [N (N^2 - 1)]\}$

$r = 0.71$

**TABELA AUXILIAR 13: CORRELAÇÃO DE POSTOS
ENTRE TT1 E TT3 DO BRASIL**

Modalidades		TT1	Class.	TT3	Class.	D ²
01	Omissão	46	6	46	7	1
02	Transcrição	33	9	17	9	0
03	Empréstimo	1	14.5	1	15	0.25
04	Decalque	0	17	0	17.5	0.25
05	Tradução Literal	369	1	358	1	0
06a	Transposição Obrigatória	140	3	132	4	1
06b	Transposição Facultativa	136	4	168	2	4
07	Explicitação	3	13	3	13	0
08	Modulação	149	2	161	3	1
09	Adaptação	10	10	8	11	1
11	Erro	5	12	10	10	4
62	Transposição com Transcrição	7	11	7	12	1
63	Transposição com Empréstimo	0	16.5	1	15	2.25
65	Transposição com Trad. Literal	35	8	22	8	0
67	Transposição com Explicitação	0	16.5	1	15	2.25
68	Transposição com Modulação	95	5	95	5	0
69	Transposição com Adaptação	1	14.5	0	17	6.25
10	Acréscimo	40	7	47	6	1

$N = 17, r_c = 0.39$

$r = 1 - \{6 \times \Sigma D^2 : [N (N^2 - 1)]\}$

$r = 0.97$



**TABELA AUXILIAR 14: CORRELAÇÃO DE POSTOS
ENTRE TT2 E TT3 DO BRASIL**

Modalidades	TT2	Class.	TT3	Class.	D ²
01 Omissão	69	6	46	7	1
02 Transcrição	17	9	17	9	0
03 Empréstimo	0	15	1	15	0.25
04 Decalque	0	16	0	17.5	2.25
05 Tradução Literal	362	1	358	1	0
06a Transposição Obrigatória	109	5	132	4	1
06b Transposição Facultativa	135	3	168	2	1
07 Explicitação	4	12.5	3	13	0.25
08 Modulação	153	2	161	3	1
09 Adaptação	6	11	8	11	0
11 Erro	4	12.5	10	10	6.25
62 Transposição com Transcrição	7	10	7	12	4
63 Transposição com Empréstimo	0	15	1	15	0.25
65 Transposição com Trad. Literal	42	7	22	8	1
67 Transposição com Explicitação	0	15	1	15	0.25
68 Transposição com Modulação	122	4	95	5	1
69 Transposição com Adaptação	0	15.5	0	17	2.25
10 Acréscimo	36	8	47	6	4

$N = 16, r_c = 0.40$

$r = 1 - \{6 \times \Sigma D^2 : [N (N^2 - 1)]\}$

$r = 0.97$

**TABELA AUXILIAR 15: CORRELAÇÃO DE POSTOS
ENTRE TT1 E TT2 DO BRASIL**

	Modalidades	TT1	Class.	TT2	Class.	D ²
01	Omissão	46	6	69	6	1
02	Transcrição	33	9	17	9	0
03	Empréstimo	1	14.5	-	14.5	0.25
04	Decalque	0	17	0	16	0.25
05	Tradução Literal	369	1	362	1	0
06a	Transposição Obrigatória	140	3	109	5	1
06b	Transposição Facultativa	136	4	135	3	4
07	Explicitação	3	13	4	12.5	0
08	Modulação	149	2	153	2	1
09	Adaptação	10	10	6	11	1
11	Erro	5	12	4	12.5	4
62	Transposição com Transcrição	7	11	7	10	1
63	Transposição com Empréstimo	0	16.5	-	15.5	2.25
65	Transposição com Trad. Literal	35	8	42	7	0
67	Transposição com Explicitação	0	16.5	-	15.5	2.25
68	Transposição com Modulação	95	5	122	4	0
69	Transposição com Adaptação	1	14.5	-	14.5	6.25
10	Acréscimo	40	7	36	8	1

N = 15, $r_c = 0.41$

$r = 1 - \{6 \times \Sigma D^2 : [N (N^2 - 1)]\}$

$r = 0.98$

ANEXO 1**TEXTOS**

Pelo fato de os textos traduzidos pertencentes ao corpus desta pesquisa terem sido editados em Portugal, e, por isso, de difícil acesso, os mesmos estão anexados ao presente trabalho.

5
27
30

EDGAR ALLAN POE

Contos Completos

1.º VOLUME

Tradução e prefácio de
MANUEL BARBOSA

Licenciado em Direito e Ciências
Históricas e Filosóficas



EDITORIAL «SABER»
COIMBRA — 1944

171



quando atravessava a velha calçada. Súbitamente, projectou-se ao longo dela uma luz estranha, e voltei-me para ver donde poderia ter partido brilho tão singular; porque atrás de mim só havia o vasto casarão com as suas sombras. O fulgor vinha duma lua cheia e sanguínea que, descendo para o ocaso, brilhava agora intensamente, através daquela fenda, outrora mal discernível, de que falei atrás e que descia em zigue-zague do telhado do edificio até à base. Enquanto a contemplava, esta fenda rapidamente se alargou — seguiu-se um violento sopro do furacão — todo o orbe do satélite, num momento, se tornou visível — andou-me a cabeça à roda, ao mesmo tempo que as imensas paredes se desmoronavam — houve um longo e tumultuoso fragor, como a voz de mil cataratas — e a lagoa profunda e sombria a meus pés fechou-se pesada e silenciosamente sôbre as ruínas da «*Casa de Usher*».

O CASCO DE AMONTILLADO

Recordo-me muito bem que pude adquirir de novo a minha antiga casa quando dei a conhecer a minha situação ao velho amigo. Não que isso me tenha trazido mais do que a mesma tristeza que antes me trazia, mas não posso negar que me trouxe um pouco de alívio. Quando me dei ao trabalho de escrever esta história, estava eu já muito velho, e a minha memória não me permitia mais do que uma vaga recordação dos acontecimentos da minha vida. Mas a minha memória não me permitia mais do que uma vaga recordação dos acontecimentos da minha vida. Mas a minha memória não me permitia mais do que uma vaga recordação dos acontecimentos da minha vida.

Devo lembrar que não fui por palavras nem por actos do meu velho amigo a descobrir a minha situação. Quando dei a conhecer a minha situação ao velho amigo, não fui por palavras nem por actos do meu velho amigo a descobrir a minha situação. Quando dei a conhecer a minha situação ao velho amigo, não fui por palavras nem por actos do meu velho amigo a descobrir a minha situação.



Suportei o melhor que pude milhares de injúrias a Fortunato; mas quando êle se atreveu a insultar-me, então jurei vingança. Vós, que bem conheceis o meu feitio, não ireis supor certamente que proferi qualquer ameaça. Quando êle menos o esperasse, vingar-me-ia; era ponto definitivamente assente. Mas o próprio carácter definitivo com que isto fôra resolvido excluía a idéia de risco. Era necessário, não apenas punir, mas punir com impunidade. Um mal nunca fica reparado quando o reparador é atingido pela retribuição. Também não fica reparado quando o vingador não se dá a conhecer àquêle que fêz o mal.

Deve notar-se que nem por palavras nem por obras dei a Fortunato motivos para duvidar da minha boa vontade. Continuei, como era meu costume, a sorrir diante dêle, e êle não percebeu que, se me sorria agora, era ao pensamento de o imolar.

Tinha um ponto fraco, êste Fortunato, muito embora sob todos os outros pontos de vista fôsse um homem para ser respeitado e mesmo temido.

Gabava-se de grande provador de vinhos. Poucos italianos têm o verdadeiro espírito do virtuose. Na maior parte dos casos, o seu entusiasmo é adoptado para aproveitar oportunidades de intrujar os milionários ingleses e austríacos. Em matéria de pintura e jóias, Fortunato, como os seus concidadãos, era um charlatão; mas em matéria de vinhos velhos era sincero. A este respeito, eu não dieria substancialmente dêle; eu próprio era conhecedor de vinhos italianos, e comprava à farta, quando se me oferecia uma boa oportunidade.

Foi ao escurecer de uma dessas tardes de suprema loucura da época carnavalesca, que encontrei o meu amigo. Como tinha bebido de mais, abordou-me com um entusiasmo desusado. Vinha em traje de bobo. Trazia vestido um fato muito justo, às listras, e na cabeça um chapéu cónico, com guizos. Fiquei tão satisfeito de o ver, que julguei nunca mais acabar de lhe apertar a mão.

E disse-lhe: «Meu caro Fortunato, que sorte tê-lo encontrado! Que bem que você parece hoje! Mas recebi um pipo de um vinho que passa por Amontillado, e tenho as minhas dúvidas.»

«Como?» disse êle, «Amontillado? Um pipo? Impossível! E no meio do Carnaval?»

«Tenho as minhas dúvidas», repliquei; «e fui tão parvo que paguei o preço de um verdadeiro Amontillado, sem o consultar sobre o assunto. Não fui capaz de o encontrar, e tive medo de perder o negócio.»

«Amontillado!»

«Tenho as minhas dúvidas.»

«Amontillado!»

«E preciso resolvê-las.»

«Amontillado!»

«Como você tem que fazer, vou procurar Luchesi. Se há pessoa competente sobre o assunto, é êle. Êle me dirá...»

«Luchesi não é capaz de distinguir Amontillado de Xerez.»

«Pois sim. Mas há alguns parvos que dizem que êle tem ainda melhor paladar do que você.»

«Venha daí; vamos.»

«Aonde?»

«Às suas caves.»

«Não, meu amigo; não quero abusar da sua bondade. Sei que você está comprometido. Luchesi...»

«Não estou comprometido; venha.»

«Não, meu amigo. Não é só o compromisso, mas vejo que você está com uma fortíssima constipação. As caves são insuportavelmente húmidas. Estão incrustadas de salitre.»

«Vamos, apesar disso. A constipação não tem importância. Amontillado! Com certeza o intrujaram; e quanto a Luchesi, é incapaz de distinguir Xerez de Amontillado.»

Falando assim, Fortunato apoderou-se do meu braço. Pondo uma máscara de seda preta e envergando um apertado capote, que me dava pelos joelhos, deixei-me conduzir por êle, apressadamente, para o meu palazzo.



Não havia criados em casa; haviam-se ausentado, para aproveitar as diversões da época. Tinha-lhes dito que só voltaria na manhã seguinte e dera-lhes ordens expressas para não se ausentarem de casa. Estas ordens eram suficientes, bem o sabia eu, para garantir o imediato desaparecimento deles todos, apenas voltasse costas.

Tirei dos candelabros dois archotes e, dando um a Fortunato, levei-o através de várias séries de quartos para a arcada que conduzia às caves. Desci uma escada em caracol, recomendando-lhe que me seguisse com cuidado. Chegámos, por fim, ao termo da descida e ficámos sós no terreno húmido das catacumbas dos Montresors.

O passo do meu amigo era pouco firme e os guizos do chapéu tiniam-lhe, à medida que avançava.

«O barril», disse êle.

«É mais adiante», disse eu; «mas repare nas brancas teias de aranha, que brilham nas paredes desta caverna.»

Voltou-se para mim e fixou os meus olhos com duas pupilas membranosas, que distilavam o fluxo da intoxicação.

«Salitre?», perguntou por fim.

«Salitre», repliquei. «Há quanto tempo anda você com essa tosse?»

«Af! Af! Af! — Af! Af! Af! — Af! Af! Af! — Af! Af! Af! — Af! Af! Af!»

O pobre amigo não pôde responder-me durante alguns minutos.

«Não é nada», disse por fim.

«Venha daí», disse-lhe eu com decisão, «vamos embora; a sua saúde é preciosa. Você é rico, respeitado, admirado, amado; é feliz, como eu fui noutros tempos. Você é um homem que faz falta. Eu, por mim, não me importo. Vamos embora; pode adoecer, e eu não quero responsabilidades. Além disso, há Luchesi...»

«Basta», disse êle; «a tosse não tem importância nenhuma: deixe, que ela não me há-de matar. Não se morre de tosse.»

«Tem razão, tem razão», repliquei; «e, na verdade, eu não tinha intenção de o alarmar sem necessidade — mas você deve ter cuidado consigo. Uma gota dêste Medoc defender-nos-á da humidade.»

Dizendo isto, quebrei o gargalo a uma garrafa, que tirei de entre longa fila das suas companheiras, dispostas sobre a prateleira de um armário.

«Beba», disse, apresentando-lhe o vinho.

Levou-o aos lábios, com um olhar de revés. Parou e acenou-me familiarmente, enquanto os guizos tiniam.

«Bebo», disse êle, «pelos mortos que repousam à nossa volta.»

«E eu faço votos por que tenha uma longa vida.»

Tomou de novo o meu braço, e continuámos.

«Estas caves», disse êle, «são amplas.»

«Os Montresors», repliquei, «eram uma grande e numerosa família.»

«Não me recordo das suas armas.»



«Um grande pé humano de ouro, em campo azul; o pé esmaga uma serpente rastejante, cujas prêsas estão espetadas no calcanhar.»

«E o motto?»

«*Nemo me impune lacessit.*» ⁽¹⁾

«Esplêndido!» disse êle.

O vinho luzia-lhe nos olhos e os guizos tilintavam. A minha própria imaginação aqueceu com o Medoc. Tínhamos passado, através de paredes de ossos empilhados, com barris e medidas à mistura, para os sítios mais recônditos das catacumbas. Parei de novo, e desta vez atrevi-me a agarrar Fortunato pelo braço, acima do cotovelo.

«O salitre!» disse; «veja como êle aumenta. Pende como musgo, das abóbadas. Estamos debaixo do leito do rio. As gotas da humidade pingam entre os ossos. Venha daí, voltemos antes que seja demasiado tarde. A sua tosse...»

«Não tem importância», disse êle; «continuemos. Mas, primeiro, vai outra gota de Medoc.»

Quebrei o gargalo a um frasco de De Grève, que lhe entreguei. Esvasiou-o de um trago. Os olhos luziam-lhe com um brilho forte. Riu e atirou a garrafa ao ar, com uma gesticulação que não compreendi.

Olhei-o surpreendido, e êle repetiu o movimento, que era grotesco.

«Não compreende?» disse.

(1) Ninguém me agride impunemente (o moto da Escócia).

«Não», repliquei.

«Então não pertence à irmandade.»

«Como?»

«Você não é maçom.»

«Sim, sim», disse eu, «sim, sim».

«Você? Impossível! Você maçom?»

«Sim, maçom», repliquei.

«Dê-me um sinal», voltou êle.

«Ei-lo aqui», respondi, mostrando-lhe uma trouxa que trazia debaixo das abas do capote.

«Você está a brincar», exclamou, retrocedendo alguns passos. «Mas vamos ao Amontillado.»

«Pois vamos», e colocando a ferramenta debaixo do capote, ofereci-lhe de novo o braço, a que êle se segurou pesadamente. Continuámos o nosso caminho, à procura do Amontillado. Passámos através de uma série de arcadas baixas, descemos, proseguimos e, descendo de novo, chegámos a uma profunda cripta onde o ar viciado fazia com que os archotes ardessem mais do que brilhavam.

No mais remoto ponto da cripta apareceu outra menos espaçosa. As suas paredes tinham sido erguidas com ossos humanos empilhados até à abóbada, à maneira das grandes catacumbas de Paris. Três lados desta cripta interior estavam ainda ornamentados desta forma. Os ossos da quarta parede tinham sido deitados a baixo e espalhavam-se promiscuamente sobre a terra, formando em um sítio um pequeno monte. Dentro da parede assim exposta pela deslocação dos ossos descobrimos um recanto interior, com quatro pés de fundo, três de largo e



seis ou sete de alto. Parecia não ter sido construído para qualquer fim especial, constituindo apenas o intervalo entre dois dos suportes colossais do tecto das catacumbas e tendo por detrás uma das paredes de sólido granito que as delimitavam.

Era em vão que Fortunato, erguendo o seu morticho archote, se esforçava por espreitar as profundezas dêste recanto. A luz frouxa não nos permitia ver onde terminava.

«Continue», disse eu; «está aí o Amontillado. Quanto a Luchesi...»

«É um ignorante», interrompeu o meu amigo, avançando com pouca firmeza, enquanto eu lhe seguia na piúgada. Num momento, tinha atingido a extremidade do nicho e, vendo os seus passos detidos pela rocha, parou estupidamente confundido. Um momento depois, eu tinha-o acorrentado ao granito. Na superfície dêste havia duas argolas de ferro, distantes uma da outra cerca de dois pés, horizontalmente. De um dêles pendia uma curta cadeia, do outro um cadeado. Lançando-lhe a cadeia à roda da cintura, em poucos segundos tinha-o prêso. Por sua vez, êle estava de tal maneira assombrado, que nem esboçou resistência. Tirando a chave, retirei-me do nicho.

«Passe a mão pela parede», disse-lhe; «não pode deixar de sentir o salitre. Na verdade, isto é muito húmido. Deixe-me *suplicar-lhe* mais uma vez que nos vamos embora. Não? Então vejo-me obrigado a deixá-lo. Mas tenho que lhe devolver primeiro tôdas as pequenas atenções que lhe devo».

«O Amontillado!» exclamou o meu amigo, que ainda não havia despertado do espanto que lhe causara o meu procedimento.

«Sim», repliquei, «o Amontillado».

Dizendo isto, dirigi-me para a pilha de ossos de que falei há pouco. Afastando-os, logo pus a descoberto uma porção de pedra e argamassa. Com êstes materiais e a ajuda da minha trolha, lancei-me ao trabalho de emparedar a entrada do nicho.

Mal tinha ainda assentado a primeira fiada de pedra, quando descobri que a intoxicação de Fortunato tinha em grande parte desaparecido. A primeira indicação que tive disto foi um abafado gemido vindo do fundo do recinto. Não era o gemido de um bêbedo. Houve depois um longo e obstinado silêncio. Assentei a segunda fiada, e a terceira, e a quarta; e então ouvi furiosas vibrações da cadeia. O ruído durou alguns momentos, durante os quais, para o poder ouvir com maior satisfação, deixei de trabalhar e sentei-me sôbre os ossos. Quando, por fim, o tinir das cadeias cessou, retomei a trolha e acabei sem interrupção a quinta, sexta e sétima fiadas. A parede tinha chegado ao nível do meu peito. De novo parei e, erguendo o archote acima do muro, lancei alguma da sua frouxa luz sôbre o vulto que estava lá dentro.

Uma série de altos e agudos gritos, rompendo súbitamente da garganta do vulto encadeado, pareceram atirar-me violentamente para trás. Durante um breve momento, hesitei, tremi. DesembaInhando



o espadim, comecei a andar às apalpadelas à volta do recinto; mas, pensando um momento, readquiri a calma. Experimentei a sólida construção das catacumbas e fiquei satisfeito. Voltei a aproximar-me da parede. Repliquei aos gritos com os gritos. Repercuti-os, reforcei-os, ultrapassei-os em volume e força. Em face disto, êle calou-se.

Era meia-noite quando a minha tarefa se aproximou do fim. Tinha completado a oitava, nona e décima fiadas. Terminara uma parte da última e décima primeira; faltava apenas adaptar e argamassar uma pedra. Custou-me ajudar-me a ela; coloquei-a parcialmente na posição própria. Mas agora vinha de dentro do nicho um riso abafado, que me pôs os cabelos em pé. Sucedeu-lhe uma voz triste, que tive dificuldade em identificar como a do nobre Fortunato. A voz dizia:

«Ah! Ah! Ah! — Eh! Eh! Eh! — uma boa partida, na verdade; tem muitíssima graça. Temos muito que nos rir com isto cá no palazzo — Eh! Eh! Eh! — com o nosso vinho — Eh! Eh! Eh!

«O Amontillado!», disse eu.

«Eh! Eh! Eh! — Eh! Eh! Eh! — sim, o Amontillado. Mas não está a fazer-se tarde? Não estarão à nossa espera no palazzo, Lady Fortunato e a restante companhia? Vamos».

«Sim», disse eu, «vamos embora».

«Pelo amor de Deus, Montresor!».

«Sim», disse eu, «pelo amor de Deus!»

Mas apliquei em vão o ouvido, à espera da res-

posta a estas palavras. Impacientei-me e gritei alto:

«Fortunato!».

Como não obtivesse resposta, gritei de novo:

«Fortunato!».

Não veio resposta. Passei uma tocha através da abertura e deixei-a cair lá dentro. Apenas obtive como resposta um tilintar de guizos. Doía-me o coração — por causa da extrema humidade das catacumbas. Apressei-me a pôr termo àquêlo trabalho. Empurrei a última pedra para o seu lugar e argamassei-a. Sôbre a nova parede voltei a erguer a velha muralha de ossos. Durante meio século ninguém mais os perturbou. *In pace requiescat!*

EDGAR ALLAN POE nasceu em Boston, nos E. U. A., em 1809, e faleceu em Baltimore, em 1849. Filho de comediantes pobres, fica órfão aos 2 anos, sendo então recolhido por um proprietário abastado de Richmond, John Allan. Em 1815 parte para Londres com os pais adoptivos, continuando aí os seus estudos por vários anos. De regresso à América, frequenta por algum tempo a Universidade de Virgínia. Trabalha em seguida nos escritórios do seu protector, acabando mais tarde por fugir para se alistar no Exército (1827) e ingressar na Escola Militar de West Point, donde é expulso por indisciplina (1831). Muda-se então para Nova Iorque. Aí inicia a sua actividade literária, publicando um livro de poesia, que passa despercebido. Data dessa época a redacção dos seus primeiros contos. A partir de 1835 colabora regularmente no *Southern Literary Messenger*, de Richmond. Já então fora viver com uma sua tia, em Baltimore. No ano seguinte casa com Virgínia Clemm, sua prima, que conta 14 anos à data do casamento. Em 1837 o casal vive em Nova Iorque, onde é publicada, nesse mesmo ano, *The Narrative of Arthur Gordon Pym*. Em 1840 sai a primeira série das *Tales of the Grotesque and Arabesque* (com uma segunda série em 1845), recolha de contos fantásticos vindos a

lume em jornais diversos, e em que o clima de mistério e o gosto pelo macabro revelam uma imaginação atormentada e rica. Sob o título de *Histórias de Mistério e Imaginação* apresentam-se aqui alguns dos seus melhores contos. Dada a sua instabilidade temperamental e as crises de alcoolismo a que se vinha entregando desde há alguns anos, Poe leva uma vida difícil, de miséria. Em 1845 publica um dos seus poemas mais famosos, *The Raven* (O Corvo), e em 1847, depois da morte da mulher, o não menos famoso *Anabel Lee* (um e outro traduzidos para português por Fernando Pessoa). Doente e desesperado, entregue ao alcoolismo e sujeito a ataques de *delirium tremens*, Poe é encontrado moribundo à porta de uma taberna onde passara a noite. Incompreendido nos Estados Unidos, onde representou o Romantismo, já então decadente na Europa, foi grande a sua influência sobre Baudelaire. Considerado o criador da novela policial, deixou também alguns ensaios de crítica e teoria poética (*The Poetic Principle*, publicado póstumamente, 1850), que o impõem como um dos precursores do Simbolismo.

© Tradução de
Tomé Santos Júnior
Composto e impresso por
Gris, Impressores
Lisboa

EDGAR ALLAN POE

HISTÓRIAS DE MISTÉRIO E IMAGINAÇÃO

720.73) - 3

no 671



POE

EDITORIAL VERBO

O PIPO DE «AMONTILLADO»

Suportei o melhor que pude as mil e uma injúrias de Fortunato; mas quando começou a entrar pelo insulto, jurei vingança. Vós, que tão bem conheceis a natureza da minha índole, não ireis supor que me limitei a ameaçar. *Acabaria* por vingar-me; isto era ponto definitivamente assente, e a própria determinação com que o decidi afastava toda e qualquer ideia de risco. Devia não só castigar, mas castigar ficando impune. Um agravo não é vingado quando a vingança surpreende o vingador. E fica igualmente por vingar quando o vingador não consegue fazer-se reconhecer como tal àquele que o ofendeu.

Deve compreender-se que nem por palavras, nem por actos, dei motivos a Fortunato para duvidar da minha afeição. Continuei, como era meu desejo, a rir-me para ele, que não compreendia que o meu sorriso resultava *agora* da ideia da sua imolação.

Tinha um ponto fraco, este Fortunato — sendo embora, sob outros aspectos, homem digno de respeito e mesmo de receio. Orgulhava-se da sua qualidade de entendido em vinhos. Poucos italianos possuem o verdadeiro espírito de virtuosidade. Na sua maior parte, o seu entusiasmo é adaptado às circunstâncias de tempo e de oportunidade — para ludibriar milionários britânicos e austríacos. Em pintura e pedras preciosas, Fortunato, à semelhança dos seus concidadãos, era um charlatão, mas na questão de vinhos era entendido. Neste aspecto eu não diferia substancialmente dele: eu próprio era entendido em vinhos

de reserva italianos, e comprava-os em grandes quantidades sempre que podia.

Foi ao escurecer, numa tarde de grande loucura da quadra carnavalesca, que encontrei o meu amigo. Acolheu-me com excessivo calor, pois bebera de mais. Trajava de bufão; um fato justo e parcialmente às tiras, levando na cabeça um barrete cónico com guizos. Fiquei tão contente de o ver que julguei que nunca mais parava de lhe apertar a mão.

— Meu caro Fortunato — disse eu —, ainda bem que o encontro. Você tem hoje uma aparência notável! Saiba que recebi um pipó de um vinho que passa por ser *amontillado*; mas tenho cá as minhas dúvidas.

— O quê? — disse ele — *Amontillado*? Um pipó? Impossível! E em pleno Carnaval!

— Tenho as minhas dúvidas — respondi —, e estúpida-mente paguei o verdadeiro preço do *amontillado* sem ter consultado o meu amigo. Não o consegui encontrar e tinha receio de perder o negócio!

— *Amontillado!*

— Tenho as minhas dúvidas — insisti.

— *Amontillado!*

— E tenho de as resolver.

— *Amontillado!*

— Como vejo que está ocupado, vou procurar Luchesi. Se existe alguém com espírito crítico, é ele. Ele me dirá.

— Luchesi não distingue *amontillado* de xerez.

— No entanto, há muito idiota que acha que o seu gosto desafia o do meu amigo.

— Venha, vamos lá.

— Aonde?

— À sua cave.

— Não, meu amigo, não exigiria tanto da sua bondade. Vejo que tem compromissos. Luchesi...

— Não tenho compromisso nenhum, vamos.

— Não, meu amigo. Não será o compromisso, mas aquele frio terrível que bem sei que o aflige. A cave é insuportavelmente húmida. Está coberta de salitre.

— Mesmo assim, vamos lá. O frio não é nada. *Amontillado!* Você foi ludibriado. E quanto a Luchesi, não distingue xerez de *amontillado*.

Assim falando, Fortunato pegou-me pelo braço. Depois de pôr uma máscara de seda preta e de envergar um *roquelaire* cingido ao corpo, tive que suportar-lhe a pressa que levava a caminho do meu palacete.

Não havia criados em casa; tinham desaparecido todos para festejar aquela quadra. Eu tinha-lhes dito que não voltaria senão de manhã e dera-lhes ordens explícitas para se não afastarem de casa. Ordens essas que foram o suficiente, disso estava eu certo, para assegurar o rápido desaparecimento de todos eles, mal voltara costas.

Retirei das arandelas dois archotes e, dando um a Fortunato, conduzi-o através de diversos compartimentos até à entrada das caves. Desci uma grande escada de caracol e pedi-lhe que se acautelasse enquanto me seguia. Quando chegámos ao fim da descida encontrávamo-nos ambos sobre o chão húmido das catacumbas dos Montresors.

O andar do meu amigo era irregular e os guizos da capa tilintavam quando se movia.

— O pipo? — perguntou.

— Está lá mais para diante — disse eu —, mas veja a teia branca de aranha que cintila nas paredes da cave.

Voltou-se para mim e posou nos meus olhos duas órbitas enevoadas pelos fumos da intoxicação.

— Salitre? — perguntou por fim.

— Sim — respondi. — Há quanto tempo tem essa tosse?

— Hâg!, hâg!, hâg! Hâg!, hâg!, hâg!

O meu amigo ficou sem poder responder-me durante bastante tempo.

— Não é nada — acabou por dizer.

— Venha — disse-lhe com decisão. — Retrocedamos, a sua saúde é preciosa. Você é rico, respeitado, admirado, amado; você é feliz como eu já o fui em tempos. Você é um homem cuja falta se sentiria. Quanto a mim, não importa. Retrocedamos. Ainda é capaz de adoecer e não quero assumir tal responsabilidade. Além disso, há Luchesi ...

— Basta! — replicou. — A tosse não é nada, não me vai matar. Não vou morrer por causa da tosse.

— Pois decerto que não, pois decerto — respondi —; não é minha intenção alarmá-lo desnecessariamente, mas deve usar de cautela. Um gole deste *médoc* defender-nos-á da humidade.

Quebrei o gargalo de uma garrafa que retirei de uma longa fila de muitas outras iguais que jaziam no bolor.

— Beba — disse, apresentando-lhe o vinho.

Levou-o aos lábios, olhando-me de soslaio. Fez uma pausa e abanou a cabeça significativamente, enquanto os guizos tilintavam.

— Bebo — disse — aos mortos que repousam à nossa volta.

— E eu para que você viva muito.

Novamente me tomou pelo braço e prosseguimos.

— Estas catacumbas são enormes — disse ele.

— Os Montresors — respondi — constituíam uma família grande e numerosa.

— Não me lembro do vosso brasão.

— Um enorme pé humano, de ouro, em campo azul; o pé esmaga uma serpente rampante cujas presas estão ferradas no calcanhar.

— E a divisa?

— *Nemo me impune lacessit*¹.

— Ótimo! — disse ele.

O vinho brilhava no seu olhar e os guizos tilintavam. A

¹ Ninguém me fere impunemente. — N. do E.



minha própria disposição melhorara com o *médóc*. Tinha passado por entre paredes de ossos empilhados, à mistura com barris e pipos, nos mais recônditos escaninhos das catacumbas. Parei novamente e desta vez fiz questão de segurar Fortunato por um braço, acima do cotovelo.

— Salitre! — disse eu —, veja como aumenta. Parece musgo nas abóbadas. Estamos sob o leito do rio. As gotas de humidade escorrem por entre os ossos. Venha, vamo-nos embora que já é muito tarde. A sua tosse...

— Não faz mal — retorquiu —, continuaremos. Antes, porém, mais um trago de *médóc*.

Abri e passei-lhe uma garrafa de *De Grève*. Despejou-a de um trago. Os olhos brilharam-lhe com um fulgor feroz. Riu e atirou a garrafa ao ar, com uns gestos que não entendi.

Olhei-o surpreso. Repetiu o movimento grotesco.

— Não compreende?

— Não, não compreendo — respondi.

— Então não pertence à irmandade.

— Como?

— Quero eu dizer que não pertence à Maçonaria.

— Sim, sim — disse —, sim, pertença.

— Você? Impossível! Um maçã?

— Sim, um maçã — respondi.

— Um sinal — disse ele.

— Aqui o tem — retorqui, mostrando uma colher de pedreiro que retirei das dobras do meu *roquelaire*.

— Está a brincar — exclamou, recuando alguns passos. — Mas vamos lá ao *amontillado*.

— Assim seja — disse eu, tornando a colocar a ferramenta sob a capa e tornando a oferecer-lhe o meu braço. Apoiou-se nele pesadamente. Continuámos o nosso caminho em procura do *amontillado*. Passámos por uma série de arcos baixos. descemos, atravessámos outros, descemos novamente e chegá-

mos a uma profunda cripta na qual a rarefacção do ar fazia com que os archotes reluzissem em vez de arderem em chama.

No ponto mais afastado da cripta havia uma outra cripta menos espaçosa. As paredes tinham sido forradas com despojos humanos, empilhados até à abóbada, à maneira das grandes catacumbas de Paris. Três das paredes desta cripta interior estavam ainda ornamentadas desta maneira. Na quarta parede, os ossos tinham sido derrubados e jaziam promiscuamente no solo, formando num ponto um montículo de certo vulto. Nessa parede assim exposta pela remoção dos ossos, percebia-se um recesso ainda mais recôndito, com um metro e vinte centímetros de fundo, noventa centímetros de largo e um metro e oitenta a dois metros e dez de alto. Parecia não ter sido construído com qualquer fim específico, constituindo apenas o intervalo entre dois dos colossais suportes do tecto das catacumbas, e era limitado, ao fundo, por uma das paredes circundantes em granito sólido.

Foi em vão que Fortunato, levantando o seu túbio archote, tentou sondar a profundidade do recesso. A enfraquecida luz não nos permitia ver-lhe o fim.

— Continue — disse eu —, o *amontillado* está aí dentro. Quanto a Luchesi...

— É um ignorante — interrompeu o meu amigo, enquanto avançava, vacilante, seguido por mim. Num instante atingira o extremo do nicho, e vendo que não podia continuar por causa da rocha, ficou estupidamente desorientado. Um momento mais e tinha-o agrilhoado ao granito. Havia na parede dois grampos de ferro, distantes um do outro, na horizontal, cerca de sessenta centímetros. De um deles pendia uma pequena corrente e do outro um cadeado. Lançar-lhe a corrente em volta da cintura e fechá-la foi obra de poucos segundos. Ficara demasiado surpreendido para oferecer resistência. Retirei a chave e recuei.

— Passe a mão pela parede — disse eu. — Não deixará de sentir o salitre. Na realidade está muito húmido. Mais uma



vez lhe *suplico* que nos retiremos. Não lhe convém? Nesse caso, tenho realmente de o deixar. Mas, primeiro, quero prestar-lhe todas as pequenas atenções ao meu alcance.

— O *amontillado*! — berrou o meu amigo, que se não recomposera ainda do espanto em que se encontrava.

— É verdade — respondi. — O *amontillado*.

Ao dizer isto, pus-me a procurar com todo o afã por entre as pilhas de ossos de que já falei. Atirando com eles para o lado, pus a descoberto uma quantidade de pedras e argamassa. Com estes materiais e com a ajuda da minha trolha, comecei a entaipar com todo o vigor a entrada do nicho.

Mal tinha colocado a primeira fiada de pedras quando descobri que a embriaguez de Fortunato tinha em grande parte desaparecido. A este respeito, o primeiro indício foi-me dado por um longo gemido vindo da profundidade do recesso. Não era o gemido de um ébrio. Sucedeu-se um prolongado e obstinado silêncio. Pus a segunda fiada de pedras, a terceira e a quarta. Em seguida ouvi as vibrações furiosas da corrente. O ruído prolongou-se por alguns minutos, durante os quais, para me ser possível ouvi-lo com maior satisfação, suspendi a minha tarefa e sentei-me no montículo de ossos. Quando finalmente cessou o tilintar, retomei a trolha e completei sem interrupção a quinta, a sexta e a sétima fiadas. A parede estava agora quase ao nível do meu peito. Parei novamente e, elevando o archote acima do parapeito, fiz incidir alguns raios de luz sobre a figura que lá estava dentro.

Uma sucessão de gritos altos e agudos, irrompendo de súbito da garganta da figura agrilhoadá, quase me atirou violentamente para trás. Por um breve momento hesitei, tremi. Desembainhei o florete e com ele comecei a tactear o recesso, mas bastou pensar um momento para voltar a sentir-me seguro. Coloquei a mão sobre a sólida construção das catacumbas e fiquei satisfeito. Tornei a aproximar-me da parede. Respondi aos gritos daquele que clamava. Repeti-os como um eco, juntei-

-me a eles, ultrapassei-os em volume e força. Depois disto, o outro sossegou.

Era agora meia-noite e a minha tarefa aproximava-se do fim. Completara já a oitava, a nona e a décima fiadas. Tinha acabado uma porção da décima primeira e última; faltava apenas colocar e fixar uma pequena pedra. Lutava com o seu peso; coloquei-a parcialmente na posição que lhe cabia. Soltou-se então do nicho um riso abafado que me arrepiou os cabelos. Seguiu-se uma voz triste que tive dificuldade em reconhecer como sendo a do nobre Fortunato. Dizia aquela voz:

— Ah!, ah!, ah!, eh!, eh!, boa piada, de facto, excelente gracejo. Havemos de rir bastante acerca disto, lá no palácio, eh!, eh!, acerca do nosso vinho, eh!, eh!, eh!

— O *amontillado*? — disse eu.

— Eh!, eh!, eh!, eh!, eh!, eh!, sim, o *amontillado*. Mas não estará a fazer-se tarde? Não estarão à nossa espera no palácio *lady* Fortunato e os convidados? Vamo-nos embora.

— Sim — disse eu —, vamo-nos.

— *Pelo amor de Deus, Montresor!*

— Sim — disse eu —, pelo amor de Deus!

Em vão esperei uma resposta a estas palavras. Comecei a ficar impaciente. Chamei em voz alta:

— Fortunato!

Não obtive resposta. Chamei novamente:

— Fortunato!

Continuei sem resposta. Meti um archote pela pequena abertura e deixei-o cair lá dentro. Em resposta ouvi apenas um tilintar de guizos. Senti o coração oprimido, dada a forte humidade das catacumbas. Apressei-me a pôr fim à minha tarefa. Forcei a última pedra no buraco, e fixei-a com a argamassa. De encontro a esta nova parede tornei a colocar a velha muralha de ossos. Durante meio século nenhum mortal os perturbou. *In pace requiescat!*¹.

¹ Descanse em paz! — N. do E.

EDGAR ALLAN POE



HISTÓRIAS EXTRAORDINÁRIAS II

82.12.1
TDE

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA



Título original: *The Murders in the Rue Morgue, The Masque of the Red Death, The Pit and The Pendulum, The Tell-Tale Heart, The Gold-Bug, The Black Cat, The Purloined Letter, The Facts in the Case of M. Valdemar, The Cask of Amontillado, Hop-Frog*

Tradução de Luísa Feijó

Capa: Estúdios P. E. A.

Direitos reservados por
Publicações Europa-América, L.da

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida na presente forma ou por qualquer processo, electrónico, mecânico ou fotográfico, incluindo fotocópia, xerocópia ou gravação, sem autorização prévia e escrita do editor. Exceptua-se naturalmente a transcrição de pequenos textos ou passagens para apresentação ou crítica do livro. Esta excepção não deve de modo nenhum ser interpretada como sendo extensiva à transcrição de textos em recolhas antológicas ou similares donde resulte prejuízo para o interesse pela obra. Os transgressores são passíveis de procedimento judicial

Editor: Francisco Lyon de Castro

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA, L.DA
Apartado 8
2726 MEM MARTINS CODEX
PORTUGAL

Edição n.º 146541/4836

Execução técnica:
Gráfica Europam, L.da,
Mira-Sintra — Mem Martins

Depósito legal n.º 26975/89

EDGAR ALLAN POE

Nota biográfica

Edgar Allan Poe nasceu em Bóston, em 1809, e faleceu em Baltimore, em 1849. Filho de actores, muito cedo viu desaparecer pais, vitimados pela tuberculose. Edgar e seus irmãos foram recados por pessoas de família, tendo ele sido adoptado por um tio com quem conheceu um verdadeiro lar. No entanto, os anos de miséria e a morte dos pais desenvolveram no jovem um espírito mórbido, que a sua natureza enfermeira mais propiciou.

Em 1827 abandona a casa dos pais adoptivos, vivendo por tempos um período de instabilidade emocional. Matricula-se na Academia Militar de West Point, mas depressa se manifesta a falta de disciplina militar e é expulso. Publica ainda em 1827 o primeiro livro de poesia, *Tamerlane and other poems*, by a B. nian. Em 1833 ganha um prémio instituído pelo jornal *Philadé Saturday Visitor* com o seu conto *Manuscript found in a bottle* director do jornal, vendo a situação de miséria e depressão em que vivia, consegue-lhe um lugar de vice-director do *Southern Messenger*, onde ficará por pouco tempo, pois que, devido a permanente morbidez, se tornara num alcoólico inveterado.

Casa com sua prima Virgínia, uma noiva-criança, com 13 anos, junto de quem parece readquirir um pouco de confiança. Trabalha em vários jornais em Nova Iorque e Filadélfia. A cidade aparece em 1840 a sua primeira colecção de contos, *Tales of Grotesque and Arabesque*. O ano de 1840 foi de grande actividade literária: escreveu *Os crimes da Rua Morgue*, criando a figura do detective Dupin, predecessor de Sherlock Holmes, e desempenhou funções de chefe de redacção do *Graham's Magazine*. A doente mulher, atacada de tuberculose, tem sobre ele nefasta influência, fá-lo voltar ao alcoolismo e leva-o a procurar a companhia de uma poetisa menor, Frances Osgood, na tentativa de se furtar tal trágico ambiente familiar. Em 1847 morre sua mulher e Poe gulha num estado de desespero que o leva a procurar novas mulheres e a passar a maior parte do seu tempo embriagado.

Em Outubro de 1849, numa taberna, é encontrado em precário estado de embriaguez. Levado ao hospital, ali morre três dias depois.

Deixou um espólio literário considerável e a sua figura é tida tem dado origem a inúmeros estudos da génese da sua obra, meio da psicandlise.

A sua influência na Europa foi flagrante, sobretudo em França entre simbolistas e decadentes. Além de contos, deixou muitas outras obras, das quais as mais conhecidas são *The Raven*.

Personagem patético, cujo valor como criador literário foi muito pouco celebrado depois da sua morte, viveu apagada como revela uma carta sua de poucas linhas a um editor a quem pedia como única compensação umas vinte cópias do seu livro.



rebentavam na língua e não nos lábios do paciente, o seu corpo todo, num repente — no espaço de um único minuto ou talvez menos —, encolheu-se, desfez-se, apodreceu completamente sob as minhas mãos. Na cama, perante os olhos de toda a companhia, jazia uma massa quase líquida e repugnante, de detestável podridão.

O BARRIL DE «AMONTILLADO»

Sempre suportei o melhor que pude as mil injúrias de Fortunato; mas quando estas se transformaram em insulto jurei vingança. Tu, porém, que conheces bem a natureza da minha alma, saberás que não proferi qualquer ameaça. Acabaria por ser vingado: isso era um ponto assente — mas a perfeição da minha resolução excluía qualquer ideia de perigo. Devia não só punir como ainda punir impunemente. Um insulto só é vingado quando a vingança não atinge o vingador; e também não é vingado se o vingador não se dá a conhecer ao autor da injúria.

É preciso que se saiba que nunca dei a Fortunato, nem por palavras nem por actos, razões para duvidar da minha boa vontade. Continuei como era meu costume a sorrir-lhe e ele não percebeu que o meu sorriso traduzia apenas a ideia da sua imolação.

Ele tinha um ponto fraco — este Fortunato —, embora noutros aspectos fosse um homem a ser respeitado e até tímido. Orgulhava-se de ser um conhecedor de vinhos. Poucos italianos têm o verdadeiro espírito de virtuoso. O seu entusiasmo é quase sempre adaptado ao momento e às circunstâncias como forma de enganar os milionários ingleses e austríacos. Naquilo que se referia à pintura e à joalheria, Fortunato, tal como os seus compatriotas, era um charlatão, mas no que dizia respeito aos vinhos antigos era absolutamente sincero. Neste ponto eu não diferia essencialmente dele; eu próprio percebia bastante de vinhos italianos e sempre que podia comprava grandes quantidades deles.

Uma tarde, ao crepúsculo, em plena loucura do Carnaval, encontrei o meu amigo. Cumprimentou-me com uma exces-



siva cordialidade porque bebera muito. Estava fantasiado. Trazia um fato bicolor muito justo e na cabeça um barrete cônico com campainhas. Fiquei tão contente em vê-lo que parecia que nunca mais acabava de lhe sacudir a mão. Disse-lhe:

— Meu querido Fortunato, é uma sorte encontrar-te. Que bom aspecto tens hoje!... Acabo de receber um barril que me dizem ser de *amontillado*, mas tenho as minhas dúvidas!

— Quê? — disse ele. — *Amontillado*? Um barril? Impossível! E em pleno Carnaval!

— Tenho certas dúvidas — repliquei. — E fui suficientemente parvo para pagar todo o *amontillado* sem te consultar. Não consegui encontrar-te e tive medo de perder um bom negócio.

— *Amontillado!*

— Tenho dúvidas!

— *Amontillado!*

— E tenho de ter a certeza.

— *Amontillado!*

— Visto que estás ocupado vou procurar o Luchesi. Se há alguém com sentido crítico é ele. Ele dir-me-á...

— O Luchesi é incapaz de distinguir o *amontillado* do xerez.

— E contudo há imbecis que dizem que o gosto dele é igual ao teu.

— Anda, vamos.

— Onde?

— À tua adega.

— Não, meu amigo. Não quero abusar da tua bondade. Vejo que tens um compromisso. O Luchesi...

— Não tenho compromisso nenhum. Vamos.

— Não, meu amigo. Não é pelo compromisso, mas pela gripe terrível de que te vejo sofrer. A adega é insuportavelmente húmida. As paredes estão cobertas de salitre.

— Não faz mal. A gripe não tem importância. *Amontillado!* Foste enganado. E quanto ao Luchesi, ele não é capaz de distinguir o xerez do *amontillado*!

Enquanto falava, Fortunato agarrou-me no braço. Pus uma máscara de seda negra, embrulhei-me cuidadosamente num manto e deixei-me arrastar por ele até ao meu palácio.

Os criados não estavam em casa, testavam alguns o Carnaval. Dissera-lhes que só voltava de manhã e ordenara-lhes formalmente que não saíssem de casa. Sabia perfeitamente que essa ordem era suficiente para que, mal eu virasse costas, se apressassem a sair.

Peguei em dois archotes, dei um a Fortunato e conduzi-o por uma enfiada de salas até ao vestíbulo que levava até à adega. Desci à frente dele uma escadaria comprida e tortuosa, voltando-me de vez em quando para lhe recomendar cuidado. Chegámos finalmente ao fundo das escadas e encontrámo-nos sobre o solo húmido das catacumbas dos Montrésors.

O meu amigo caminhava com um passo incerto e as campainhas do seu barrete tilintavam.

— O barril? — disse ele.

— Está ali adiante — disse eu. — Mas repara nessa renda branca que brilha na parede da adega.

Voltou-se para mim e fitou-me com uns olhos vítreos que destilavam lágrimas de embriaguez.

— Salitre? — acabou por perguntar.

— Salitre — respondi. — Há quanto tempo tosses dessa maneira?

— Huh, huh, huh... huh, huh... huh, huh, huh... huh!

Durante alguns minutos o meu pobre amigo foi incapaz de responder.

— Não é nada — disse, finalmente.

— Vem — disse-lhe com firmeza. — Vamos embora. A tua saúde é preciosa. És rico, respeitado, admirado, amado. És feliz como eu fui em tempos. És uma pessoa de quem se sentiria a falta. Não quero que isso aconteça. Vamos embora; não quero ser responsável se adoeceres. Além disso há o Luchesi...

— Basta! — disse ele. — Esta tosse não tem importância nenhuma; não hei-de morrer dela. Não é a tosse que me há-de matar.

— É verdade... é verdade — repliquei. — E, de facto, não era minha intenção alarmar-te inutilmente. Mas devias tomar precauções. Uma gota deste *médoc* proteger-te-á da humidade.

E dizendo isto tirei uma garrafa de uma longa fila pousada no chão e rebentei-lhe o gargalo.



— Bebe — disse, oferecendo-lhe o vinho.
Levou a garrafa aos lábios, olhando-me de esguelha. Fez uma pausa e cumprimentou-me familiarmente, enquanto as campainhas tilintavam.

— Bebo — disse — aos defuntos que repousam à nossa volta.

— E eu à tua longa vida.

Voltou a pegar-me no braço e retomámos a marcha.

— Estas caves — disse — são muito vastas.

— Os Montrésors — respondi — eram uma família grande e numerosa.

— Esqueci quais eram as vossas armas.

— Um grande pé de ouro em campo azul; o pé esmaga uma serpente rastejante cujos dentes mordem o calcanhar

— E a divisa?

— *Nemo me impune lacessit.*

— Belo! — disse ele.

O vinho cintilava-lhe nos olhos e as campainhas tilintavam. Também a mim o *médoc* avivara o espírito. Tínhamos chegado, passando entre muralhas de esqueletos misturados com pipos e barricas de vinho, à parte mais profunda das catacumbas. Voltei a parar e desta vez atrevi-me a agarrar Fortunato por um braço, acima do cotovelo.

— O salitre! — disse. — Vê como aumenta. Pende como musgo das abóbadas. Estamos por baixo do leito do rio. As gotas de humidade escorrem entre os ossos. Anda, vamos embora antes que seja tarde. A tua tosse...

— Não é nada — disse ele. — Continuemos. Mas primeiro mais um gole de *médoc*.

Abri um frasco de vinho de Grève. Esvaziou-o de um golo. Os olhos brilhavam-lhe como uma luz selvagem. Riu e atirou a garrafa para o ar com um gesto que não compreendi.

Olhei-o surpreendido. Repetiu o movimento — um gesto grotesco.

— Não percebes? — disse.

— Eu não! — respondi.

— Então não pertences à confraria.

— Como?

— Não és dos maçons.

— Sim, sim — disse eu. — Sim, sim.

— Tu? Impossível! Tu, maçã?

— Sim, maçã — repliquei.

— Um sinal — disse ele —, um sinal.

— Aqui está — respondi, tirando de sob as pregas do meu manto uma pá de trolha.

— Estás a brincar — exclamou, recuando uns passos.

— Vamos é ao *amontillado*.

— Seja — disse eu, voltando a guardar a pá debaixo da capa, e oferecendo-lhe o meu braço. Apoiou-se a ele pesadamente. Continuámos o nosso caminho em busca do *amontillado*. Passámos por uma fila de arcos baixos, descemos, demos alguns passos e, voltando a descer, chegámos a uma cripta profunda onde o ar viciado transformava em brasido o fogo dos archotes.

Ao fundo desta cripta abria-se uma outra menos espaciosa. As suas paredes estavam revestidas de ossadas humanas empilhadas até à abóbada, à maneira das grandes catacumbas de Paris. Três das paredes desta cripta interior ainda estavam assim ornamentadas. Na quarta parede os ossos tinham sido removidos e jaziam confusamente no chão, formando em certo ponto um monte de dimensões razoáveis. Na parede assim exposta pela deslocação dos ossos via-se outra cripta ou nicho de cerca de quatro pés de profundidade, três de largura e seis ou sete de altura. Parecia que fora construída sem nenhum objectivo especial, sendo formada apenas pelo intervalo entre duas das vigas colossais que suportavam o tecto da catacumba e uma das paredes de granito maciço que limitavam o conjunto.

Era em vão que Fortunato, erguendo o archote mortiço, tentava prescrutar o interior do nicho. A luz fraca não nos permitia ver-lhe o fundo.

— Avança — disse eu. — O *amontillado* está aí dentro. Quanto ao Luchesi...

— É um parlapatão — interrompeu o meu amigo, avançando em passo trémulo seguido de perto por mim. Num instante chegou ao fundo do nicho e vendo que uma parede lhe impedia a passagem, ficou estupidamente intrigado. No momento seguinte já eu o prendia à parede de granito. Havia na superfície desta duas argolas de ferro distantes uma da outra cerca de dois pés na horizontal. De uma delas pendia uma corrente curta, da outra um aloquete. Passando os elos sobre o peito dele, amarrá-lo foi obra de segundos.



Estava demasiado espantado para resistir. Tirei a chave e recuei alguns passos para fora do nicho.

— Passa a tua mão — disse eu — pela parede; não podes deixar de sentir o salitre. Está realmente *muito* húmido. Mais uma vez te imploro que regressemos. Não? Então vejo-me obrigado a abandonar-te. Mas antes disso vou prestar-te todas as pequenas atenções que estão ao meu alcance.

— O *amontillado*! — exclamou o meu amigo, que ainda não recuperara do seu espanto.

— É verdade — respondi eu. — O *amontillado*.

Enquanto dizia estas palavras debrucei-me sobre a pilha de ossadas de que já falei antes. Atirando-as para o lado, em breve descobri uma quantidade de tijolos e cimento. Com estes materiais e a minha pá de pedreiro comecei rapidamente a fechar a entrada do nicho.

Ainda mal terminara a primeira carreira de tijolos quando percebi que a embriaguez de Fortunato se havia em grande parte dissipado. O primeiro indício que tive foi um longo gemido vindo das profundezas do nicho. Não era o grito de um homem bêbado. Depois houve um longo e obstinado silêncio. Assentei a segunda fila de tijolos, a terceira e a quarta; e então ouvi a vibração furiosa da corrente. O barulho durou vários minutos, durante os quais, para melhor gozar a minha satisfação, interrompi o trabalho, sentando-me em cima dos ossos. Quando, finalmente, tudo se calou, voltei a pegar na pá e, sem interrupções, acabei a quinta, sexta e sétima filas. A parede dava-me agora pelo peito. Voltei a parar e, levantando o archote, iluminei com os seus raios fracos a figura atrás do muro.

Uma sucessão de gritos altos e agudos, rebentando subitamente na garganta da forma amarrada, atirou-me, por assim dizer, violentamente para trás. Durante um momento breve hesitei, tremi. Puxei da espada e enfiei-a várias vezes dentro do nicho; mas um instante de reflexão bastou para me tranquilizar. Pousei a mão sobre a parede sólida da catacumba e senti-me satisfeito. Reaproximei-me do muro; respondi aos uivos do homem. Fiz-lhes eco, acompanhei-os, ultrapassei-os em volume e em força. Foi isto que eu fiz e o homem calou-se.

Era então meia-noite e o meu trabalho estava a chegar ao fim. A oitava, nona e décima carreiras estavam prontas.

Tinha já feito uma parte da décima primeira e última. Faltava apenas assentar e cimentar a última pedra. Levantei-a com esforço e coloquei-a parcialmente na posição requerida. Mas então escapou-se do nicho um riso abafado que me pôs os cabelos em pé. Sucedeu-se-lhe uma voz triste que dificilmente reconheci como sendo a do nobre Fortunato. A voz dizia:

— Ah! ah! ah!... Ah! ah! ah!... Uma bela piada, sim, senhor... Uma piada excelente. Havemos de nos rir muito no palácio... Eh! eh! eh!... Bebendo o nosso vinho... Eh! eh! eh!

— O *amontillado* — disse eu.

— Eh! eh! eh!... Eh! eh! eh!... Sim, sim, o *amontillado*. Mas não estará a fazer-se tarde? Não estarão à nossa espera no palácio, a *signora* Fortunato e os outros? Vamos embora.

— Sim — disse eu. — Vamos embora.

— *Por amor de Deus, Montrésor!*

— Sim — disse eu —, por amor de Deus.

Mas em vão esperei uma resposta a estas palavras. Perdi a paciência. Chamei em voz alta:

— Fortunato!

Não houve resposta. Chamei novamente:

— Fortunato!

Nada. Meti um archote pela abertura que restava e deixei-o cair lá dentro. Como resposta só veio um tilintar de campainhas. Senti-me mal — sem dúvida o resultado da humidade das catacumbas. Apressei-me a terminar o meu trabalho. Coloquei devidamente a outra pedra; cimente-a. Contra a parede nova ergui a antiga muralha de ossos. Há meio século que nenhum mortal os perturba. *In pace requiescat!*



COLECÇÃO

MINIATURA

Pequenas jóias literárias dos maiores autores

ÚLTIMOS VOLUMES PUBLICADOS:

- 146—*Billy Budd*, por HERMAN MELVILLE
- 147—*Um Amor de Swann*, por MARCEL PROUST
- 148—*A Terra Prometida*, por ERNESTO CONTRERAS
- 149—*Margarida da Noite*, por PIERRE MAC ORLAN
- 150—*As 21,13*, por FELIX CUCURULL
- 151—*A Fusão das Neves*, por ANDRÉ BAY
- 152—*A Pequena Casa*, por ANNA BANTI
- 153—*O Tempo dos Mortos*, por PIERRE GASCAR
- 154—*Estado de Sítio*, por ALBERT CAMUS
- 155—*Dois Negros em Estherville*, por ERSKINE CALDWELL
- 156—*Na Minha Morte*, por WILLIAM FAULKNER
- 157—*Cadernos*, por ALBERT CAMUS
- 158—*Pierrette*, por HONORÉ DE BALZAC
- 159—*A Tentação do Ocidente*, por ANDRÉ MALRAUX
- 160—*Colomba*, por PROSPER MÉRIMÉE
- 161—*Histórias de Paixão*, por ERNEST HEMINGWAY e outros
- 162—*Cadernos II*, por ALBERT CAMUS
- 163—*As Torrentes da Primavera*, por ERNEST HEMINGWAY
- 164—*O Macaco e a Essência*, por ALDOUS HUXLEY
- 165—*O Destino Bate à Porta*, por JAMES M. CAIN
- 166—*A Confidência Imperfeita*, por ANDRÉ GIDE
- 167—*O Barril de Amontillado*, por EDGAR ALLAN POE

NO PRELO:

- 168—*Cadernos III*, por ALBERT CAMUS

COLECÇÃO MINIATURA

EDGAR ALLAN PÖE

O BARRIL DE AMONTILLADO

E OUTRAS NOVELAS

Tradução de
MALDONADO FARIA



56939-D



EDIÇÃO «LIVROS DO BRASIL» LISBOA

CAPA DE INFANTE DO CARMO

Reservados todos os direitos pela legislação em vigor

TODOS OS LIVROS DA «COLEÇÃO MINIATURA»
CONTÊM O TEXTO INTEGRAL DAS OBRAS ORIGINAIS

O BARRIL DE AMONTILLADO

Suportara eu, enquanto possível, as mil ofensas de Fortunato mas, quando ele se aventurou a insultar-me, jurei vingança.

Vós, que tão bem conheceis a natureza da minha alma, não haveis de supor, porém, que proferi alguma ameaça. *Afinal*, deveria vingar-me. Isto era um ponto definitivamente assente, mas essa resolução definitiva excluiu a ideia de risco. Eu devia não só punir, mas punir com impunidade. Não se desagrava uma injúria, quando o castigo recai sobre o desagravante. O mesmo acontece quando o vingador deixa de fazer sentir a sua qualidade de vingador a quem o injuriou.

Fica logo entendido que nem por palavras, nem por factos, dera eu a Fortunato motivo para duvidar da minha boa vontade. Continuei, como de costume, a mostrar-lhe cara alegre, e ele não percebia que o meu sorriso, *agora*, provinha da ideia da sua imolação.

O Fortunato tinha o seu lado fraco, embora, a outros respeito, fosse um homem acatado e até temido. Orgulhava-se de ser conhecedor de vinhos. Poucos italianos têm o verdadeiro espírito do «conhecedor». Na maior parte, o seu entusiasmo adapta-se às circunstâncias do momento e da oportunidade, para ludibriar milionários ingleses e austríacos. Em matéria de pintura e ourivesaria era Fortunato, tal como os seus patrícios, um impostor, mas em assunto de vinhos velhos era sincero. A este respeito, éramos da mesma força. Considerava-me muito entendido em vinhos italianos, e, sempre que podia, comprava-os em larga escala.



Foi ao escurecer de uma tarde, durante o supremo delírio carnavalesco, que encontrei o meu amigo. Abordou-me com excessivo ardor, pois já estava bastante bebido. Estava fantasiado, com um traje apertado e listado, trazendo na cabeça uma carapuça cônica, cheia de guizos. Tão contente fiquei ao vê-lo, que não cessava de apertar-lhe a mão. E disse-lhe:

— Meu caro Fortunato, foi uma felicidade encontrá-lo. Como você está hoje bem disposto! Recebi uma pipa de um vinho, dado como amontillado, e tenho as minhas dúvidas.

— Como? — disse ele. — Amontillado? Uma pipa? Impossível. E no meio do carnaval!

— Tenho as minhas dúvidas — repliquei — mas fui bastante tolo em pagar o preço total do amontillado, sem antes o consultar a si. Não consegui encontrá-lo e tinha receio de perder uma pechincha.

— Amontillado!

— Tenho as minhas dúvidas.

— Amontillado!

— E preciso desfazê-las.

— Amontillado!

— Se você não estivesse ocupado... Vou a casa de Luchesi. Se há alguém que entenda disso, é ele. Terá de dizer-me...

— Luchesi não sabe diferenciar um amontillado de um xerez.

— No entanto, há uns parvos que dizem por aí que, em matéria de vinhos, vocês se equiparam.

— Pois então vamos.

— Para onde?

— Para a sua adega.

— Não, meu amigo. Não quero abusar da sua boa vontade. Vejo que você está ocupado. Luchesi...

— Não estou ocupado coisa nenhuma... Vamos.

— Não, meu amigo. Não é por isso, mas é que vejo que você está fortemente constipado. A adega está de uma humidade intolerável. Tem as paredes incrustadas de salitre.

— Não tem importância, vamos. É uma constipação ligeira.

Amontillado! Acho que você foi enganado. Quanto a Luchesi, é incapaz de distinguir um xerez de um amontillado.

Assim falando, Fortunato agarrou-me o braço. Pondo no rosto uma máscara de seda e enrolando-me num rocló, dei-me a levar por ele, apressadamente, na direcção do meu palácio.

Todos os criados haviam saído para se divertirem no carnaval. Dissera-lhes que só voltaria de madrugada e dera-lhes explícitas ordens para não se afastarem de casa. Foi, porém, o bastante, bem o sabia, para que se sumissem, logo que virei costas.

Peguei em dois archotes, um dos quais entreguei a Fortunato, e conduzi-o através de várias salas até à passagem abobadada, que levava à adega. Desci à frente dele uma longa e tortuosa escada, aconselhando-o a ter cuidado. Chegámos por fim ao sopé e ficámos juntos, no chão húmido das catacumbas dos Montresors.

O meu amigo cambaleava e os guizos da sua carapuça tilintavam, a cada passo que dava.

— Onde está a pipa? — perguntou ele.

— Mais para o fundo — respondi — mas repare nas teias cristalinas que brilham nas paredes desta caverna.

Ele voltou-se para mim e fitou-me bem nos olhos, com aqueles seus dois glóbulos vítreos que destilavam a reuma da bebedeira.

— Salitre? — perguntou ele, por fim.

— É, sim — respondi. — Há quanto tempo está você com essa tosse?

— Eh! eh! eh! eh! eh! eh! eh! — pôs-se ele a tossir e, durante muitos minutos, não conseguiu o meu pobre amigo dizer uma palavra.

— Não é nada — disse ele, afinal.

— Venha — disse eu, decidido. — Vamos voltar. A sua saúde é preciosa. Você é rico, respeitado, admirado, amado. Você é feliz, como eu era outrora. Você é um homem que faz falta.



Quanto a mim, não. Voltemos. Você pode piorar e não quero ser responsável por isso. Além do que, posso recorrer a Luchesi...

—Basta!—disse ele.—Esta tosse não vale nada. Não me há-de matar. Não é de tosse que hei-de morrer.

—Isso é verdade... isso é verdade—respondi—e de facto não era minha intenção alarmá-lo sem motivo. Mas acho que você deveria tomar todas as precauções. Um gole deste Médoc defender-nos-á da humidade.

Então fiz saltar a rolha de uma garrafa, que retirei de uma longa fileira empilhada no chão.

—Beba—disse eu, apresentando-lhe o vinho.

Levou a garrafa aos lábios com um olhar malicioso. Calou-se um instante e cumprimentou-me com familiaridade, fazendo tilintar os guizos.

—Bebo pelos defuntos que repousam em torno de nós—disse ele.

—E eu para que você viva muito.

Pegou-me de novo pelo braço e prosseguimos.

—Estas adegas são enormes—disse ele.

—Os Montresors eram uma família rica e numerosa—respondi.

—Não me lembro quais são as suas armas.

—Um enorme pé humano dourado, em campo blau; o pé esmaga uma serpente rastejante, cujos colmilhos se lhe cravam no calcanhar.

—E qual é a divisa?

—*Nemo me impune lacessit.*

—Bonito!—disse ele.

O vinho faiscava-lhe nos olhos e os guizos tilintavam. A minha própria imaginação se aquecia com o Médoc. Havíamos passado diante de paredes de ossos empilhados, entre barris e pipotes, até os recessos extremos das catacumbas. Parei de novo e desta vez atrevi-me a agarrar Fortunato por um braço, acima do cotovelo.

—O salitre! Veja, está a aumentar. Parece musgo agarrado às paredes. Estamos por baixo do leito do rio. As gotas de humidade filtram-se entre os ossos. Venha, vamos antes que seja demasiado tarde. A sua tosse...

—Não é nada—disse ele.—Continuemos. Mas antes dê-me outro gole de Médoc.

Quebrei o gargalo de uma garrafa de De Grave e entreguei-lha. Esvaziou-a de um trago. Os seus olhos cintilavam, ardentes. Riu e atirou a garrafa ao ar, com um gesto que eu não compreendi.

Olhei surpreso para ele. Repetiu o grotesco movimento.

—Não compreende?—perguntou.

—Não.

—Então não pertence à irmandade?

—Que irmandade?

—Você não é maçã?

—Sim, sim, sim—respondi.

—Você? Maçã? Não é possível.

—Sou maçã, sim.

—Mostre o sinal—disse ele.

—É este—respondi, retirando de sob as dobras do meu rocló uma colher de pedreiro.

—Você está a brincar—exclamou ele, dando uns passos para trás.—Mas vamos ver o amontillado.

—Pois vamos—disse eu, recolocando a colher debaixo do capote e oferecendo-lhe, de novo, o meu braço, sobre o qual ele se apoiou pesadamente. Continuámos o caminho em busca do amontillado. Passamos por uma série de baixas arcadas, demos voltas, seguimos para a frente, descemos de novo e chegámos a uma profunda cripta, onde a impureza do ar reduzia a chama dos nossos archotes a brasas avermelhadas.

No recanto mais remoto da cripta, outra se descobria menos espaçosa. Nas suas paredes alinhavam-se restos humanos, empilhados até o alto da abóbada, à maneira das grandes catacumbas de Paris. Três laços dessa cripta interior estavam



ornamentados. Do quarto haviam sido afastados os ossos, que jaziam misturados no chão, formando em certo ponto um montículo de avultado tamanho. Na parede assim desguarnecida dos ossos, avistámos um outro nicho, com cerca de quatro pés de profundidade, três de largura e seis ou sete de altura. Não parecia ter sido escavado para um uso especial, mas formado simplesmente pelo intervalo entre dois dos colossais pilares de tecto das catacumbas e tinha como fundo uma das paredes de sólido granito, que os circunscreviam. Foi em vão que Fortunato, erguendo a tocha mortíça, tentou esporear a profundidade do recesso. A fraca luz não nos permitia ver-lhe o fim.

—Vamos—disse eu—aqui está o amontillado. Quanto a Luchesi...

—É um ignorantaço!—interrompeu o meu amigo, enquanto caminhava, vacilante, para diante e eu o acompanhava rente aos seus calcanhares. Sem demora alcançou a extremidade do nicho e, não podendo prosseguir, por causa da rocha, ficou estupidamente apatetado. Um momento mais e ei-lo acorrentado por mim ao granito. Na sua superfície havia dois anéis de ferro, distando um do outro cerca de dois pés, horizontalmente. De um deles pendia uma curta cadeia e do outro um cadeado. Passar-lhe a corrente em torno da cintura e prendê-lo, bem seguro, foi obra de minutos. Estava por de mais atônito para resistir. Tirando a chave, saí do nicho.

—Passe a mão—disse eu—por sobre a parede; não poderá deixar de sentir o salitre. É de facto *bastante* húmido. Mais uma vez permita-me *implorar-lhe* que volte. Não? Então devo positivamente deixá-lo. Mas é preciso primeiro prestar-lhe todas as pequeninas atenções que puder.

—O amontillado!—vociferou o meu amigo, ainda não recobrado do espanto.

—É verdade—repliquei—o amontillado.

Ao dizer estas palavras, pus-me a procurar as pilhas de ossos, a que me referi antes. Atirando-os para um lado, logo

descobri grande quantidade de tijolos e argamassa. Com estes materiais e com o auxílio da minha colher de pedreiro, comecei com vigor a emparedar a entrada do nincho.

Mal eu havia começado a acamar a primeira fila de tijolos; descobri que a embriaguez do Fortunato se tinha dissipado em grande parte. O primeiro indício disto que tive foi um surdo lamento, lá do fundo do nicho. Não *era* o choro de um homem embriagado. Seguiu-se então um longo e obstinado silêncio. Deitei a segunda camada, a terceira e a quarta e depois ouvi as furiosas vibrações da corrente. O barulho durou vários minutos, durante os quais, para gozá-lo com maior satisfação, interrompi o meu trabalho e sentei-me em cima dos ossos. Quando, finalmente, o tilintar cessou, tornei a pegar na colher e acabei sem interrupção a quinta, a sexta e a sétima camadas. A parede estava agora quase ao nível do meu peito. Parei de novo e, levantando o archote por cima dela, lancei uns poucos e fracos raios para sobre o rosto dentro do nicho. Uma explosão de berros fortes e agudos, provindos da garganta do vulto acorrentado, fez-me recuar com violência. Durante um breve momento hesitei. Tremia. Desembainhando a minha espada, comecei a apalpar com ela em torno do nicho, mas uns instantes de reflexão tranquilizaram-me. Coloquei a mão sobre a alvenaria sólida das catacumbas e senti-me satisfeito. Reaproximei-me da parede. Respondi aos urros do homem. Servi-lhe de eco... ajudei-o a gritar... ultrapassei-o em volume e em força. Fui fazendo assim e por fim cessou o clamor.

Era agora meia-noite e o meu serviço chegara ao termo. Completara a oitava, a nona e a décima camadas. Tinha acabado uma porção desta última e a décima-primeira. Faltava apenas uma pedra a ser colocada e argamassada. Carreguei-a com dificuldade por causa do peso. Coloquei-a, em parte, na posição devida. Mas então irrompeu de dentro do nicho uma enorme gargalhada, que me fez eriçar os cabelos. Seguiu-se-lhe uma voz lamentosa, que tive dificuldade em reconhecer como a do nobre Fortunato. A voz dizia:

— Ah! ah! ah!... Eh! eh! eh!... Uma troca bem boa, de facto... uma excelente pilhéria. Haveremos de rir a bandeiras despregadas lá no palácio... Eh! eh! eh!... a respeito desse vinho... Eh! eh! eh!

— O amontillado! — exclamei eu.

— Eh! eh! eh!... Eh! eh! eh!... Sim, o amontillado. Mas já não será tarde? Não estarão já à nossa espera, no palácio, minha mulher e os outros? Vamo-nos embora.

— Sim — disse eu — vamo-nos embora.

— *Pelo amor de Deus, Montresor!*

— Sim — disse eu — pelo amor de Deus!

Aguardei debalde uma resposta a essas palavras. Impaciente-me. Chamei em voz alta.

— Fortunato.

Nenhuma resposta. Chamei de novo:

— Fortunato!

Nenhuma resposta ainda. Lancei uma tocha, através da abertura remanescente, e deixei-a cair lá dentro. Como resposta ouvi apenas o tinir dos guizos. Senti um aperto no coração... devido talvez à humidade das catacumbas. Apressei-me a terminar o meu trabalho. Coloquei a última pedra na sua posição. Argamassei-a. Contra a nova parede, reergui a velha muralha de ossos. Já faz meio século que mortal algum os remexeu. *In pace requiescat!*

A BALELA DO BALÃO



ANEXO 2 –**LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO JUNTO À PORBASE**

Para a seleção do material da presente investigação, realizamos uma pesquisa bibliográfica para aquisição dos textos traduzidos em Portugal do conto “The Cask of Amontillado”, a qual contou com a colaboração da PORBASE. A Base Nacional de Dados Bibliográficos é um catálogo coletivo em Linha das Bibliotecas Portuguesas; abrange 134 bibliotecas coordenadas pela Biblioteca Nacional e pode ser encontrado como um site na Internet (www.porbase.bn.pt) desde maio de 1988. Segue a pesquisa total:



 PORBASE: Resultados de pesquisa

N₁ - ACHARD, Amédée ; POE, Edgar Allan, 1809-1849 ; SARDOU Victorien, 1831-1908
Alexandrina / Amédée Achard. - Porto: Imp. Portuguesa, 1876. - 253 p., 1 f. ; 18 cm. -
 (Biblioteca elegante)

BN L. 58929 P.

[1]-AU ACHARD, AMEDEE [2]-AU POE, EDGAR ALLAN, 1809-1849 [3]-AU SARDOU VICTORIEN, 1831-1908

N₂ - BYRON, Lorde, 1788-1824 ; MOORE, Thomas, 1779-1852 ; POE, Edgar Allan, 1809-1849

Manfredo / Lord Byron, trad. por Romulo E. Duron. - Tegucigalpa: Tip. Nacional, 1917. - 76,
 [2] p.

BN L. 4454//4 A.

[1]-AU BYRON, LORDE, 1788-1824 [2]-AU DURON, ROMULO ERNESTO, 1865-1942 [3]-AU MOORE, THOMAS, 1779-1852 [4]-AU POE, EDGAR ALLAN, 1809-1849

N₃ - GREAT SHORT STORIES

Great short stories / Edgar Allan Poe... [et al.]. - London: Fleet, 1947. - 149, [1] p.

CDU: 82 A/Z

BN L. 83165 P.

[1]-AU POE, EDGAR ALLAN, 1809-1849 [2]-CDU 82 A/Z

 **4 - POE, Edgar Allan**

The 70 best tales of Edgar Allan Poe. - New York: Gallery Books, 1990. - 617 p. ISBN 0-8317-2604-0

CDU: 820(73)-34 Poe, Edgar Allan

UCLE NA 813.39 POE

[1]-AU POE, EDGAR ALLAN [2]-CDU 820(73)-34 POE, EDGAR ALLAN

 **5 - POE, Edgar Allan**

Tales, poems, essays / Edgard Allan Poe, with an introd. by Lawrence Meynell. - London: Collins, 1952. - 576 p. ; 19 cm. - (Collins classics ; 592)

CDU: 820(73) Poe 2

UCJPII 820(73) POE-TA

[1]-AU POE, EDGAR ALLAN [2]-CDU 820(73) POE 2

 **6 - POE, Edgar Allan**

Poésies complètes / Edgar Poe, trad. par Gabriel Mourey. - Paris: Mercure de France, 1910. - 307 p. ; 19 cm. - (Col. d'auteurs étrangers)

CDU: 820(73) Poe 3 ; 820(73)-1 Poe

UCJPII SARD-2217

<http://simus.biblioteca-nacional.pt/scripts/simus.exe/queryp>

09/11/98

[1]-AU POE, EDGAR ALLAN [2]-CDU 820(73) POE 3 [3]-CDU 820(73)-1 POE



7 - POE, Edgar Allan

Histoires extraordinaires / par Edgar Poe, trad. de Charles Baudelaire. - Paris: Nelson, [1910?]. - 384 p. ; 17 cm. - (Nelson ; 42)

CDU: 820(73) Poe 7 H. extra. .03 40

UCJPII SARD-2218

[1]-AU POE, EDGAR ALLAN [2]-CDU 820(73) POE 7 H. EXTRA. .03 40



8 - POE, Edgar Allan

Narraciones completas / [de] Edgar Allan Poe, con un prólogo sobrela vida y las obras de Edgar A. Poe por Charles Baudelaire. - Madrid: Aguilar, 1951. - 1145 p. ; 14 cm

CDU: 012 ; 820(73) Poe.1.03=60

UCJPII 820(73) POE-NC

[1]-AU POE, EDGAR ALLAN [2]-CDU 012 [3]-CDU 820(73) POE.1.03=60



9 - POE, Edgar Allan

Histórias extraordinárias / Edgar Allan Poe. - Mem Martins: Publicações Europa-América, D.L:1989-. - 2 vols. ; 17 cm. - (Pendulo ; 10. - Vol. I Trad. de J. teixeira de Aguiar.- s.d.-150 p.

CDU: 820(73)

ESEV 820(73) POE HIS

[1]-AU POE, EDGAR ALLAN [2]-CDU 820(73)



10 - POE, Edgar Allan

Comedies and satires / Edgar Allan Poe, edited with an introd. by David Galloway. - New York: Penguin Books, 1987. - 256 p. ; 20 cm. - (Penguin Classics) ISBN 0-14-039055-3

CDU: 820(73) Poe, E. A. 7 Comedies

UCJPII 820(73) POE-CO

[1]-AU POE, EDGAR ALLAN [2]-CDU 820(73) POE, E. A. 7 COMEDIES



11 - POE, Edgar Allan

O gato preto: contos / Edgar Allan Poe, trad. de Graça Rodrigues. - Lisboa: Fomento de Publicações, [194-?]. - 46 p. ; 17 cm. - (Mosaico. Pequena antologia de obras primas)

CDU: 820(73)-312.4 Poe, E. 7 Gato .03=690

UCJPII 820(73) POE-GAT

[1]-AU POE, EDGAR ALLAN [2]-CDU 820(73)-312.4 POE, E. 7 GATO .03=690



{N} 12 - POE, Edgar Allan, 1809-1849

Uma descida no Maelstrom / Edgar Allan Poe, trad. J. Teixeira de Aguiar. - Lisboa: Expo'98, 1996. - 43 p. ; 14 cm. - (98 mares ; 10). - Extraído de *Histórias extraordinárias*. - Tít. orig. *A descent into the Maelstrom* ISBN 972-8127-41-3

<http://sius.biblioteca-nacional.pt/scripts/sius.exe/queryp>

09/11/98

CDU: 821.111(73)-31"18"

BN L. 86888 P. **UCBG** 6-40-17-57

[1]-AU AGUILAR, J. TEIXEIRA DE [2]-AU POE, EDGAR ALLAN, 1809-1849 [3]-CDU 821.111(73)-31"18"



13 - POE, Edgar Allan, 1809-1849

The portable Edgar Allan Poe / edited by Philip Van Doren Stern. - New York: Penguin Books, 1977. - XXXVIII, 666 p. ; 20 cm ISBN 0-14-015012-9

CDU: 820(73)

IPLGD 820(73) POE

[1]-AU POE, EDGAR ALLAN, 1809-1849 [2]-AU STERN, PHILIP VAN DOREN, [3]-CDU 820(73)



14 - POE, Edgar Allan, 1809-1849

Contos: Edgar Poe. - [S.l.: s.n.], 1934. - 65 p., 1 f. ; 19 cm

BN L. 26620//13 P.

[1]-AU POE, EDGAR ALLAN, 1809-1849



15 - POE, Edgar Allan, 1809-1849

Choix de contes / Edgar Poe, trad. de Charles Baudelaire. - Paris: Aubier, 1958. - 354 p. ; 19 cm. - (Collection bilingue des classiques étranges. Littérature anglaise)

CDU: 820(73) Poe 3 .02 40 ; 820(73)-34

UCJPII 820(73) POE-CC

[1]-AU BAUDELAIRE, CHARLES, 1821-1867 [2]-AU POE, EDGAR ALLAN, 1809-1849 [3]-CDU 820(73) POE 3 .02 40 [4]-CDU 820(73)-34



16 - POE, Edgar Allan, 1809-1849

Contos de Edgar Poe. - [S.l.: s.n.], 1934. - 65 p., 1 f. ; 19 cm. - (Gonçalves ; 11)

BN L. 26350 P.

BN L. 26351 P.

BN L. 36336//2 P.

BN L. 36365//8 P.

[1]-AU POE, EDGAR ALLAN, 1809-1849



17 - POE, Edgar Allan, 1809-1849

O escaravelho de ouro / Edgar Poe. - [S.l.: s.n.], 1935. - 75 p. ; 19 cm. - (Coleção Gonçalves)

BN L. 28071//10 P.

[1]-AU POE, EDGAR ALLAN, 1809-1849



18 - POE, Edgar Allan, 1809-1849

The poems and three essays on poetry. - London: Oxford University Press, 1938. - VII, 570 p.

BN L. 35198 P.

[1]-AU JOHNSON, BRIMLEY R. [2]-AU POE, EDGAR ALLAN, 1809-1849 [3]-AU PYM, ARTHUR GORDON



19 - POE, Edgar Allan, 1809-1849

Tales. - New York: Random House, 1944. - XII, 562 p. : il., 30 est. ; 21 cm

BN L. 36330 P.

[1]-AU ALLEN, HERVEY [2]-AU EICHENBERG, FRITZ [3]-AU POE, EDGAR ALLAN, 1809-1849



{N₂₀ - POE, Edgar Allan, 1809-1849

O barril de amontillado e outras novelas / Edgar Allan Poe, trad. de Maldonado Faria. - Lisboa: Livros do Brasil, [D.L. 1966]. - 191, 1 p. ; 16 cm. - (Miniatura)

BN L. 58012 P.

[1]-AU FARIA, MALDONADO [2]-AU POE, EDGAR ALLAN, 1809-1849

{N₂₁ - POE, Edgar Allan, 1809-1849

O corvo e outros poemas / Edgar Allan Poe, trad. Fernando Pessoa. - 3ª ed. - Lisboa: Ulmeiro, 1995. - 59, [2] p. ; 21 cm. - (Mínima ; 2) ISBN 972-706-247-4

CDU: 821.111(73)-1"19"

BN L. 51472 V.

BPMP I8-14-25[2]

UCBG 5-53-27-96

[1]-AU PESSOA, FERNANDO, 1888-1935 [2]-AU POE, EDGAR ALLAN, 1809-1849 [3]-CDU 821.111(73)-1"19"

{N₂₂ - POE, Edgar Allan, 1809-1849

Selected prose and poetry. - New York: Rinehart, 1950. - XXVI, [1], 528 p.

BN L. 41748 P.

[1]-AU AUDEN, W. H., 1907-1973 [2]-AU POE, EDGAR ALLAN, 1809-1849

{N₂₃ - POE, Edgar Allan, 1809-1849

Histórias de mistério e horror / Edgar Allan Poe, trad. Maria Ivelise Martins e Maria Fernanda de Brito. - Porto: Civilização, 1966. - 271, [2] p. ; 17 cm. - (Civilização. Autores americanos)

BN L. 58817 P.

[1]-AU BRITO, MARIA FERNANDA CONSTANCE DE, 1926- [2]-AU MARTINS, IVELISE ALBUQUERQUE [3]-AU POE, EDGAR ALLAN, 1809-1849

{N₂₄ - POE, Edgar Allan, 1809-1849

A ilha da fada e outras histórias / E. A. Poe, trad. Marcela C.. - Lisboa: Tempus, D.L. 1995. - 74 p. ; 21 cm. - Tit. orig. The island of the fay, Ligeia, Eleanora, Berenice ISBN 972-8198-06-X

CDU: 821.111(73)-34"18"

BN L. 52700 V.

UCBG 6-47-22-51

BPMP R2-2-117[5]

[1]-AU C., MARCELA [2]-AU POE, EDGAR ALLAN, 1809-1849 [3]-CDU 821.111(73)-34"18"



{N₂₅ - POE, Edgar Allan, 1809-1849

The raven and other favorite poems / Edgar Allan Poe. - New York: Dover, 1991. - 50 p. ; 21 cm. - (Dover thrift editions) ISBN 0-486-26685-0

CDU: 820(73)

IPLGD 820(73) POE

[1]-AU POE, EDGAR ALLAN, 1809-1849 [2]-CDU 820(73)

{N₂₆ - POE, Edgar Allan, 1809-1849

Aventuras de Artur Gordon Pym / Edgar Poe, trad. de Alice Ogando. - [S.l.: s.n.], 1936. - 279 p. ; 14 cm. - (Civilização. Série amarela ; 15)



BN L. 28206 P.

[1]—AU OGANDO, ALICE, 1900-1981 [2]—AU POE, EDGAR ALLAN, 1809-1849

N₂₇ - POE, Edgar Allan, 1809-1849*O escaravelho de ouro* / Edgar Poe, trad. de Joao Meireles. - Porto: Livr. Editora, 1937. - 220, [4] p. ; 18 cm. - (Juventude ; 5)

BN L. 30970 P.

[1]—AU MEIRELES, JOAO [2]—AU POE, EDGAR ALLAN, 1809-1849

N₂₈ - POE, Edgar Allan, 1809-1849*Annabel Lee, Ulalume & o corvo* / fEdgar Poe, trad. dos poemas Mallarmé, Pessoa. - Lisboa: Hiena, 1993. - 91, [1] p. ; 21 cm. - (Memória do abismo ; 46) . - Tit. orig. Annabel Lee, Ulalume, the raven

CDU: 820(73)-1"19"

BN L. 48609 V.

UCBG 6-68-2-6

BPMP P3-9-97[46]

[1]—AU MALLARME, STEPHANE, 1842-1898 [2]—AU PESSOA, FERNANDO, 1888-1935 [3]—AU POE, EDGAR ALLAN, 1809-1849 [4]—AU VALENTE, CARLOS [5]—CDU 820(73)-1"19"

N₂₉ - POE, Edgar Allan, 1809-1849*O escaravelho de ouro* / Edgar Poe, trad. de Joao Meireles. - Porto: Ed. Educação Nacional, 1942. - LXXI, 220 P. ; 18 cm. - (Juventude ; 5)

BN L. 34488 P.

[1]—AU MEIRELES, JOAO [2]—AU POE, EDGAR ALLAN, 1809-1849

N₃₀ - POE, Edgar Allan, 1809-1849*O escaravelho de ouro* / Edgar Poe, trad. de F. J. Cardoso Júnior. - Lisboa: Ed. Inquérito, 1941. - 72 p. : capa il. ; 19 cm. - (Novelas "Inquérito" ; 20)

BN L. 33975/1 P.

[1]—AU CARDOSO JUNIOR, FRANCISCO JOSE, 1884-1969 [2]—AU POE, EDGAR ALLAN, 1809-1849

N₃₁ - POE, Edgar Allan, 1809-1849*Descida ao Maelstrom: antologia* / Edgar Allan Poe. - Lisboa: Agostinho da Silva, 1943. - 27 p. ; 24 cm

BN L. 13083/9 V.

[1]—AU POE, EDGAR ALLAN, 1809-1849

N₃₂ - POE, Edgar Allan, 1809-1849*Um homem na lua e outros contos* / Edgar Allan Poe, trad. Domingos Monteiro. - Lisboa: Editorial Inquérito, 1943. - 256, [8] p. ; 19 cm. - (Os melhores contos dos melhores contista)

BN L. 13771 P.

[1]—AU MONTEIRO, DOMINGOS, 1903-1980 [2]—AU POE, EDGAR ALLAN, 1809-1849

N₃₃ - POE, Edgar Allan, 1809-1849*Contos completos* / Edgar Allan Poe, trad. e pref. de Manuel Barbosa. - Coimbra: Saber, 1944. - v. ; 19 cm. - 1º V. 219, [2] p.

BN C.G. 5918 P.

<http://sinus.biblioteca-nacional.pt/scripts/sinus.exe/queryp>

09/11/98



[1]—AU BARBOSA, MANUEL, 1905- [2]—AU POE, EDGAR ALLAN, 1809-1849

BN₃₄ - POE, Edgar Allan, 1809-1849*O manuscrito encontrado numa garrafa* ; / Edgar Allan Poe, trad. de Manuel Barbosa. - Coimbra: Saber, 1944. - [2], 48 p. ; 19 cm. - (Selecta ; 1)

BN L. 23239//8 P.

[1]—AU BARBOSA, MANUEL, 1905- [2]—AU POE, EDGAR ALLAN, 1809-1849

BN₃₅ - POE, Edgar Allan, 1809-1849*O mistério de Marie Roget* / Edgar Allan Poe, trad. de Jorge de Sena. - Lisboa: Portugalíia, 1944. - 141, [1] p. ; 17 cm. - (Biblioteca de algibeira ; 20)

BN L. 36034 P.

[1]—AU POE, EDGAR ALLAN, 1809-1849 [2]—AU SENA, JORGE DE, 1919-1978

BN₃₆ - POE, Edgar Allan, 1809-1849*O baile das chamas* / Edgar Poe, trad. Carlos Sequeira. - Lisboa: Delta, [1923]. - [2], 30, [2] p. : il. ; 15 cm. - (Novelas &

CDU: 821.111(73)-34"18"

BN L. 85729 P.

BN L. 19833//7 P.

BN L. 19834//2 P.

BN L. 20943//8 P.

[1]—AU BARATA, MARTINS, 1899-1970 [2]—AU POE, EDGAR ALLAN, 1809-1849 [3]—AU SEQUEIRA, CARLOS [4]—CDU 821.111(73)-34"18"

BN₃₇ - POE, Edgar Allan, 1809-1849*William Wilson* / Edgar Poe, trad. Carlos Sequeira. - Lisboa: Delta, [1923]. - 37, [1] p. : il. ; 15 cm. - (Novelas &

CDU: 821.111(73)-34"18"

BN L. 85728 P.

BN L. 19833//4 P.

BN L. 29080//3 P.

[1]—AU BARATA, MARTINS, 1899-1970 [2]—AU POE, EDGAR ALLAN, 1809-1849 [3]—AU SEQUEIRA, CARLOS [4]—CDU 821.111(73)-34"18"

BN₃₈ - POE, Edgar Allan, 1809-1849*Tales of mystery and imagination*. - London: Longman, 1974. - 118 p. - (Longman simplified English series) ISBN 0-582-52891-7

CDU: 820

UAVSD LC-31/4-PO4-6

[1]—AU POE, EDGAR ALLAN, 1809-1849 [2]—CDU 820

BN₃₉ - POE, Edgar Allan, 1809-1849*Nouvelles histoires extraordinaires*. - Paris: Livre de Poche, 1975. - XXIV, 358 p. - (Le Livre de Poche : classique ; 1055) ISBN 2-253-00433-2

CDU: 820

UAVSD LC-31/4-PO4-1

[1]—AU POE, EDGAR ALLAN, 1809-1849 [2]—CDU 820





40 - POE, Edgar Allan, 1809-1849

Oeuvres complètes. - [Paris]: Gallimard, 1975. - XIII, 1165 p. - (Bibliothèque de la Pléiade)

CDU: 820

UAVSD LC-31/4-PO4-2

[1]-AU POE, EDGAR ALLAN, 1809-1849 [2]-CDU 820



41 - POE, Edgar Allan, 1809-1849

The poems of Edgar Allan Poe / edited by Thomas Olive Mabbott. - Cambridge,[Mass]: Harvard University, 1980. - XVI, 495 p. - (HO ; 166) ISBN 0-674-67780-3

CDU: 820

UAVSD LC-31/4-PO4-3

[1]-AU MABBOTT, THOMAS OLLIVE [2]-AU POE, EDGAR ALLAN, 1809-1849 [3]-CDU 820



42 - POE, Edgar Allan, 1809-1849

Histórias extraordinárias / Edgar Allan Poe, adapt. Naunerle Farr. - Lisboa: Publica, imp. 1986. - 61 p. : todo il. ; 21 cm. - (Biblioteca RTP. Clássicos e banda desenhada ; 28)

CDU: 087.5

BN P. 8185 V.

[1]-AU FARR, NAUNERLE [2]-AU POE, EDGAR ALLAN, 1809-1849 [3]-AU TALOAC, G. [4]-CDU 087.5



43 - POE, Edgar Allan, 1809-1849

Três poemas e uma gênese / Edgar Allan Poe, trad. Fernando Pessoa e Aníbal Fernandes. - Lisboa: & Etc., imp. 1985. - 49, [2] p. ; 21 cm. - (Série K ; 16)

CDU: 820(73)

BN L. 36007 V.

ULLE LTG 39 V

[1]-AU FERNANDES, ANIBAL, 1944- [2]-AU PESSOA, FERNANDO, 1888-1935 [3]-AU POE, EDGAR ALLAN, 1809-1849 [4]-CDU 820(73)



44 - POE, Edgar Allan, 1809-1849

Histórias extraordinárias / Edgar Allan Poe, trad. J. Teixeira de Aguiar. - Mem Martins: Europa-América, [D.L. 1984]-. - v. ; 18 cm. - (Livros de bolso. Série pêndulo ;) . - 1º v. (Livros de bolso. Série pêndulo; 10)

CDU: 820(73)-31 Poe, E. A.

BN C.G. 8437 P.

CMOPA 820-A 4829

[1]-AU AGUIAR, J. TEIXEIRA DE [2]-AU POE, EDGAR ALLAN, 1809-1849 [3]-CDU 820(73)-31 POE, E. A.



45 - POE, Edgar Allan, 1809-1849

Histórias extraordinárias / Edgar Allan Poe. - Mem Martins: Europa-América, [D.L. 1982]-. - v. ; 18 cm. - (Livros de bolso Europa-América) . - 1º trad. J. Teixeira de Aguiar.- 152 p.- (Livros de Bolso Europa-América; 230)0

CDU: 820(73)



BN C.G. 8334 P.

[1]-AU POE, EDGAR ALLAN, 1809-1849 [2]-CDU 820(73)

N₄₆ - POE, Edgar Allan, 1809-1849*Gordon Pym* / Edgar Poe, trad. R. Correia. - Lisboa: Amigos do Livro, [D.L. 1977]. - 280, [7] p., [12] p. il. : il. ; 19 cm. - Tit. orig. The narrative of Arthur Gordon Pym de Nantucket

CDU: 820(73)

BN L. 70742 P.

[1]-AU CORREIA, RAUL, 1904-1985 [2]-AU POE, EDGAR ALLAN, 1809-1849 [3]-CDU 820(73)

N₄₇ - POE, Edgar Allan, 1809-1849*O mistério de Marie Roget* / Edgar Poe, trad. rev. por Pedro Reis. - Lisboa: Amigos do Livro, [D.L. 1977]. - 207, [2] p. : il. ; 18 cm. - (Obras primas do mistério e do fantástico)

CDU: 820(73)

BN L. 71300 P.

[1]-AU POE, EDGAR ALLAN, 1809-1849 [2]-AU REIS, PEDRO [3]-CDU 820(73)

N₄₈ - POE, Edgar Allan, 1809-1849*O corvo* / de Edgar Allan Poe. - "Athena", Lisboa, 1 (1) Out. 1924, p. 27-29

BN J. 2641 B.

[1]-AU PESSOA, FERNANDO, 1888-1935 [2]-AU POE, EDGAR ALLAN, 1809-1849

N₄₉ - POE, Edgar Allan, 1809-1849*Os poemas finais de Edgar Poe*. - "Athena", Lisboa, 1 (4) Jan. 1925, p. 101-164

BN J. 2641 B.

[1]-AU PESSOA, FERNANDO, 1888-1935 [2]-AU POE, EDGAR ALLAN, 1809-1849

N₅₀ - POE, Edgar Allan, 1809-1849*O verme vencedor e outros poemas* / Edgar Allan Poe, trad. Luís Augusto de Sousa. - Lisboa: Organizações, [1957?]-. - v. : il. ; 11 cm. - (Biblioteca mocho ; 10) . - 10º v. 64 p.

CDU: 820+820(73)

BN C.G. 7392 P.

[1]-AU POE, EDGAR ALLAN, 1809-1849 [2]-AU SOUSA, LUIS AUGUSTO DE [3]-CDU 820+820(73)



